



**ISPA**

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Intervenção com famílias socioeconomicamente  
carentiadas: Uma intervenção familiar adaptada ao  
contexto da intervenção comunitária

FILIPA DE LANCASTRE DA COSTA DE MACEDO

Orientador de Dissertação:

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em:

PSICOLOGIA CLÍNICA

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **Agradecimentos**

Esta dissertação de mestrado não só marca o final do meu percurso académico, como também é espelho do trabalho no qual investi este último ano, e que me ajudou a orientar os próximos passos do meu futuro. Este estudo contou com a ajuda e apoio de muitos, e das mais variadas formas. Como tal, deixo aqui o meu profundo agradecimento a todos.

Em primeiro lugar agradeço à Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira pela dedicação e interesse com que se dedicou a todas as fases deste estudo, pela confiança que me saudou, e por todo o apoio que me deu ao longo deste caminhada.

Ao projecto ORIENTA.TE SDR E5G, por tão bem me acolher. À sua grande equipa, em especial à Mariana Pires de Miranda e à Sara Almeida por terem sido tão fantásticas colegas e companheiras de intervenção.

À minha família, em especial à minha mãe e ao meu pai, pelo apoio incondicional, não só ao longo deste ano, como também durante todo o meu percurso académico. Obrigada por sorrirem comigo a cada conquista.

Obrigada à minha madrinha Teresa por se ter interessado e oferecido para ser a primeira a ler este trabalho.

Ao Lourenço, porque, por vezes, acreditou mais do que eu que iria chegar a tempo ao fim deste caminho. Obrigada estares presentes nos bons e nos maus momentos, sempre pronto para me motivares quando mais precisei.

Aos meus amigos. Ao QF, por estarem sempre disponíveis para me ouvir falar sobre este trabalho, e por me acompanharem nos momentos em que precisei não pensar nele. A vossa boa energia e grande amizade é certamente algo que me leva a ser melhor. Aos gregorianos, porque sem vocês e a nossa música todo este percurso tinha sido muito mais difícil de percorrer.

Às minhas colegas do ISPA, pois apoio mútuo que nos demos nesta fase foi seguramente importante para aqui chegarmos, a este fim.

Por último, agradeço sinceramente às famílias que aceitaram integrar esta intervenção.

## **Resumo**

Em Portugal, ainda existem poucos estudos que avaliem a eficácia de intervenções sistémicas com famílias socioeconomicamente vulneráveis. Deste modo, o objectivo deste estudo é avaliar quais as mudanças no funcionamento familiar percebidas por três famílias que integraram esta intervenção baseada na terapia familiar estrutural. Para avaliar as mudanças e a eficácia da intervenção foi delineado um plano de intervenção com três momentos de avaliação. No primeiro e no último momento, a avaliação foi feita através de um entrevista individual, uma adaptação do FACES IV (Olson, 2011) em guião de entrevista. As sessões de intervenção decorreram entre estes dois momentos, e foram avaliadas pelas profissionais responsáveis pela intervenção, através da Clinical Rating Scale (Olson, 1993). Os resultados mostraram existir percepção de mudanças significativas em duas das três famílias participantes

Palavras chave: Famílias Socioeconomicamente Vulneráveis, Intervenção Comunitária, Modelo Circumplexo

## **Abstract**

In Portugal, there are few studies that measure the efficacy of systemic interventions with socioeconomically vulnerable families. Thereby, the goal of this study is to evaluate what changes, in the family function, the three families that integrate this structural family therapy inspired intervention perceive. To evaluate the changes and efficacy of the intervention, it was created an intervention design with three evaluation moments. In the first and the last moment, the evaluation was made with an individual interview, an adaptation of FACES IV (Olson, 2011) to an interview script. The intervention sessions took place within these two moments, and were evaluated by the professionals responsible for the intervention, with the Clinical Rating Scale (Olson, 1993). The results showed that significant changes were perceived by two of the three participant families.

Keywords: Socioeconomically Vulnerable Families, Community Intervention, Circumplex Model

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
Intervenção familiar com famílias socioeconomicamente vulneráveis .....	1
A cultura como variável que influencia as intervenções familiares .....	4
Famílias de ascendência africana em Portugal .....	8
Abordagem Sistémica Estrutural .....	9
Modelo Circumplexo de Olson .....	13
O Modelo Circumplexo e a intervenção com famílias socioeconomicamente vulneráveis..	15
Questões éticas relacionadas com a investigação sobre intervenções familiares .....	16
Diferenças entre a intervenção com famílias em contexto comunitário e a terapia familiar ...	16
Objectivo e Hipóteses .....	18
MÉTODO .....	18
Participantes .....	18
Instrumentos .....	19
Guião de entrevista baseado no Modelo Circumplexo .....	19
Clinical Rating Scale .....	20
Procedimento .....	21
RESULTADOS .....	22
Análise dos resultados da Família 1 .....	22
Análise da dimensão Coesão na Família 1 .....	22
Análise da dimensão Flexibilidade na Família 1 .....	27
Análise da dimensão Comunicação na Família 1 .....	32
Análise da dimensão Transgeracionalidade na Família 1 .....	35
Análise da CRS: Evolução da Família 1 ao longo da intervenção .....	36
Análise dos resultados da Família 2 .....	37
Análise da dimensão Coesão na Família 2 .....	37
Análise da dimensão Flexibilidade na Família 2 .....	42
Análise da dimensão Comunicação na Família 2 .....	46
Análise da dimensão Transgeracionalidade na Família 2 .....	49
Análise da CRS: Evolução da Família 2 ao longo da intervenção .....	50

Análise dos resultados da Família 3 .....	51
Análise da dimensão Coesão na Família 3 .....	51
Análise da dimensão Flexibilidade na Família 3 .....	55
Análise da dimensão Comunicação na Família 3 .....	59
Análise da dimensão Transgeracionalidade na Família 3 .....	63
Análise da CRS: Evolução da Família 3 ao longo da intervenção .....	65
 DISCUSSÃO .....	 66
Discussão dos resultados da Família 1 .....	67
Discussão dos resultados da Família 2 .....	69
Discussão dos resultados da Família 3 .....	72
Relação entre a eficácia e os modelos de intervenção e de análise .....	75
Limitações do estudo .....	76
Porpostas para estudos futuros .....	77
 ANEXOS .....	 78
Anexo A: Figura ilustrativa do Modelo Circumplexo .....	79
Anexo B: Tabelas referentes aos dados descritivos das famílias .....	80
Anexo C: Genogramas iniciais e finais das famílias 1, 2 e 3 .....	81
Anexo D: Guiões das entrevistas realizadas .....	84
Anexo E: Grelha de cotação da Clinical Rating Scale .....	88
Anexo F: Cotações da CRS referentes à Família 1 .....	89
Anexo G: Cotações da CRS referentes à Família 2 .....	100
Anexo H: Cotações da CRS referentes à Família 3 .....	111
Anexo E: Exemplo de uma das entrevistas realizadas .....	117

## INTRODUÇÃO

### **Intervenção familiar com famílias socioeconomicamente vulneráveis**

Na intervenção comunitária com famílias, as soluções aos seus problemas devem ser procuradas no contexto onde a família está inserida, pois os problemas privados e públicos não existem separados, pelo contrário, ambos coexistem (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007). As famílias pobres raramente são capazes de modelar os padrões das entidades que as servem, o que leva a intervenção com estas famílias a também trabalhar a oferta dos serviços com as necessidades das famílias (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 2007). Deste modo, os técnicos e terapeutas que intervêm junto destas famílias têm a responsabilidade de intervir tanto no sistema familiar como no sistema maior em que a família está inserida (McNeil, Herschberger & Nedela, 2013).

Quando se aborda a questão da intervenção com famílias pobres e vulneráveis, a maioria dos programas delineados, testados e avaliados orientam-se para elementos específicos das famílias, as crianças e os jovens. Existem várias investigações que têm por objectivo melhorar a qualidade de vida das crianças e dos jovens, e fazem-nas delineando intervenções com toda a família que vive com a criança ou jovem (Melo & Alarcão, 2009; Molinari, Everri, & Fruggeri, 2010; Epley, Summers & Turnbull, 2011; Cummings & Schatz, 2012; Christensen, 2013), ou apenas com a mãe (Mohoney & Filer, 1996; Almeida, 2011). Nos casos em que este tipo de intervenções são direccionadas para o ambiente de crescimento e bem estar da criança, as mudanças irão surgir maioritariamente a este nível, deixando, por vezes, de parte outros campos da família em que seria benéfico intervir, não só pelo interesse da criança, mas também pelo da família como um todo (Mahoney & Filer, 1996).

Tradicionalmente, a intervenção familiar comunitária é tendencialmente feita com apenas um dos membros da família, aquele que procurou ajuda junto dos serviços de assistência social onde, consoante o tipo de problemas que esse membro apresente, é encaminhado para uma ou mais instituições específicas para a resolução pretendida, iniciando um processo de multiassistência (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

Matos e Sousa (2004, citado por Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007) diferenciaram sete tipos de relação que as famílias com vulnerabilidades sociais podem ter com os serviços sociais: as “famílias ignoradas” têm os seus problemas, mas não recebem assistência pois não chegam aos ouvidos das instituições; as “famílias acomodadas” ou não reconhecem a existência

de problemas ou, quando o fazem, não recorrem a apoios por não concordarem com a soluções propostas; as “famílias resignadas” procuram o apoio dos serviços, mas ao primeiro desentendimento com os mesmos ou com os técnicos, decidem resolver os problemas por si próprias, resignando-se às suas vulnerabilidades; as “famílias comedidas” procuram os serviços quando precisam, utilizando-os pontualmente e apenas até entenderem que o problema está resolvido; as “famílias imprudentes” recorrem aos serviços como última opção, possivelmente por terem uma ideia estereotipada do apoio institucional; as “famílias preservantes” pedem tudo o que podem aos serviços, uma vez que a procura de diversas ajudas institucionais é uma constante; as “famílias exacerbadas” recorrem aos serviços sociais logo ao primeiro vislumbre de problemas, fazendo-o inclusive junto de instituições não competentes para a resolução específica desses problemas.

Na maior parte das intervenções os técnicos focam-se mais em melhorar as condições e qualidade de vida das famílias, e não investem tanto no funcionamento, organização e objectivos que estas têm. Deste modo, os técnicos delineiam estratégias que não têm em conta as competências das famílias, nem a importância da sua rede de apoio, levando-os a deixar de lado a família nos momentos de definição de objectivos e estratégias de intervenção. Muitas vezes os técnicos dos serviços sociais tomam as famílias como incompetentes, podendo levá-las a uma postura de passividade, actuando apenas sob as indicações dos técnicos. Outras vezes pode originar uma descrença familiar para com a eficiência dos técnicos, mas também pode dar-se o contrário, quando a família se desacredita a si própria, deixando de confiar nas suas capacidades. Em qualquer dos cenários expostos, a evolução da família, num sentido positivo, está a ser posta em causa (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

Se a intervenção que se pratica não tem a eficácia que a família e os técnicos desejam, então deve ser modificada. No que toca à relação dos técnicos com as famílias, estes devem ter sempre presente a sua experiência e bases teóricas, mas usando-as sempre como uma perspectiva a ser conciliada com as perspectivas da família. Apesar de ser do técnico o papel de propor as decisões a tomar, este deve fazê-lo de forma a mobilizar e promover as competências familiares, as quais podem ajudar na resolução dos seus problemas. Assim, as famílias sentem fazer parte do seu processo de mudança (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007).

É extremamente importante que a intervenção seja estruturada de forma a criar um impacto imediato, e é também de igual importância que tenha em conta o que acontece após o projecto da intervenção terminar, pois se existirem resultados positivos é fundamental haver esforços para

que se mantenha em acção (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 2007). Muitas vezes as famílias de maior vulnerabilidade socioeconómica têm dificuldade em confiar nos técnicos, por não terem a certeza de que estes reconhecem as suas dificuldades ou que possam ajudar a resolvê-las, daí ser frequente as famílias só se envolverem mais na intervenção e mudança depois de, com os técnicos, ultrapassarem alguns problemas mais imediatos (Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007; Almeida, 2011). Quando iniciam uma intervenção com uma família, os técnicos devem compreender que, não obstante os efeitos positivos da intervenção nos sistemas, muitas vezes esta pode causar problemas à família (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 2007).

Relativamente aos primeiros momentos de intervenção com famílias socioeconomicamente carenciadas, Watson (2005) refere que, para aumentar a possibilidade de as famílias aderirem à intervenção, é importante os técnicos: darem resposta ao pedido da família e iniciarem a intervenção o mais rápido possível; manterem um contacto frequente com as famílias e, no caso de uma família não comparecer a uma sessão, tentar restabelecer contacto, através de três a quatro telefonemas, e se ainda assim não houver sucesso o técnico deve ir procurar a família ao local onde vive, mostrando assim um verdadeiro interesse em trabalhar com a família.

Uma vez iniciado um processo de intervenção é preciso utilizar estratégias que promovam o investimento e permanência das famílias. Estas estratégias passam pelo uso de um estilo de comunicação apropriado, sendo que o técnico deve respeitar e interessar-se pela família, não a deve julgar ou punir, e deve encorajá-la a atingir os seus objectivos, incluindo-a na tomada de decisões; pelo fornecimento do suporte necessário, que pode ser de cariz material, emocional ou do âmbito da activação e construção de aptidões necessárias para a família; e pela acessibilidade e qualidade do serviço da intervenção (Watson, 2005). É também extremamente importante que, durante o processo de intervenção com as famílias, os técnicos desenvolvam estratégias que tenham por objectivo criar ou reforçar as redes formais e informais das famílias (Almeida, 2011).

No que toca a intervenções que têm por objectivo dar resposta às necessidades das famílias de baixo estatuto económico, a terapia familiar comunitária, tem por base as abordagens estrutural, estratégica, e sistémica, e foca a intervenção nas variáveis que têm maior influência nestas famílias, sendo elas o fraco acesso a recursos, a falta de experiências positivas, a exposição permanente a ambientes de stress, o afastamento da comunidade, e o subdesenvolvimento familiar e individual. Esta abordagem sublinha a importância da sensibilidade necessária para com as necessidades específicas das famílias, de forma a facilitar o desenvolvimento de estratégias mais adaptativas (Rojano, 2004).

O'Hagan (1984) afirma ser imperativo que a intervenção com as famílias em crise seja feita em sua casa, no local onde convivem com as suas angústias e dificuldades, porque é lá que os membros deixam cair as suas defesas, sendo mais claro para a família e para os técnicos o âmbito imediato de intervenção. As visitas a casa da família podem também ser utilizadas como uma forma de compreender e avaliar o funcionamento familiar (Waisbrod, Buchbinder, & Possick, 2012), e como meio para diminuir as dificuldades referentes aos comportamentos e desajustamentos sentidos pelas famílias em que um ou mais elementos têm problemas do foro psiquiátrico (Lindsey, Lee, & Sullivan, 2009).

O facto de os técnicos irem a casa das famílias permite-lhes contactar com as dificuldades do dia-a-dia das mesmas, promovendo uma maior sensibilidade para com as dificuldades da família, e também um aumento do número e tipo de estratégias especificamente orientadas para os problemas evidenciados por aquela família. Ao irem a casa das famílias, os técnicos estabelecem com elas uma relação próxima, criando novas respostas e oportunidades de relação que promovem a adesão da família à mudança. Alguns terapeutas familiares afirmam que executar as sessões em casa das famílias torna o momento de intervenção menos tenso, mais natural, e mais promotor da aliança terapêutica (Johnson, Wright & Ketring, 2002; Lay, Blanz & Schimdt, 2001). Por outro lado, há terapeutas familiares que trabalham com este tipo de intervenções e sentem dificuldades relativas ao estabelecimento das fronteiras familiares, e ao tempo em que processo interventivo se desenvolve (Waisbrod, Buchbinder, & Possick, 2012). Quando os terapeutas efectuam a terapia familiar em casa das famílias é importante que estejam calmos e mostrem estar confortáveis, de modo a facilitar a criação de uma aliança de sucesso com a família (Glebova, Foster, Brennan, Cunningham & Whitmore, 2012). Esta aliança deve ser estabelecida entre o terapeuta e cada indivíduo, cada subsistema, e com o sistema familiar no seu todo (Johnson, Wright & Ketring, 2002). Relativamente à assiduidade e comparecimento das famílias, quando a intervenção é feita em casa das famílias estes factores aumentam significativamente (Slesnick & Prestopnick, 2004).

### **A cultura como variável que influencia as intervenções familiares**

Cada vez se torna mais evidente a presença e o aumento das minorias étnicas nas sociedades ocidentais (Kagitçibasi, 2007). Entre as culturas que coabitam no ocidente, existem diferenças e semelhanças. As diferenças podem ser o resultado das mudanças globais advindas das mudanças sociais, tecnológicas, de comunicação e económicas, bem como de aspectos

característicos de cada sociedade como o desenvolvimento social, a estrutura social, a língua e os costumes. As diferenças interculturais recaem maioritariamente sobre aspectos sociopolíticos, socioeconómicos e de relações de parentesco. Já as semelhanças passam pelo estabelecimento dos laços emocionais e pela distribuição de papéis sociais e familiares (Georgas, Berry, van de Vijver, Kagitçibasi, & Poortinga, 2006). Diferentes culturas têm atitudes diferentes para com as fronteiras intergrupais, então, a forma como cada família se relaciona com a situação terapêutica vai depender da cultura que lhes está subjacente (McGoldrick, Giordano, & Garcia-Preto, 2005). No caso da Europa, as diferenças socioeconómicas são um factor de peso na percepção das diferenças interculturais (Kagitçibasi, 2007).

Face à existência de semelhanças e diferenças entre pessoas e entre culturas, torna-se clara a importância que deve ser dada à experiência de cada pessoa, à ideia de diversidade que cada um tem, e à necessidade de à igualdade um lugar de tanto destaque como o da diferença, pois só é possível aceder-se ao outro quando há aceitação do que é o saber de cada um e juntamente com aquilo que para si é estranho (Lechner, 2005; McGoldrick, Giordano, & Garcia-Preto, 2005).

É de extrema importância que o reconhecimento cultural esteja presente nas intervenções terapêuticas, para que assim aqueles que a estas recorrem não se sintam perdidos, mistificados ou deslocados. De igual modo, é necessário que se passe para lá das conotações culturais, para que cada pessoa se possa definir a si mesma de uma forma que espelhe o modo como as heranças e práticas culturais a influenciam (McGoldrick, Giordano, & Garcia-Preto, 2005). Cada família tem a sua própria cultura, diferente de todas as outras famílias que existem e, independentemente de partilharem o mesmo contexto cultural e semelhanças, também têm as suas diferenças, as suas singularidades (Olson, DeFrain, & Skogrand, 2010).

A aculturação é um processo que emerge quando pessoas ou grupos de culturas diferentes trocam aspectos das suas culturas. No caso das famílias que emigram, a aculturação torna-se num processo contínuo que abrange as expectativas relativas ao género, as práticas parentais educativas, as relações intergeracionais, e as fronteiras familiares (Goldenberg & Goldenberg, 2011). Ao trabalhar-se com famílias que vivem num contexto cultural diferente daquele que é o seu de origem, é importante que o técnico assuma que: a cultura, a classe social, a religião e orientação política, influenciam a forma como os membros da família percebem os seus problemas; é necessária atenção para com as origens culturais da família e do próprio técnico; os sentimentos negativos ou falta de consciência relativos à origem cultural podem ser o reflexo de anteriores opressões ou experiências traumáticas que levaram à supressão da história pessoal da

pessoa; não é possível compreender totalmente a cultura de outrem, no entanto é mais fácil aceder ao outro se for curioso quanto à sua cultura; é provável que as pessoas que vêm de culturas marginalizadas tenham interiorizado as características que a maioria cultural do local onde vivem lhes atribuiu (McGoldrick, Giordano, & Garcia-Preto, 2005). A “competência cultural” é uma característica fulcral que os técnicos que trabalham em contextos multiculturais devem ter, ou seja, devem ter consciência, conhecimento, e aptidão para se conhecerem a si e aos outros, aquando do desenvolvimento da intervenção (Olson, DeFrain, & Skogrand, 2010). Minuchin, Colapinto & Minuchin (2007) também destacam a importância da sensibilidade dos técnicos para com a diversidade cultural dos padrões familiares, bem como a constituição de uma equipa de técnicos com diferentes etnias. Goldenberg & Goldenberg (2011) descrevem a cultura como um contexto que inclui a raça, a etnia, a religião, a classe social, a orientação sexual, a língua, as normas e valores, os ideais, e os costumes. Deste modo, também reforçam a importância que deve ser dada aos factores que influenciam o funcionamento das famílias, tais como a rede da família directa e afastada, as expectativas relativamente aos padrões de comportamento das mulheres e dos homens, os níveis e processos de aculturação, de identificação à etnia, e de poder socioeconómico.

Apesar de existirem e serem reconhecidas diferenças entre as diferentes culturas, no que toca à vivência familiar, todas têm aspectos comuns, sendo que um deles é a preocupação emergente face aos problemas da mesma. A origem destas preocupações ou começam na família ou então é externa, mas acaba por chegar à família. Uma vez que existem sempre preocupações na família, de maior ou menor intensidade, é importante que a família consiga aceder aos recursos necessários para resolver o que a leva a preocupar-se, e geralmente, os membros da família tendem a recorrer primeiramente aos seus recursos internos e apenas se não forem bem sucedidos é que se fazem valer dos seus recursos externos (Olson, DeFrain, & Skogrand, 2010).

Quando uma família imigra passa por um processo de aculturação, que pode ser mais ou menos evidente, relativamente ao país onde agora vive. Este processo leva frequentemente à emergência de comparações sociais relacionadas com os níveis de autonomia, de dependência/interdependência emocional, e de separação das famílias. Num estudo realizado por Kwak (2003; citado por Kagitçibasi, 2007) compararam-se dois grupos de adolescentes, uns da sociedade dominante e outros de etnias minoritárias, e concluiu-se que o primeiro grupo aprecia mais ser autónomo do que o segundo grupo, e este último sente-se mais satisfeito e seguro tendo uma relação mais próxima com os pais, mas sem deixarem de querer ser autónomos. Por vezes

acontece os pais dos adolescente imigrantes serem relutantes no que toca a conceder autonomia aos seus filhos, dado verem este desejo como um sinal de independência, de desrespeito e de separação que ameaça a existente e elevada interdependência familiar, mesmo que este tipo de funcionamento não seja o mais adaptado no contexto de uma família imigrante (Kagitçibasi, 2007). No entanto, este desejo parental de controlo e de interdependência, não está necessariamente relacionado com ausência ou fracas demonstrações de carinho (Kwak, 2003; citado por Kagitçibasi, 2007).

A transmissão cultural de valores é algo que está muito presente em situações de imigração, já que estas envolvem contactos interculturais, e passa pela promoção dos valores, atitudes e obrigações familiares, que estão ainda mais presentes nos casos de transmissão intergeracional da cultura (Kagitçibasi, 2007). Não obstante, é comum que as gerações mais novas desenvolvam um processo de adaptação sociocultural, embora este processo possa levar a ganhos e perdas tanto nos âmbitos pessoais como nos públicos. Num estudo realizado por Gungor (2007; citado por Kagitçibasi, 2007) com adolescentes turcos imigrantes na Bélgica, o resultados apontaram para uma melhor adaptação psicológica nos casos em que a cultura de origem se manteve mais presente no jovem, e nos casos de aumento de individualismo face à cultura de origem houve uma diminuição da adaptação psicológica, embora nestes casos a adaptação sociocultural seja maior. Então, nem sempre as adaptações psicológica e sociocultural são passíveis de serem feitas na mesma direcção, pois o aumento de uma pode requerer o estagnar ou diminuição da outra (Kagitçibasi, 2007).

A adaptação sociocultural e a psicológica dependem bastante do nível de aceitação percebido pelos imigrantes, uma vez que quanto maior for a percepção de aceitação melhor será a experiência das adaptações psicológica e sociocultural. A presença da percepção de aceitação é tão mais importante quanto mais evidente for a distância entre os grupos com maior e menor poder na sociedade (Kagitçibasi, 2007). Tal como há a percepção de aceitação também há a percepção de diferença, que é muito estimulada pela hierarquização de etnias que muitas vezes se faz sentir quando duas pessoas de culturas diferentes convivem. Esta distância e diferenciação criada entre etnias, a hierarquização, é reforçada pelos estereótipos que muitas vezes promovem uma ideia patológica face aos imigrantes, dando-lhes a imagem de não serem “material de qualidade” para integrarem um grupo. As estratégias de aculturação de cada minoria étnica vão então depender do nível de aceitação que recebem por parte dos grupos dominantes, já que se forem uma minoria aceite podem integrar o grupo, por se poderem moldar a ele. No entanto, se

forem uma minoria rejeitada têm dois caminhos possíveis: ou se fundem totalmente com o grupo dominante, ou são excluídos pela sociedade e começam a desenvolver estratégias de separação ou até de marginalização (Kagitçibasi, 2007).

No que toca aos estudos que são realizados com famílias de minorias étnicas Woehrer (1989, citado por Gorall & Olson, 1995) escreveu três recomendações. A primeira é relativa à importância de determinar aquilo que é culturalmente normativo para cada grupo, em vez de se comparar com a população maioritária. A segunda aconselha a ter-se a aculturação em conta, para que os grupos étnicos não sejam estereotipados. Por fim, a terceira realça a importância de se aceder não só à família nuclear, mas também à família alargada. A família alargada, o sistema social, e o sistema de crenças são três características socioculturais que promovem um olhar melhor e mais preciso sobre as famílias (Olson, DeFrain, & Skogrand, 2010).

Trimble & Fischer (2006, citado por Olson, DeFrain, & Skogrand, 2010) apontam determinados aspectos que devem ter tido em conta durante a realização deste tipo de investigações. Os autores referem que é necessário respeitar os desejos dos grupos culturais com quem se trabalha, tendo atenção à forma como a investigação é conduzida e, também à forma como estes grupos podem beneficiar dos resultados da investigação. Outro aspecto que realçam é o facto de ser importante os investigadores colaborarem com membros de organizações de culturas diferentes, e aceitar as condições impostas pela comunidade onde a investigação é levada a cabo. Referem ainda que é importante a interpretação dos resultados obtidos passar por elementos da população estudada, de forma a que os investigadores compreendam melhor o significado cultural dos resultados.

### **Famílias de ascendência africana em Portugal**

Um dos aspectos que mais influencia a baixa condição socioeconómica das famílias de ascendência africana é a dificuldade que os sujeitos têm em arranjar emprego, devido ao seu baixo nível de escolaridade (Mendoza, 2001).

Após a independência das ex-colónias, em 1976, foi criado o Quadro Geral de Adidos que tinha por objectivo facilitar a equivalência das qualificações entre os países dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa), mas em 1984 este quadro foi considerado de existência já não justificada e foi extinto (Mendoza, 2001; Decreto-Lei n.º 42/84 de 3 de Fevereiro). Mesmo após a extinção do Quadro Geral de Adidos, Portugal continuou a não dificultar o processo de

equivalências educacionais entre África e Portugal (Mendoza, 2001). Em 1991 Esteves (citado por Mendoza, 2001) elaborou um estudo no qual concluiu que os africanos dos PALOP tinham um nível de escolaridade mais baixo do que a maioria dos restantes imigrantes a viver em Portugal, sendo que os primeiros, na sua maioria, não tinham mais do que a quarta classe.

Apesar de não terem o nível de escolaridade necessária para poderem concorrer a empregos bem remunerados, e de o processo de equivalências de educação formal ser relativamente acessível, a acessibilidade aos empregos não é facilitada por um aspecto fulcral para os imigrantes: o título de residência permanente, dado a sua obtenção ser um processo moroso e nem sempre claro (Mendoza, 2001). Em 1996 foram identificados como legais aproximadamente 170.000 imigrantes em Portugal, dos quais 45% eram dos PALOP (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, e São Tomé). No entanto, dado o número elevado de imigrantes clandestinos em Portugal, estes números não correspondem à realidade (Neto, 2002).

Desde o início dos anos 90 que os imigrantes dos PALOP são maioritariamente crianças e adolescentes, e estes mostram algumas dificuldades de adaptação não só relativas à etapa do ciclo de vida que vivem, mas também às diferenças étnicas e culturais com que são confrontados. Estes adolescentes imigrantes apresentam diferentes formas de lidar com o processo de aculturação em diferentes âmbitos, como sejam por exemplo a escola, o trabalho, e as relações sociais (Neto, 2002). Num estudo realizado por Neto (2002), com 313 adolescentes de minorias étnicas revelou que nem todos os adolescentes imigrantes consideram mais adequadas as mesmas estratégias de aculturação, uma vez que não experienciam as mesmas consequências resultantes do mesmo tipo de estratégia. A maioria destes adolescentes mostrou o desejo de viver as duas culturas (do país de origem e do país acolhedor) em vez da hipótese de viver entre as duas culturas, o que pode ser facilitado quando o país acolhedor aceita a ocorrência das estratégias e processos de aculturação.

O facto de a integração ser das estratégias mais eleitas pelos adolescentes imigrantes em Portugal, vindos dos PALOP, parece ser uma opção lógica e realista, uma vez que muitos dos adolescentes não têm ainda claro para si se um dia irão voltar para o seu país de origem, ou se ficam definitivamente em Portugal.

### **Abordagem Sistémica Estrutural**

A terapia familiar de abordagem sistémica iniciou o seu desenvolvimento nos Estados Unidos da América, durante os anos cinquenta do século XX, dada a necessidade emergente de se

efectuar um trabalho terapêutico com as famílias. Esta nova abordagem diferenciou-se ao direccionar o foco da intervenção para as interacções entre todos os elementos da família (Barker, 2000). De acordo com a abordagem sistémica qualquer família é considerada um sistema aberto (Sampaio & Gameiro, 1985; Minuchin, 1988; Minuchin & Fishman, 1981), isto porque recebe e responde continuamente a diversos estímulos, sendo que este processo se passa entre os elementos da família, mas também entre a família e os sistemas externos a esta (Minuchin, 1988). Nesta relação constante com os sistemas exteriores a família passa por processos de adaptação que se relacionam com a necessidade de responder às exigências externas, mas também às internas, como sejam os diferentes ciclos de vida do sistema familiar e dos indivíduos que o compõem, de modo a que possam continuar o seu crescimento psicossocial (Sampaio & Gameiro, 1985; Minuchin, 1988).

A estrutura familiar é o conjunto das exigências funcionais que organiza as formas de interacção entre os elementos da família. Estas interacções são efectuadas por meio de padrões transaccionais (operações repetidas) que indicam “como, quando e com quem” são feitas as interacções e, uma vez que se repetem, estes padrões reforçam o sistema (Minuchin, 1988). Os padrões transaccionais são reguladores do comportamento dos elementos da família, e são sustentados por dois sistemas de repressão: um é mais amplo e envolve as regras gerais pelas quais a família se organiza e governa; outro é mais particular, já que envolve as expectativas de cada elemento da família para outros elementos específicos. Estas expectativas têm origem em negociações explícitas e implícitas ocorrentes entre os elementos da família ao longo de muito tempo. Muitas vezes esta origem primária das expectativas, a negociação, cai no esquecimento, mas o padrão relacional é sempre mantido. Assim, ao manter os padrões, o sistema mantém-se a si mesmo, sendo difícil aceder à mudança, pois cada vez que se confronta com situações de desequilíbrio, o sistema acciona mecanismos para restabelecerem o seu funcionamento normal (Minuchin, 1988). No entanto, é importante que as famílias sejam capazes de mudar face a novas circunstâncias, pois a sua existência só se mantém se tiverem a capacidade de alargar a variedade, extensão, acessibilidade e flexibilidade dos padrões transaccionais, de forma a poderem utilizá-los sempre que seja necessário. Deste modo, seja em situações conhecidas ou de mudança, a família vai manter a sua continuidade e mantendo-se um esquema de referência para os seus elementos (Minuchin, 1988).

As acções e interacções dos elementos da família acontecem dentro de subsistemas. Os subsistemas são formados porque um conjunto de elementos menos que o total da família, como por exemplo o casal, e têm um factor que une esses elementos, seja o sexo, a geração, os

interesses ou as funções, podendo então cada elemento fazer parte de vários subsistemas (Minuchin, 1988).

O subsistema conjugal forma-se quando dois adultos se unem para formar uma família. Cada elemento do casal tem funções específicas e fundamentais para o funcionamento da família, sendo que devem desenvolver padrões em que cada um apoia o funcionamento do outro nas diversas funções que desempenham. Assim, mesmo cada um sendo diferenciado do outro, há um sentimento de pertença. Se por um lado alguns casais promovem no seu subsistema a aprendizagem, o crescimento e a criatividade, por outro, há casais em que, através de padrões transaccionais negativos, cada um dos elementos estimula os aspectos negativos do outro. Embora estes padrões não sejam necessariamente reveladores de patologia, dado poderem expressar padrões de complementaridade negativos, caso se mantenhm, podem tornar-se patológicos (Minuchin, 1988).

Quando um casal tem um filho forma-se um novo subsistema, o parental. Como elementos deste sistema os pais devem compreender as necessidades de desenvolvimento dos filhos, ao mesmo tempo que clarificam as regras que impõem. À medida que o tempo passa e as crianças crescem as funções de orientação e controlo vão ganhando mais importância. Durante a adolescência, as exigências dos filhos entram em conflito com as dos pais, sendo muito importante que ambos os subsistemas sejam capazes de negociar e ajustar mutuamente as suas exigências. Quando a família está em terapia, muitas vezes surgem desavenças relativas a exigências de elementos diferentes, nestes casos, o papel do terapeuta é muito importante, pois irá ajudar ao ajustamento e negociação das exigências exprimidas pelos diferentes subsistemas (Minuchin, 1988).

Os filhos de um casal constituem o subsistema fraternal, e é nele que vão experimentar as suas primeiras experiências relacionais com pares. Este subsistema permite aos seus elementos aprender a negociar, cooperar, competir, fazer amigos, e ser reconhecido. Posteriormente, ao alargarem as suas relações para meios exteriores à família, as crianças vão usar como padrão relacional aquele que adquiriram no subsistema fraternal. (Minuchin, 1988).

Todos os subsistemas têm fronteiras, isto é, regras que definem quem faz parte dele e como deve agir. Como num sistema podem existir vários subsistemas, as fronteiras têm por objectivo garantir que os diferentes subsistemas se mantenham diferenciados. De acordo com Minuchin (1988), as fronteiras podem ser: nítidas, difusas ou rígidas. Uma família com fronteiras nítidas tem claras as linhas de responsabilidade e autoridade, permitindo ao mesmo tempo que cada elemento desempenhe as suas funções, sempre na presença do contacto entre os diferentes

subsistemas da famílias. Quando as fronteiras são difusas assiste-se ao desenvolvimento de um pequeno e restrito mundo familiar, onde há uma elevada preocupação e comunicação entre os elementos da família. Deste modo a distância entre os subsistemas é muito reduzida, sendo difícil distingui-los. As famílias com este tipo de fronteiras são apelidadas de famílias emaranhadas. As fronteiras rígidas são o oposto das difusas, pois é tão grande a diferenciação entre subsistemas que se torna árdua a comunicação entre eles, daí a designação que estas famílias recebem: famílias desligadas. Dependendo do tipo de fronteiras, podem surgir, entre os elementos do sistema familiar, associações/afiliações, relações fusionais, conflitos, coligações, e desvios (Minuchin, 1988).

Segundo Minuchin (1988), na interacção com o meio, a família pode ser vítima de tensões, sendo que estas podem ser oriundas de quatro fontes diferentes: a tensão presente no contacto de um elemento com forças exteriores à família; a tensão presente no contacto de toda a família com forças que lhe são exteriores; o stress associado a momentos de transição na família; e o stress relacionado com problemas idiossincráticos.

Ao longo do tempo, para que continue funcional, uma família deverá transformar-se, adaptar-se e reestruturar-se, o que não afasta a hipótese de, ocasionalmente, utilizar padrões anteriores e desadequados para lidar com situações de stress. A força do sistema familiar está na sua capacidade de mobilizar novos padrões transaccionais, face à necessidade de reestruturação imposta por condições internas ou externas à família. Na adaptação às situações causadoras de stress as famílias devem adoptar padrões que permitam simultaneamente a continuidade e a reestruturação familiar (Minuchin, 1988).

Relativamente à intervenção com família pobres, Minuchin destaca a importância de se estruturar um intervenção que tenha em consideração o facto de ter um fim, ou seja, é necessário que se trabalhe com a família no sentido de se melhorar o funcionamento familiar, e de se desenvolverem as capacidades da família para manter este mesmo funcionamento. Para que os técnicos que intervêm com estas famílias possam atingir estes objectivos, é necessário terem: experiência na área da intervenção familiar e que mantenham uma supervisão activa; uma visão sistémica da intervenção que lhes permita olhar os diferentes elementos da família como um todo; a capacidade de se adaptar à realidade, contexto e variabilidade de condições das famílias com quem intervêm (Minuchin, Minuchin & Colapinto, 2007).

## Modelo Circumplexo de Olson

O Modelo Circumplexo foi criado com o objectivo de tentar diminuir a distâncias entre a teoria e a prática, sendo que a grande base teórica deste modelo é a teoria dos sistemas, à qual foi buscar a inspiração para criar os conceitos e as dimensões que utiliza. O modelo apresenta três dimensões fundamentais na aceção do funcionamento familiar: a coesão, a flexibilidade, e a comunicação (Olson & Gorall, 2003).

Por coesão entende-se o laço emocional que cada um dos elementos da família tem para com os outros. A coesão pode ser de cinco níveis diferentes: desligada (extremamente baixo), separada (baixo a moderado), ligada (moderado), muito ligada (moderado a elevado), e emaranhada (extremamente elevado). Destes níveis, o primeiro e último são considerados desequilibrados, e os centrais são considerados equilibrados, sendo estes os referentes ao funcionamento óptimo da coesão. Quando as famílias apresentam níveis de coesão equilibrados, é por serem capazes de atingir um compromisso adequado entre a separação (“*separateness*”) e a união (“*togetherness*”). Já no caso dos níveis desequilibrados de coesão, ou há demasiado consenso e união emocional, e pouca independência entre os membros da família (emaranhada), ou então cada um dos elementos age sozinho, sem que haja opinião ou compromisso com a família (desligada) (Olson & Gorall, 2003). O nível moderado da coesão ligada é o mais equilibrado, pois apresenta o melhor balanço entre a união e separação familiar (Olson & Gorall, 2003).

As famílias desequilibradas apresentam níveis de coesão extremos. Assim, se for uma família desligada a separação emocional está imensamente presente, pois não há envolvimento entre os elementos da família, que são muito independentes uns dos outros, têm os seus interesses não partilhados com a família e executam actividades sozinhos ou com outros não próximos aos restantes elementos. Este tipo de funcionamento leva a que muitas vezes os elementos não sejam capazes de recorrer uns ao outros quando necessitam de ajuda na resolução de problemas. Ao invés, as famílias emaranhadas vivem uma ligação emocional de grande e demasiada união, onde a lealdade é exigida entre os elementos da família. Quando há este tipo de coesão os elementos são muito interdependentes, há pouca separação entre eles, o que os leva a focarem-se quase exclusivamente na família, não havendo quase interesses ou amigos fora do âmbito familiar (Olson & Gorall, 2003). Assim, os aspectos que permitem aceder ao nível de coesão da família são: a proximidade emocional e a lealdade entre membros; o envolvimento familiar e as demonstrações afectivas; a proximidade emocional do casal parental; as alianças entre pais e

filhos; as fronteiras internas; e as fronteiras externas (Olson & Gorall, 2003). Mesmo havendo níveis de coesão mais equilibrados que outros, a coesão familiar é mutável ao longo do tempo, sendo que as famílias equilibradas tendem a ser mais funcionais ao longo das diferentes fases do ciclo de vida do sistema (Olson & Gorall, 2003).

Uma outra dimensão do Modelo Circumplexo é a flexibilidade. Esta define-se pela quantidade de mudança que há na representação dos papéis, na liderança e nas regras das relações. A forma como se acede ao nível de flexibilidade da família é através: do tipo de liderança; da forma como surge a disciplina; da existência de negociação e do poder das tomadas de decisão; das atribuições, partilhas e mudanças de papéis; e da existência de regras e da sua mudança ao longo do tempo (Olson, 2003). Deste modo, é o balanço que a família faz entre a estabilidade e a mudança que define o seu nível de flexibilidade, que pode ser de cinco tipos: rígida/inflexível (extremamente baixo), mais ou menos flexível (baixo a moderado), flexível (moderado), muito flexível (moderado a elevado), e caótica/demasiado flexível (extremamente flexível). Na flexibilidade, tal como na coesão, os três níveis centrais são os considerados equilibrados (mais ou menos flexível, flexível e muito flexível), e os dois extremos desequilibrados (rígida/inflexível, e caótica/demasiado flexível). Novamente, o nível central, flexível, é considerado o mais equilibrado de todos, dado reflectir a capacidade que a família tem de se adaptar às situações que vive. Se uma melhor adaptação requerer mais estabilidade é capaz de a conseguir, tal como consegue mudar se for mais apropriada a mudança (Olson & Gorall, 2003).

As famílias com flexibilidade equilibrada são então capazes de operar tanto a estabilidade como a mudança. Por exemplo, uma família “mais ou menos flexível” costuma ter características de liderança democrática onde as negociações incluem todos os membros da família, os seus papéis são estáveis e por vezes partilhados, e as regras são aplicadas com firmeza. Numa família “flexível” a liderança é igualitária com uma abordagem democrática à tomada de decisões, os papéis são partilhados de forma fluida quando é necessário, e as regras podem ser mudadas e adaptadas à idade a quem se aplicam. Já numa família muito flexível há uma grande tendência para a mudança do tipo de liderança e dos papéis, e as regras são muito flexíveis e adaptáveis sempre que a mudança é necessária (Olson & Gorall, 2003).

Nas famílias desequilibradas ou há demasiada estabilidade (famílias “rígidas/inflexíveis”) ou demasiada mudança (famílias “caóticas/demasiado flexíveis”). Nas famílias “rígidas” há um dos elementos que é o único responsável pela liderança, imposição de regras e tomada de decisões, daí as negociações serem limitadas, os papéis rigidamente definidos e não há mudança de regras.

Já as famílias “caóticas” têm uma liderança irregular, as decisões são tomadas impulsivamente, os papéis são difusos e trocam frequentemente entre os membros (Olson & Gorall, 2003).

A última grande dimensão descrita neste modelo é a comunicação, com a particularidade de ser considerada uma dimensão facilitadora das outras duas, ou seja, a qualidade das capacidades de comunicação vai definir o quanto a família consegue exprimir os seus níveis de coesão e flexibilidade. Para se aceder à comunicação familiar é preciso que o foco esteja na família como um todo, e que se atente às capacidade de comunicação dos ouvintes e dos oradores, às revelações pessoais, à clareza das mensagens emitidas, à manutenção da sequência do discurso, e ao respeito e consideração pelos outros e pelas suas mensagens. Normalmente, quando os níveis de coesão e flexibilidade são equilibrados, as famílias apresentam também boas capacidades de comunicação, e o inverso também se verifica, isto é, quando há desequilíbrios ao nível da coesão e da flexibilidade, as capacidades de comunicação tendem a ter muita qualidade (Olson & Gorall, 2003). Para que seja visualmente mais fácil aceder conjuntamente aos níveis de coesão e flexibilidade das famílias, Olson & Gorall (2003) criaram um “mapa do casal e da família” (Anexo A).

### **O Modelo Circumplexo e a intervenção com famílias socioeconomicamente carenciadas**

Quando devidamente interpretado e adaptado, o Modelo Circumplexo pode ser utilizado com famílias que não as caucasianas, já que foi através destas que o modelo foi construído. Para além da aplicabilidade a culturas e etnias diferentes, o modelo pode também ser aplicado aos vários tipos e formatos de família que existem, como sejam as famílias misturadas (derivadas de segundos casamentos), as monoparentais e as homossexuais (Gorall & Olson, 1995).

No que toca à aplicação do modelo a populações com uma herança cultural e étnica diferente da que predomina nos Estados Unidos da América, onde o modelo foi desenvolvido, é preciso dar grande importância à eliminação de dois factores: o facto de se ignorarem algumas diferenças culturais e étnicas; e os estereótipos. Hare-Mustin & Marecek (1988, citado por Gorall & Olson, 1995) afirmam que é impossível eliminar completamente ambos os factores e, como tal, é de enorme necessidade que haja um esforço de consciencialização da cultura à qual se está a aceder, para que as interferências na aplicação do modelo sejam minimizadas. Para além do cuidado na aplicação do modelo teórico, também a aplicação das escalas que do modelo derivam deve ser cautelosa. Tais cuidados são importantes não apenas em casos de aplicação a minorias étnicas, mas em qualquer família, uma vez que cada uma deve ser olhada como um sistema único

com as suas próprias condições e relações (Gorall & Olson, 1995).

Deste modo, o modelo circumplexo (Olson, 2000) parece ser indicado para da análise da intervenção com famílias socioeconomicamente carenciadas, uma vez que, tomadas as devidas precauções face à sua aplicação, este cumpre o objectivo de avaliar o funcionamento familiar

### **Questões éticas relacionadas com a investigação sobre intervenções familiares**

Quando se realizam investigações com famílias é necessário que se tenha em atenção a vulnerabilidade do grupo com que trabalha, o que, no caso das família de etnias minoritárias, está muitas vezes relacionado com assuntos tão diversos como, por exemplo, as diferenças linguísticas, irregularidades ao nível de documentos, diferentes estratégias de aculturação, diferentes experiências de emigração, e o contexto da comunidade onde residem. (Nguyen, Hernández, Saetermoe & Suárez-Orozco, 2013).

Para que se salvguarde o anonimato da família, é preciso manter a confidencialidade na apresentação dos dados recolhidos, e também promover uma exposição relativamente aos outros elementos da comunidade onde a família está inserida. É da maior importância que, antes de ser efectuada a publicação dos dados, sejam tomadas algumas medidas que garantam: o anonimato de cada elemento da família, através do uso de nomes fictícios; a confidencialidade da participação da família, alterando citações que possam revelar a sua identidade, sem que o seu sentido seja alterado; atribuir um número a cada família, colocando de parte a identificação pelo apelido. (Gabb, 2010).

### **Diferenças entre a intervenção com famílias em contexto comunitário e a terapia familiar**

Relativamente ao pedido de uma intervenção familiar, habitualmente quem faz o pedido é a família, sendo que o mais comum é ser um dos membros da família preocupado com um outro membro da família, o paciente identificado. Numa terapia familiar as sessões são habitualmente quinzenais com a duração de uma a duas horas e decorrem aproximadamente entre seis meses a dois anos, terminando usualmente entre a décima sessão e a vigésima. As sessões podem ser orientadas por um único terapeuta familiar ou em co-terapia. Idealmente, uma sala destinada a este tipo de intervenção é uma sala ampla, com boa luz, mobilada sobriamente, com cadeiras confortáveis, mas que não promovam repouso, que permita à família movimentar-se sem receios e que tenha um espelho, para fins de formação e de supervisão (Sampaio & Gameiro, 1998).

Os objectivos da terapia familiar centram-se em: promover, simultaneamente, a união entre os elementos e autonomia individual de cada um deles; retirar a patologia do centro do conflito e voltar o foco da família e da intervenção para a disfunção do sistema familiar; conseguir que os processos de comunicação que não são funcionais se modifiquem, de modo a tornarem o sistema familiar mais funcional; efectuar mudanças nos comportamentos, nos estados emocionais influenciando o funcionamento da família; tornar mais funcionais as relações disfuncionais que os elementos da família mantêm entre si; reforçar as competências e recursos da família para que os utilizem no confronto com novos problemas. (Leal, 2005; Barker, 2000; Sampaio & Gameiro, 1998). A terapia familiar está indicada para: quando a família ou algum dos seus membros está envolvido num problema psicossocial; perturbações emocionais da infância e da adolescências, de valência neurótica e psicótica; dificuldades relacionais do casal; fobias escolares; anorexia; toxicodependência; alcoolismo; esquizofrenia. (Leal, 2005)

No caso da intervenção efectuada neste estudo, não se pode considerar ser terapia familiar por vários motivos que se detêm com diferenças relativamente às regras de *setting*, do processo de intervenção, da qualificação dos terapeutas, e das indicações terapêuticas. Relativamente ao *setting*, não existe a possibilidade de as sessões decorrerem numa sala como a acima descrita, como também a equipa percebeu que a aderência da família ao processo de intervenção era maior por as sessões serem realizadas em casa da família. Deste modo, as sessões são realizadas na sala, dado ser um espaço neutro e que pertence a todos os elementos.

No que diz respeito ao processo da intervenção (regularidade das sessões e duração da intervenção), no início são efectuadas sessões semanais, para que a intervenção se torne algo comum na rotina da família, o que permite aumentar a adesão ao processo. Normalmente após 3 a 4 semanas de sessões semanais, estas podem passar para um regime quinzenal, embora se tenha experienciado uma melhor adesão à intervenção quando as sessões se mantêm semanais. O processo termina quando tanto a família como a equipa de profissionais considera que os objectivos estão atingidos, e a família tem confiança nas suas capacidades para enfrentar os objectivos do futuro. Por último, e relativamente às indicações terapêuticas, a intervenção foi feita apenas com famílias em que nenhum dos elementos tivesse uma psicopatologia diagnosticada pois, com experiência passada, a equipa considerou não ter conseguido efectuar a melhor intervenção para a família. Nestes casos, passou a efectuar-se o reencaminhamento da família para uma entidade mais competente para a intervenção necessária.

## **Objectivo e hipóteses**

Uma vez que existem poucos estudos sobre intervenções com famílias socioeconomicamente carenciadas baseadas no Modelo Circumplexo (Olson, 2000), este estudo tem como objectivo principal avaliar se a intervenção junto de três famílias foi eficaz, ou seja, apurar se existiram mudanças no funcionamento familiar.

Goldenberg & Goldenberg (2008) referem que as famílias sujeitas a intervenções terapêuticas tendem a conseguir mais mudanças positivas que as famílias não sujeitas a tratamento. De acordo com a proposta de Olson (2000), quando as famílias um momento de crise, é esperado que o sistema familiar se altere, de forma a responder às exigências do novo contexto que vive. Segundo o Modelo Circumplexo (Olson, 2000) as famílias disfuncionais, por falta de recursos ou utilização deficiente dos existentes, não conseguem lidar com um momento de crise de forma funcional, efectuando mudanças de funcionamento que não são as mais apropriadas. Deste modo, a primeira hipótese deste estudo propõe que as famílias que iniciarem o processo de intervenção de com a percepção de disfuncionalidade do sistema, pela mudança promovida pela intervenção, irão terminar o processo num nível mais próximo da funcionalidade.

Esta primeira hipótese gera uma outra pois, quando as famílias passam pelo processo de intervenção e percepcionam mudanças no funcionamento familiar, significa que a intervenção é eficaz. Assim, a segunda hipótese deste estudo sugere que a intervenção é eficaz quando a família percepciona no mudanças no funcionamento do sistema.

## **MÉTODO**

### **Participantes**

Neste estudo os participantes são três famílias residentes na freguesia de São Domingos de Rana, concelho de Cascais. No total, as três famílias compreendem 16 elementos (Família 1: 5 elementos; Família 2: 5 elementos; Família 3: 6 elementos), embora para este estudo, apenas tenham sido considerados 8 elementos (Família 1: 2 elementos; Família 2: 3 elementos; Família 3: 3 elementos). A idade dos jovens está compreendida entre os 18 e os 25 anos e a das suas mães entre os 40 e os 49 anos. Nesta amostra existem participantes com nacionalidades distintas, sendo elas, Guineense (5 participantes), Portuguesa (2 participantes) e Senegalesa (1 participante). De forma a caracterizar melhor cada uma das famílias, apresentam-se, em anexo, as tabelas relativas ao objectivo inicial e aos dados das famílias à data do início da intervenção (Anexo B), e também

e genogramas referentes às relações familiares no início e no final da intervenção (Anexo C).

## **Instrumentos**

### Guião de entrevista baseado no Modelo Circumplexo

Este instrumento foi construído tendo por base o Modelo Circumplexo dos Sistemas Conjugais e Familiares (Olson, 2000), e mais especificamente através dos itens da quarta versão do questionário Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (FACES IV), cuja adaptação para a população portuguesa está actualmente em processo de validação. O guião está elaborado de forma a que se possa aceder aos níveis de coesão e flexibilidade das famílias, e também aos seus níveis de satisfação e capacidades comunicacionais. Foram construídos dois guiões, um direccionado para os jovens e outro para os adultos, para que se possam aferir especificamente os sentimentos de cada membro da família, tendo em conta a sua posição no sistema familiar, sendo que há temas que são abordados da mesma forma para ambos (Anexo D)

Para aceder à dimensão flexibilidade expõem-se perguntas como por exemplo “Costumam conversar em família para tomar decisões importantes. Como o fazem. Quem é que normalmente leva a sua avante”, “Quando há uma mudança na rotina que costumam ter, como é que a sua família reage?”, e “Quais são as regras que considera funcionais e não funcionais na sua família... Quando essas regras são quebradas há consequências... Quais são essas consequências”.

No que toca à dimensão coesão, são efectuadas perguntas como por exemplo “Na sua família costumam envolver-se nos problemas uns dos outros? Em todos? Como? Gostava que houvesse mais envolvimento ou menos. Porquê.”, “Que actividades costuma realizar com a sua família? Quais as que gostaria de fazer mais ou menos ...porquê...”, e “Os elementos da sua família precisam muito uns dos outros, ou pelo contrário, não precisam muito uns dos outros? Porquê? Nessas alturas o que fazem”.

Relativamente às capacidades de comunicação são feitas perguntas como “Como acha que é a comunicação na sua família”, “Acha que todas as pessoas da sua família estão satisfeitas com a forma como comunicam uns com os outros?”, “Todos ouvem o que os outros têm a dizer?”.

Para que este questionário possa ser interpretado com as mesmas dimensões e níveis que a Clinical Rating Scale (posteriormente descrita), as dimensões da coesão e da flexibilidade irão ser avaliada em quatro níveis, como descrito no instrumento Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales (FACES III; Olson, 1985). Não obstante, as escalas de satisfação e

comunicação, presentes no FACES IV (Olson, 2011), estarão presentes. Mais ainda, cada um destes quatro níveis das dimensões coesão e flexibilidade será subdividido. Na coesão é utilizada a seguinte cotação: coesão desligada (níveis 1 e 2); coesão separada (níveis 3 e 4); coesão ligada (níveis 5 e 6); coesão emaranhada (níveis 7 e 8). Na flexibilidade é utilizada a seguinte cotação: flexibilidade rígida (níveis 1 e 2); flexibilidade estruturada (níveis 3 e 4); flexibilidade flexível (níveis 5 e 6); flexibilidade caótica (níveis 7 e 8). Em ambas as dimensões os níveis 4 e 5 são representativos da funcionalidade, os restantes quanto mais perto dos extremos se encontrarem, mais disfuncionalidade representam. .

### Clinical Rating Scale

A Clinical Rating Scale (CRS) é um instrumento de observação primeiramente criado por Olson (1990, citado por Olson, 2000), e validado por Thomas e Olson (1993, citado por Olson, 2000), para aceder à coesão, flexibilidade e comunicação das famílias, de modo a que os terapeutas e investigadores possam observar e avaliar o funcionamento e interação familiares.

A CRS conceptualiza as dimensões principais (coesão e flexibilidade) em quatro níveis cada uma, sendo que a avaliação é efectuada através de um contínuo de oito pontos. A coesão pode ser desligada (nível 1 ou 2), separada (nível 3 ou 4), ligada (nível 5 ou 6), e emaranhada (nível 7 ou 8). Para se aceder a esta dimensão a observação centra-se nos laços emocionais entre os membros, no envolvimento familiar, na relação conjugal, nas alianças entre pais e filhos, nas fronteiras internas físicas e emocionais, e nas fronteiras externas, que incluem os amigos, os interesses e as actividades, comuns e ou de cada um dos membros. A flexibilidade pode ser rígida (nível 1 ou 2), estruturada (nível 3 ou 4), flexível (nível 5 ou 6), e caótica (nível 7 ou 8). Na acessão à flexibilidade o foco é colocado no tipo de liderança, no tipo de disciplina e existência ou ausência de consequências, na negociação e tomada de decisão, na definição dos papéis, e na existência e adequação das regras. Relativamente à comunicação, que é uma dimensão facilitadora das dimensões principais, esta é avaliada através das capacidades de comunicação dos ouvintes e dos oradores, da clareza, congruência e pertinências das mensagens trocadas entre os membros, da continuidade e manutenção da sequência do discurso, e do respeito e consideração que existe entre os membros da família (Olson, 1993), (Anexo E).

## **Procedimento**

O contacto com as famílias foi feito através do Projecto ORIENTA.TE SDR E5G, em São Domingos de Rana. No projecto ORIENTA.TE a intervenção com as famílias inicia-se através de um pedido do jovem para que um determinado problema seja resolvido na família. Para efeitos desta investigação, quando três dos jovens do projecto efectuaram pedidos de ajuda relacionados com a sua percepção de que algo na família a estava a tornar ou manter disfuncional, foi-lhes proposto que integrassem esta intervenção. Tendo os jovens aceitado, as profissionais do projecto marcaram um encontro com a família, no qual se avaliou a vontade e disponibilidade da para iniciar o processo de intervenção. Uma vez que as famílias aceitaram a proposta de intervenção, foram agendadas e efectuadas entrevistas a cada um dos jovens, e a um dos elementos do subsistema parental. Ao se efectuarem as entrevistas, tentou-se garantir que a sala do projecto ORIENTA.TE onde foram realizadas tivesse sempre a mesma disposição, e que as entrevistas fossem realizadas em alturas do dia em que estivessem menos jovens no projecto, para promover a sensação de confidencialidade

Relativamente ao planeamento das sessões foi delineado que, no início da intervenção, estas teriam periodicidade semanal, durante três semanas, e posteriormente periodicidade quinzenal, durante 7 sessões, perfazendo um total de 10 sessões. Apesar de existir este plano inicial, houve necessidade de, ao longo da intervenção, o adaptar às necessidades e características das famílias. Esta adaptação consistiu numa sequência de sessões com periodicidade mais flexível do que o previsto. Durante as sessões semanais a assiduidade das famílias não apresentou problemas, embora, ao passar-se para a regularidade quinzenal, começaram a ser feitas muitas desmarcações e alterações de datas. Deste modo, decidimos voltar à periodicidade inicial, sessões semanais, dado ter sido o intervalo de tempo que melhor funcionou com as famílias. No entanto, mesmo com esta mudança, não foi possível executar sessões semanais durante todo o processo de intervenção. É ainda de referir que, a Família 1 e a Família 2 efectuaram 11 sessões, e que, a Família 3 efectuou apenas 7 sessões. Esta última solicitou, com decisão unânime dos elementos, o término da intervenção antes do previsto inicialmente. No final de cada sessão ambas as profissionais responderam à CRS individualmente, para depois efectuarem um acordo inter-juízes. Findas as sessões efectuou-se novamente uma entrevista aos membros da família entrevistados inicialmente, tendo este sido o último momento de avaliação deste estudo.

É ainda necessário referir que os nomes de todos elementos das famílias foram alterados, de forma a garantir o seu anonimato.

## RESULTADOS

Irá agora proceder-se à apresentação dos resultados obtidos através da análise das entrevistas realizadas nos dois momentos de avaliação, antes da intervenção e no final da mesma, bem como dos resultados adquiridos através avaliação do preenchimento da CRS pelas profissionais que intervieram com as famílias.

Quanto ao primeiro e ao último momento de avaliação, irão ter-se em conta as três dimensões do Modelo Circumplexo (coesão, flexibilidade e comunicação), bem como uma outra dimensões criada após uma análise inicial das entrevistas (transgeracionalidade). Relativamente à CRS, os resultados apresentados irão mostrar a evolução da família quanto a duas dimensões do Modelo Circumplexo (coesão e flexibilidade), através da avaliação feita pelas profissionais responsáveis pela investigação.

### **1. Análise dos resultados da Família 1**

Esta família é constituída por cinco elementos: a Leonor, a jovem que fez o pedido para a intervenção; a Inês, mãe da Leonor; a Patrícia e o Bruno, irmãos mais novos da Leonor; o Tiago, filho da Leonor; e o José, pai da Leonor, da Patrícia e do Bruno, que está a viver fora de Portugal, por tempo indefinido. As entrevistas, primeiro e último momentos de avaliação, foram realizadas apenas à Leonor e à sua mãe. No que toca às sessões, a Leonor, a Inês, a Patrícia e o Tiago estiveram presentes em praticamente todas as sessões (conferir Anexo F), sendo que o Bruno esteve apenas em 3 sessões.

#### **1.1 Análise da dimensão Coesão na Família 1**

Tendo em conta a análise desta dimensão do Modelo Circumplexo, a coesão, na família 1 observa-se que, no primeiro momento de avaliação, mãe e filha percebem a coesão familiar como separada disfuncional (nível 3). Após a intervenção, no segundo momento de avaliação, as percepções alteram-se, e ambas consideram que houve mudanças ao nível da coesão, classificando-a como ligada funcional (nível 5).

### 1.1.1 Análise da Coesão Desligada na Família 1

No que toca ao primeiro momento de avaliação, e ao à coesão mais extrema de tipo desligada (nível 1), observa-se que a Leonor tem uma ligação fraca com o pai, afirmando claramente “Estou-me a cagar para ele”.

Coesão Desligada (níveis 1 e 2)			
L (filha) – Entrevista 1	I (mãe) – Entrevista 1	L (filha) – Entrevista 2	I (mãe) – Entrevista 2
<p><b>Nível 2</b></p> <p>por acaso não falo da minha vida com a minha mãe</p> <p>passava a vida na rua, tipo, sempre em casa de amigas (...) ou estava com o meu namorado</p> <p>ela (mãe) é tipo... sem paciência mesmo...</p> <p>não lhe disse que estava grávida (à mãe)</p>	<p><b>Nível 1</b></p> <p>ela (Leonor) nunca me conta nada</p> <p>sinto que eu não sou nada ali no meio deles (filhos)</p> <p>Elas (filhas) não falam comigo sobre o que elas estão a sentir (...) eu também não lhes vou perguntar o que é que se está a passar</p> <p><b>Nível 2</b></p> <p>(a Leonor) é só sempre no telemóvel, sempre no telemóvel, mesmo para fazer as coisas do miúdo.</p> <p>(O marido) Participar não participa. Você diz-lhe só, ele ouve, mas não toma decisão</p>		<p><b>Nível 1</b></p> <p>Não, há muito tempo que não</p>

Tabela 1.1: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo desligada na primeira e segunda entrevistas da Família 1

Ainda neste nível de coesão (nível 1), a Inês percepciona que os filhos têm por si um fraco laço emocional e muito pouca proximidade e, o facto de os filhos não procurarem a mãe para falarem dos seus assuntos pessoais faz com que a Inês também não os aborde. Relativamente à relação entre a Leonor e mãe, ambas destacam a baixa proximidade emocional e a falta de envolvimento “Às vezes eu penso que eu sou uma mãe invisível para ela, que eu não sou uma mãe verdadeira”, embora a percepção da filha (nível 2) não seja de uma coesão tão desligada como a da mãe (nível 1). Esta percepção da Inês é direccionada para todos os filhos. Quanto à coesão desligada (nível 2) a Inês menciona não recorrer ao marido para a tomada de decisões, e a Leonor, além de se referir à distancia emocional que tem para com a mãe, também se foca na descrição das fronteiras externas rígidas.

Observando a tabela 1.1, verifica-se que, no último momento de avaliação, existe mudança pois mãe e filha, já não percepcionam uma coesão desligada (nível 1). Assim, a única citação deste nível coesão está relacionada com a clara separação emocional que a Inês desenvolveu pelo seu marido.

### 1.1.2 Análise da Coesão Separada na Família 1

Coesão Separada (níveis 3 e 4)			
L (filha) - Entrevista 1	I (mãe) – Entrevista 1	L (filha) – Entrevista 2	I (mãe) – Entrevista 2
<p><b>Nível 3</b> mas se eu tirasse (abortasse) ia ter de sair dali (casa) e eu não ia abdicar disso</p> <p>quando quer ver alguma coisa (Bruno), é só futebol e pronto, (...) acaba por ir para o quarto ou vai ver na cozinha</p> <p>são raras as vezes que nós nos sentamos para conversar sobre algo</p> <p><b>Nível 4</b> entretanto o meu pai foi viajar e ela (mãe) tem sido sempre o meu apoio</p> <p>sabe que se eu estiver aflita hei-de ir ter com ela (mãe)</p> <p>Normalmente os meus irmãos contam mais comigo do que com a minha mãe</p>	<p><b>Nível 3</b> ela (Leonor) ainda é nova, as pessoas têm que a ajudar, mas ninguém tem que estar sempre com ele (Tiago)</p> <p>agora já não aceito levar o miúdo à cresce, ela é que deve levar</p> <p><b>Nível 4</b> eu preocupo-me com eles! (filhos)</p> <p>a mais nova tem mais carinho para mim do que ela (Leonor)</p> <p>só com a Leonor é que eles falam (Patrícia e Bruno)</p>	<p><b>Nível 3</b> agora vou só falando com ele (pai) por telefone</p> <p>São dias raros, coisas assim de família não fazemos nada</p> <p><b>Nível 4</b> tenho espaço para a minha privacidade</p> <p>se temos problemas, cada um dirige-se à minha mãe e diz o que se passa</p> <p>Eu gosto muito do meu pai (...) eu sei que ele não deixou de gostar de mim</p> <p>eu não consegui estar ao pé dela (mãe) para lhe dar um abraço, mexe comigo também</p>	<p><b>Nível 3</b> a Patrícia é que é sozinha em casa, quer estar sozinha no cantinho dela</p>

Tabela 1.2: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo separada na primeira e segunda entrevistas da Família 1

Tendo em conta o primeiro momento de avaliação, e observando a tabela 1.2, verifica-se que mãe e filha têm a percepção de que a coesão familiar é separada disfuncional (nível 3). Quanto a este nível de coesão, a Leonor sente existir pouca proximidade dentro do subsistema fraternal, revelando alguma rigidez nas fronteiras internas e externas, já que não passam muito tempo juntos.

Relativamente à relação entre a Leonor e a mãe, vêm-se algumas demonstrações de proximidade e afecto, “ela, se vir que se passa alguma coisa, ela chegasse a mim, chama-me à parte e pergunta, se vir que eu não quero responder, não insiste mais no assunto”, embora a mãe não seja sempre tão compreensiva e, estas atitudes da Inês levam a Leonor a não procurar a mãe para falar, por recear a sua reacção. Considerando a percepção que a Inês tem da relação com os seus filhos, é mencionado um envolvimento familiar não muito acentuado “Sim, às vezes sentamos na sala a ver televisão, mas as coisas em conjunto assim nunca”. Relativamente ao neto, o afastamento promovido pela Inês está muitas vezes relacionado com a vontade de que a Leonor assumisse mais o papel de mãe, e não tanto por falta de laço emocional. Quanto à coesão separada

funcional (nível 4), e ainda relativamente ao primeiro momento de avaliação, a Leonor menciona que, apesar de nem sempre o fazer, sabe que pode recorrer à ajuda e aos conselhos da mãe, algo que os seus irmãos não fazem.

No que diz respeito ao momento de avaliação realizado após a intervenção, observando a tabela 1.2, é possível verificar que, as percepções deste tipo de coesão, foram alvo de mudança. Quanto à coesão separada disfuncional (nível 3; tabela 1.2), apenas a Leonor tem esta percepção, e é relativa à escassez de actividades conjuntas, e à reacção da família a situações de stress, e a problemáticas individuais ou do conjunto “se algo se passa connosco nós fechamo-nos muito rápido, falamos muito pouco”. Considerando o nível de coesão separada funcional (nível 4) a Leonor refere que, juntamente com os irmãos, recorrem à mãe para falarem dos seus problemas pessoais. No conjunto familiar, já existe percepção do afecto, nomeadamente entre a mãe e a Leonor. A Leonor tem um discurso mais confiante dos afectos entre si, o pai si e o Tiago “mostrava preocupação, pergunta pelo Tiago até hoje”. Relativamente ao tempo que passam em conjunto, tanto a Inês como a Leonor concordam que não é muito, mas que existe, sendo que, por vezes, é a mãe que se isola mais dos filhos, refugiando-se na cozinha.

### 1.1.3 Análise da Coesão Ligada na Família 1

Considerando o primeiro momento de avaliação, e atentando a tabela 1.3, verifica-se que existem algumas menções à coesão ligada funcional (nível 5). No caso da Leonor tal prende-se, principalmente, com a abertura que a sua mãe mostra à recepção de amigas em casa “há vezes em que eu estou com amigas e estamos ali na sala, mesmo ao pé da minha mãe, e outras vezes que eu estou no quarto com elas”, bem como da partilha de tempo que a mãe tem com as suas próprias amigas. A Inês considera que a Leonor não deve descurar a sua relação com o seu filho, nem pôr em causa os momentos com as amigas, mostrando que considera importante que a Leonor conviva com as amigas, desde que continue a promover os laços emocionais com o Tiago. A mãe destaca a maior proximidade que tem com a Patrícia a proximidade que o Tiago mantém com esta sua filha “Sempre qualquer coisa, mesmo acordar de manhã, se ela ainda está a dormir, começa a chamar ela ‘Patrícia, Patrícia!’ ”. No entanto, a Leonor refere que a mãe não é muito dada ao convívio com outras pessoas, e prefere que os filhos recebam os amigos em casa, revelando uma coesão ligada disfuncional (nível 6).

Coesão Ligada (níveis 5 e 6)			
L (filha) – Entrevista 1	I (mãe) – Entrevista 1	L (filha) – Entrevista 2	I (mãe) – Entrevista 2
<p><b>Nível 5</b> Eu ouço e consigo compreendê-los (aos irmãos)</p> <p>Ela (mãe) gosta que elas (amigas) vão lá</p> <p><b>Nível 6</b> a minha mãe prefere que elas (amigas) venham a casa do que eu vá a casa delas</p>	<p><b>Nível 5</b> eu não digo para não fazer as coisas com as colegas porque ela ainda é jovem, mas também, ela tem de ter carinho com o miúdo sempre, sempre, sempre</p> <p><b>Nível 6</b> como eu estava a tomar o medicamento, ela (Patrícia) ainda perguntou se eu queria que ela dormisse no meu quarto</p> <p>todos os dias tenho de acordar de manhã (a Leonor), e ajudo-a a dar a papa ao miúdo</p>	<p><b>Nível 5</b> somos todos muito alegres, fazemos muito barulho, extrovertidos (irmãos)</p> <p>(Leonor telefonou à família para contar o seu dia de trabalho) estou contente, quero partilhar aquele momento que tenho com elas</p> <p>(a mãe) também dá mimo ao Tiago</p> <p>conseguir partilhar os meus problemas com a minha mãe</p> <p>todos nós diferentes e conseguimos criar um bom ambiente</p> <p>ao longo das sessões fomos conhecendo o nosso interior, o interior de cada um, porque éramos todas fechadas</p> <p>acabamos por mostrar o nosso afecto, tipo, estando juntos</p> <p>Mudou, está mais meiga (a mãe)</p> <p>a pessoa antes de sair de casa avisa onde vai, se vai demorar ou não</p>	<p><b>Nível 5</b> eles (filhos) preocupam-se sempre comigo e eu também me preocupo com eles</p> <p>não posso ajudar a mãe (Leonor) em tudo o que ela quer, mas posso um bocadinho</p> <p>agora, sinto-me mais satisfeita e com mais vontade de dialogar com eles</p> <p>Eu prefiro estar com eles assim juntos, isso é o mais importante para mim</p> <p><b>Nível 6</b> vir cá em baixo e ficar muito tempo com os vizinhos a falar, e deixá-los (filhos)? Se eles estão lá e cima, eu não me vou sentar a conversar com os vizinhos</p>

Tabela 1.3: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo ligada na primeira e segunda entrevistas da Família 1

Para este tipo de coesão, a mãe destaca a dependência que a Leonor mantém da mãe, que é promovida por ambas pois a mãe não modifica o seu comportamento de constante ajuda, e a filha não promove a sua diferenciação.

Quanto ao último momento de avaliação, verifica-se que, após a intervenção, há uma forte percepção, de ambas, de coesão ligada funcional (nível 5; tabela 1.3) que não existia antes, evidenciando-se uma mudança das percepções do funcionamento familiar. No caso da Leonor, as mudanças são referentes à sua relação com os irmãos, e à consolidação emocional da sua relação com a mãe “Se eu me chegar ao pé da minha mãe, ela já é capaz de dizer o que tem”. Também menciona a maior união da família, e a forma como já recorrem uns aos outros, se precisarem “o melhor apoio é o da nossa família”. Nota-se que há uma maior referência ao seu filho, já que mudou de uma relação algo funcional para uma mais focada nos afectos “vou só eu e ele, fico lá a brincar com ele no parque”. Relativamente à mãe, esta faz bastantes referências à mudança da sua

relação com os filhos, pois sente que há maior envolvimento “dantes eu não tinha esse convívio com as minhas filhas e, agora, tenho”, que já existe proximidade emocional, “Quando a outra está em casa, e um outro não está, sente a falta daquele que não está”, e que o tempo passado em conjunto é aproveitado de melhor forma. A Inês percebe que os seus filhos mostram um maior interesse por si e pelo seu bem-estar, e também relata que os filhos levam os amigos em casa mais vezes, o que é um reflexo do aumento do espaço para expressar as opiniões e vontades, e serem ouvidos. No que diz respeito ao nível de coesão ligada disfuncional (nível 6; tabela 1.3) apenas a mãe percebe este tipo de coesão, já que menciona a dependência afectiva que tem para com os seus filhos, o que pode promover um investimento demasiado grande e nocivo à liberdade e espaço de expressão emocional dos seus filhos.

#### 1.1.4 Análise da Coesão Emaranhada na Família 1

Tendo em conta o primeiro momento de avaliação, apenas a mãe tem a percepção de alguns momentos em que se evidencia uma coesão emaranhada (nível 7), sendo que todos eles se referem à forma como a Leonor se relaciona com a mãe, no que toca a assuntos do Tiago, revelando a dependência económica da Leonor “Sempre eu é que comprava fraldas, eu é que comprava tudo”, mas também a dependência emocional da mãe “Ela começou a falar e eu fiquei tão nervosa naquele dia, nem sei de nada, e a noite passei, nem dormi nada, e depois a minha tensão subiu”, o que demonstra uma coesão claramente disfuncional (nível 8). Relativamente ao último momento de avaliação, não há qualquer citação que se integre neste tipo de coesão extremamente disfuncional.

#### 1.2 Análise da dimensão Flexibilidade na Família 1

Examinado a flexibilidade, uma outra dimensão do Modelo Circumplexo, na família 1 verifica-se que, no primeiro momento de avaliação, a Leonor percebe a flexibilidade familiar como rígida (nível 2), e a Inês como ligada disfuncional (nível 6). Após a intervenção, no último momento de avaliação, as percepções alteram-se, e ambas consideram ter existido uma mudança para a flexibilidade flexível funcional (nível 5).

### 1.2.1 Análise da Flexibilidade Rígida na Família 1

Relativamente ao primeiro momento de avaliação, e analisando a tabela 1.4, referente à flexibilidade rígida (nível 2), a Leonor refere a inalterabilidade das regras da mãe “a minha mãe, qualquer coisa, ela dá logo na cabeça”. Também atribui à mãe o papel de líder da casa “neste momento ela é que é a dona da casa porque o meu pai não está”, papel que a mãe desempenha de forma bastante controladora “a nossa mãe está sempre em cima de nós”. Esta filha salienta a rigidez das regras relacionadas com: a cultura guineense; a mãe cumprir a vontade do pai, mesmo na sua ausência “o meu pai foi viajar e a minha mãe sentiu que, se ele (pai do Tiago) fosse lá a casa, ela estava a desrespeitar o meu pai”. A Leonor também realça o facto de os filhos terem medo de falar com a mãe por causa da sua possível reacção severa. No que toca à percepção da mãe, esta alude à rigidez das suas regras e à ausência de negociação, “a casa é minha, da maneira que eu quero fazer, eu faço”.

Flexibilidade Rígida (níveis 1 e 2)			
L (filha) -Entrevista 1	I (mãe) -Entrevista 1	L (filha) -Entrevista 2	I (mãe) - Entrevista 2
<p><b>Nível 2</b></p> <p>se voltarmos a fazer a mesma coisa eles (pais) esquecem aquilo que nós fizemos de bem e nós continuamos os maus da fita</p> <p>Para nós, guineenses, tinham que ser os meus pais e os pais dele. Família da minha parte e da dele</p> <p>a minha mãe é má, ela é demasiado rígida é isso, e assusta</p>	<p><b>Nível 2</b></p> <p>Às vezes eu digo assim que não, tiro-lhe (à Leonor) o computador</p> <p>Eles têm que aceitar, porque não tem outra alternativa</p> <p>elas não têm coisa, nem se têm uma dificuldade, ninguém tem decisão</p>	<p><b>Nível 2</b></p> <p>(quando o pai estava em casa) arrumávamos sempre a casa, cada uma tinha o seu dia, não havia discussões</p> <p>é mais as ideias dela (mãe), não vive das dos outros</p>	<p><b>Nível 2</b></p> <p>Às vezes, ao mais pequenino (Bruno), dou-lhe uma surra</p>

Tabela 1.4: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo rígida na primeira e segunda entrevistas da Família 1

Tendo em conta o último momento de avaliação, e a análise da tabela 1.4, pode aferir-se que não existe percepção do nível mais extremo da flexibilidade rígida. No entanto, após a intervenção ainda há referências à flexibilidade rígida (nível 2), pois a Leonor menciona que a mãe é pouco aberta às ideias dos filhos. Quanto à mãe, esta refere que, por vezes, quando o Bruno não cumpre as regras, existe uma consequência mais violenta “falo três quatro vezes, eu já estou cansada, quando o corpo dói, ele percebe que ele não tem que fazer”.

## 1.2.2 Análise da Flexibilidade Estruturada na Família 1

Relativamente ao primeiro momento de avaliação, e observando, na tabela 1.5, as percepções da flexibilidade estruturada disfuncional (nível 3), o que a Leonor refere tem maioritariamente a ver com a definição e distribuição das tarefas, pois, como não estavam a resultar, foi a mãe que as definiu, tendo em conta as idades dos filhos. A Leonor menciona que, quando as regras não são cumpridas, as consequências são bastante previsíveis “a minha mãe fica irritada e, ao ficar irritada, fica chata”. No que toca à tomada de decisões parece haver alguma negociação, embora a decisão final seja da mãe. Ainda assim, refere que a mãe concede algum espaço para os filhos exporem os seu pontos de vista “a nossa opinião se calhar é segunda opção, mas ela ouve-nos”. A Inês considera levar a sua liderança de forma algo democrática, embora de base autoritária. No que toca às tarefas da casa a Inês considera que têm de ser sempre feitas pelo responsável da tarefa, mas se este não fizer, acaba por atribuir a tarefa a outra pessoa ou a si mesma, revelando a possibilidade de alterar algumas regras. Quanto à flexibilidade estruturada funcional (nível 4), não há uma grande percepção deste tipo de funcionalidade na família. A Leonor atribui este tipo de flexibilidade ao cumprimento das tarefas, e à negociação e aceitação das decisões “aceitamos as ideias de cada um”. A percepção da Inês é semelhante à da Leonor, ou seja, mãe e filha consideram que algumas regras são cumpridas, e que as tomadas de decisão são feitas de forma organizada e quase sempre justa.

Examinado a tabela 1.5, no que diz respeito ao último momento de avaliação, e à flexibilidade estruturada disfuncional (nível 3), observa-se que a Leonor refere que as tarefas da casa são distribuídas pela mãe, e a Inês refere o seu desejo de que os filhos acedam de imediato aos seus pedidos “eu pedi é para fazer mesmo na mesma hora”. Quanto à flexibilidade estruturada funcional (nível 4), a Leonor menciona que a negociação das regras e decisões envolvem todos os membros, mas a última palavra é da mãe. Ainda assim, a Leonor já tem uma maior percepção de que a mãe ouve as opiniões dos filhos. Também é acentuada a estabilidade e organização dos papéis, sobretudo em relação ao Tiago “já sabe quem é a avó, a mãe e a tia, e o tio”. Relativamente às negociações e às tomadas de decisão a Inês entende que os filhos reconhecem as regras da mãe como algo a ser cumprido “Eles sabem mesmo que têm que ouvir a ordem da mãe”, mas admite que haja lugar para a negociação em que todos sejam ouvidos. Menciona também que a Leonor está mais cumpridora das tarefas e mais responsável. Para a Inês, as suas filhas ainda discutem com alguma frequência, o que leva a mãe a ter de intervir. Há ainda uma alusão quanto ao Tiago estar mais calmo e mais respeitador das regras.

Flexibilidade Estruturada 3 e 4			
L (filha) - Entrevista 1	I (mãe) - Entrevista 1	L (filha) - Entrevista 2	I (mãe) - Entrevista 2
<p><b>Nível 3</b> acho é injusto ser só uma pessoa a limpar se somos todos nós que sujamos</p> <p>lavamos a loiça, eu e a minha irmã, o meu irmão não faz nada só arruma mesmo a cama</p> <p><b>Nível 4</b> se forem assuntos mais graves, sentam-se terceiros, tipo primos da minha mãe, irmãos e cenas assim</p>	<p><b>Nível 3</b> “eu falei que você (Leonor) tem de pensar bem para saber em que ponto é que fica”</p> <p>Se você me fizer um favor eu faço-lhe, se não me fizer, eu não lhe faço</p> <p><b>Nível 4</b> (Os filhos) dizem assim “Está bem, quando a mãe não puder, deixa de fazer”</p>	<p><b>Nível 3</b> (Quem definiu as tarefas) Foi a minha mãe, porque nós discutíamos bastante</p> <p>Normalmente não (os filhos não concordam com as ideias da mãe), mas acabamos por aceitar.</p> <p>normalmente, a palavra da minha mãe é aquela que vai prevalecer sempre</p> <p>ali dentro, a minha mãe manda, temos que a respeitar</p> <p><b>Nível 4</b> Ela (mãe) quer-nos ver bem, mas também não podemos exagerar, barulho para ela, não</p>	<p><b>Nível 4</b> quando eles (filhos) saem eles têm que dizer</p> <p>Uma lava a loiça, a outra é que tem de limpar a casa</p> <p>não sou só eu que tenho de dar opinião (...) mas se deram (os filhos) e eu vejo que não está correcto eu digo que não</p> <p>de manhã (a Leonor) levanta-se para ir trabalhar, chega e vai buscar o Tiago, faz as coisas que ela deve fazer</p> <p>quem mexe nas coisas da outra tem que pedir para a pessoa emprestar, não é só pegar</p> <p>é a idade também, com o tempo ele (Tiago) já vai percebendo o que é que deve e não deve fazer</p>

Tabela 1.5: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo estruturada na primeira e segunda entrevistas da Família

### 1.2.3 Análise da Flexibilidade Flexível

No que respeita ao primeiro momento de avaliação, observando a tabela 1.6, entende-se que existe uma clara diferença de percepções entre mãe e filha, pois a mãe considera existir flexibilidade maioritariamente flexível disfuncional (nível 6), e a filha não faz qualquer tipo de alusão que a este tipo de flexibilidade.

Quanto à flexibilidade flexível funcional (nível 5; tabela 1.6), a Inês refere estar disponível para ajudar os filhos nas tarefas. Há algumas atitudes da Leonor que a Inês considera erradas, nomeadamente no que toca ao incumprimento das regras da casa “a Leonor não faz nada em casa, não cozinha, não faz nada em casa, mas come”, embora tenha havido alguma negociação na atribuição das tarefas “Ela é que disse para fazer assim, mas ela não cumpriu”.

Relativamente ao último momento de avaliação, e à flexibilidade funcional (nível 5), analisando a tabela 1.6, observam-se diferenças nas percepções de ambas, uma vez que a mãe tem uma visão mais acentuada na flexibilidade funcional do que a filha. A Leonor sente uma democratização das regras “já não é tão exigente como antes”, que nem sempre são cumpridas.

Ainda neste nível funcional de flexibilidade, a Inês revela sentir-se mais flexível na forma de aplicar as regras “Para mim não tem castigo, você não faz, não faz”, tem a percepção de que os filhos já estão mais cumpridores “(a Leonor disse) Deixa que eu faço e depois eu vou onde é que eu tenho que ir” e, quando não o são, a Inês já reage mais calma e compreensivamente, reacção que se estende também às tomadas de decisão dos filhos. Quanto à flexibilidade flexível disfuncional (nível 6), e analisando a tabela 1.6 verifica-se que a Leonor refere que, quando há um problema e é preciso tomar uma decisão, o importante é resolver o problema sem que nenhum dos elementos da família saia prejudicado. Quando alguém não cumpre uma tarefa, a Leonor e a mãe têm a mesma atitude “eu vejo que eles não fazem naquela hora, levanto-me e faço”. Quanto às percepções da Inês que se incluem neste nível de flexibilidade (nível 6; tabela 1.6), estas recaem sobre as vezes em que alguém não cumpre uma regra e da confusão que pode gerar.

Flexibilidade Flexível 5 e 6			
L (filha) - Entrevista 1	I (mãe) - Entrevista 1	L (filha) - Entrevista 2	I (mãe) - Entrevista 2
	<p><b>Nível 5</b> às vezes elas (filhas) não têm tempo e, às vezes, eu levanto-me de manhã, limpo a casa e faço as coisas</p> <p><b>Nível 6</b> Se elas não querem ouvir, não ouvem na mesma, mas posso dar opinião como sendo a mãe</p> <p>tiro-lhe a ela o computador, eu vou para a cama e ela vai buscar o computador</p> <p>Ela faz no dia em que vê que lhe apetece para fazer</p> <p>A irmã (Patrícia) discute que não vai fazer porque ela (Leonor) é que tem que fazer, então eu faço</p>	<p><b>Nível 5</b> a minha mãe já sabe que nós (filhos) já sabemos que temos de fazer aquilo (tarefas de cada um)</p> <p><b>Nível 6</b> (A Patrícia) faz as tarefas quando lhe apetece</p> <p>Já não acontece nada, dantes tínhamos sempre a nossa mãe por cima</p> <p>tentamos não estar com muita estratégia, mas que fique bem resolvido e que não doa a muita gente</p>	<p><b>Nível 5</b> Decido eu, ou então às vezes, seu eu decidir, às vezes, se está incorrecto a Leonor diz “Não, mãe, não é assim, assim é assim”</p> <p>discussão não, apoiamo-nos mais (quando a família passa por um mau momento)</p> <p>Às vezes é a Leonor a orientar (as tarefas), às vezes é a Patrícia</p> <p>não estou aí a preocupar, basta dizer, já sei onde é que tu estás</p> <p>vejam lá o que é que fazem para não dar errado</p> <p>Vejo que ninguém faz, eu ainda posso fazer, não sou incapacitada</p>

Tabela 1.6: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo flexível na primeira e segunda entrevistas da Família 1

#### 1.2.4 Análise Flexibilidade Caótica na Família 1

Analisando o primeiro e o último momento de avaliação, verifica-se que em nenhum deles existe qualquer percepção que remeta para a flexibilidade caótica.

### 1.3 Análise da dimensão Comunicação

No que diz respeito à comunicação, a terceira dimensão do Modelo Circumplexo, na família 1 observa-se que, no primeiro momento de avaliação, mãe e filha percebem a comunicação como negativa. Após a intervenção, no último momento de avaliação, as percepções alteram-se, e ambas consideram que a comunicação se tornou positiva.

#### 1.3.1 Análise da Comunicação Negativa

Relativamente à comunicação, e ao primeiro momento de avaliação, observando a tabela 1.7 é possível compreender que a Leonor percebe a falta de espaço para a expressão verbal, a falta de respeito para com os seus sentimentos, que também podem vir num discurso hostil “(Patrícia disse-lhe) Tu és granda burra”. Menciona ainda que, tanto ela como os irmãos, não recorrem à mãe para falar “nem vai à minha mãe, tem mesmo medo (o Bruno)”. A mãe destaca o facto de os filhos considerarem aquilo que ela está a sentir, “eu vou lá ver o que é que eles querem, mas quando eu os chamo, ninguém tem tempo para mim”. A Inês também refere que os filhos não a procuram para falar, no entanto a mãe também não vai ter com eles para os ouvir.

Comunicação Negativa			
L (filha) – Entrevista 1	I (mãe) – Entrevista 1	L (filha) – Entrevista 2	I (mãe) – Entrevista 2
<p>acho que vou-me sentir mais à vontade a falar com elas (amigas) do que com ela (mãe)</p> <p>Ele (Bruno) acha que fazemos de propósito porque é o mais novo e é sempre ele que tem de sair, nós não o mandamos sair</p> <p>disse-me (a mãe) “Estás grávida, não é? Então pronto, essa criança não vais tirar, se tirares saís daqui”</p> <p>(os irmãos) já não ligam tanto ao que a minha mãe diz e pronto</p> <p>quando a minha mãe se farta diz “Olha fala com os teus irmãos”</p> <p>quando eu lhes dou um grito (aos irmãos), conseguem parar para ouvir</p> <p>A minha irmã não é muito de comentar a vida dela com outros</p>	<p>Uma vez ela saiu e disse “Já estou farta dessa merda eu vou sair daqui” (...) “Olha, se você sair é o meu alívio, mas se sair, se descer, não sobe mais cá. Desce de uma vez!”</p> <p>ela (Leonor) não me respeita, não me respeita</p> <p>quando eu chamo alguém dizem assim “Ah, espera”, não é espera, esse “espera” é que me irrita, faz-me não chamar mais ninguém</p> <p>ela (Leonor) nunca me conta nada</p> <p>quando ela (Leonor) não me conta eu também não lhe pergunto</p> <p>chamo a eles (filhos), eles acham que eu sou chata, que eu chateio eles sempre</p>	<p>queremos todos falar uns por cima dos outros e depois começam os gritos</p>	<p>ela (Patrícia) é muito agitada. Ela grita, grita</p>

Tabela 1.7: Análise de conteúdo da dimensão comunicação de tipo negativa na primeira e segunda entrevistas da Família 1

Tendo em conta o último momento de avaliação, e no que toca à comunicação negativa, olhando para a tabela 1.7, verifica-se um menor percepção do que no primeiro momento de avaliação. A Leonor refere que é frequente, na discussão de um problema, começarem a falar sem ter em conta os sentimentos e ideias dos outros, algo também percebido pela Inês. Se este problema for algo grave e afectar um ou todos os elementos da família, a reacção será de afastamento entre todos “falamos muito pouco, evitamos estar assim no meio de todos”.

### 1.3.2 Análise da Comunicação Ambivalente

Comunicação Ambivalente			
L (filha) - Entrevista 1	I (mãe) - Entrevista 1	L (filha) - Entrevista 2	I (mãe) - Entrevista 2
<p>ela (mãe) já me disse várias vezes “Ah tu podes arranjar qualquer pessoa e continuas sempre a bater na mesma tecla”</p> <p>Ela (mãe) dizia “Tu não estares (grávida) é um espanto”</p> <p>(a mãe disse à Leonor) “Sim, são cenas de criança que acontecem, mas pronto, se isso aconteceu é porque vocês não tomaram as devidas precauções, agora só têm que assumir”</p>	<p>ela (Patrícia) diz assim “Então deixa que eu ponho a água ali no quarto, no copo, assim qualquer coisa pega só, nem é preciso chamar”</p> <p>“Eu agora vou mostrar como é que as coisas são. Se você (Leonor) me fizer um favor eu faço, se não me fazer, eu não faço”</p> <p>“quando eu preciso de ti (Leonor) você não me faz o favor, quando você precisa de mim eu faço-te. Você não é minha mãe. Eu sou tua mãe, tu é que me deves fazer os favores, não sou eu a fazer-te os favores”</p> <p>“eu falei que você (Leonor) tem de pensar bem para saber em que ponto é que fica”</p> <p>Falamos (família) só, às vezes se eu precisar de uma coisa assim</p>	<p>acabamos por perceber que não é aos gritos que nos vamos entender, paramos, e falamos todos</p> <p>diz que eu estou sempre com a cabeça no ar, devia ser mais madura</p> <p>há assuntos que, se calhar, mexem um pouco mais connosco e, se calhar, a pessoa não vai perceber como eu quero transmitir, e se calhar guardo para mim, tipo com medo</p>	<p>(A Leonor disse) “Ah, mas estás calada, o que é que aconteceu?”, e eu disse “Não, aconteceu nada”, “Aconteceu sim, mãe, diz lá”, “Se eu disse que não passa é porque não passa”</p> <p>eu digo-lhes “É assim”</p> <p>“Ah, porque é que ela (Patrícia) mexe nos minhas (coisas roupas e acessórios da Leonor) e eu não posso mexer nas dela?”</p>

Tabela 1.8: Análise de conteúdo da dimensão comunicação de tipo ambivalente na primeira e segunda entrevistas da Família 1

Considerando o primeiro momento de avaliação, e a comunicação de tipo ambivalente, através da observação da tabela 1.8 compreende-se que ambas percebem a presença de empatia, embora não acentuada, mas também referem o surgimento de algumas palavras mais agressivas, bem como a percepção de pouco de respeito pelos sentimentos entre os elementos, e ainda a escassa procura que a família faz de momentos para falarem “ficarmos a falar de coisas do dia a dia, mas sobre temas assim nada de especial”. Apenas a mãe considera que os filhos não respeitam aquilo que diz “Se elas não querem ouvir, não ouvem na mesma”.

No que diz respeito ao último momento de avaliação, e à comunicação ambivalente, a tabela 1.8 demonstra que mãe e filha têm a percepção de não existir total respeito pelos

sentimentos, entre os elementos da família. Ainda assim, focam-se em aspectos diferentes, já que a Leonor refere este tipo de atitude por parte da mãe em relação aos filhos “é mais das ideias dela, não vive das dos outros”, sobretudo em relação a si, mencionando ainda passar por momentos em que não é capaz de confortar a mãe, embora o desejasse “eu não consegui estar ao pé dela para lhe dar um abraço, mexe comigo também”. A mãe faz alusão à dificuldade que, por vezes, sente em levar os seus filhos a respeitarem-se mutuamente “é complicado dizer, mas depois eles entendem-se”. Refere também que a própria Inês, por vezes, não respeita o desejo dos filhos em saber o que a mãe está a sentir, falando mais agressivamente do que o desejável “Sim, se eu disse que não se passa nada é porque não se passa”. Salienta-se ainda o facto de a Leonor reconhecer que, apesar de nem sempre ser fácil falar com a família, há um aumento do espaço para se poderem exprimir, “se temos problemas, cada um dirige-se à minha mãe”.

### 1.3.3 Análise da Comunicação Positiva na Família 1

Observando a tabela 1.10, compreende-se que, no primeiro momento de avaliação, existe um baixa percepção da comunicação positiva. Ainda assim, a mãe tem uma maior percepção deste tipo de comunicação do que a filha. A Leonor refere que, quando alguém toma uma decisão, todos podem dar sua opinião desde que haja respeito pelos sentimentos dos outros. No caso da mãe, as citações que se enquadram neste nível de comunicação recaem sobre a forma como considera compreender os filhos “quando a mãe estava a trabalhar e o Bruno pedia a mãe dava, mas agora a mãe não tem”, as suas atitudes, e os seus sentimentos “a falar, também assim é que a pessoa sabe onde é que deve e não deve entrar”.

Quanto ao último momento de avaliação, e analisando a tabela 1.10, é possível verificar que existe uma maior percepção da comunicação positiva, face ao primeiro momento. Do ponto de vista da Leonor, existe a percepção de que os elementos da família desenvolveram a capacidade de se ouvirem mutuamente, dando espaço aos outros para se poderem expressar “dantes, se calhar atropelávamos um bocado as ideias e não ouvíamos, agora não, sabemos ouvir”, e este respeito leva a que os sentimentos de todos sejam respeitados, uma mudança que a Leonor refere notar-se mais na sua mãe, pois já não fala com os filhos de forma tão abrupta. O facto de haver mais respeito pelos sentimentos, aumenta o espaço de expressão verbal e, conseqüentemente, a vontade de os elementos se procuram para falar. No que diz respeito à mãe, esta também realça a sua percepção de que existe mais espaço para a expressão verbal e de que, este espaço, leva a família a procurar-se para falar.

Comunicação Positiva			
L (filha) - Entrevista 1	I (mãe) - Entrevista 1	L (filha) - Entrevista 2	I (mãe) - Entrevista 2
respeitamos sempre, tipo, se for de bem a gente comenta, se achamos que isso não é de bem, estamos sempre ali para dar na cabeça	eu não digo para não fazer as coisas com as colegas porque ela ainda é jovem  eu disse assim “Olha, se fosse eu, na minha maneira de pensar ele voltava”  Só gosto de todos, porque todos são filhos	paramos mais um bocadinho e pensamos no que o outro disse.  também lhes devo respeito, saber ouvir e ser ouvida  (Leonor telefonou à família para contar o seu dia de trabalho) estou contente, quero partilhar aquele momento que tenho com elas	tem que pedir por favor para a pessoa emprestar, não é só pegar e, depois, pegar e sair com ele e dar a outra pessoa.  eu explico à Leonor e, ela, antes não me ligava, mas agora já  Dantes havia aquele respeito, mas agora está mais forte do que antigamente  peço desculpa, para não voltar mais a dizer o mesmo  tenho muita oportunidade de elas falarem comigo sobre o que estão a sentir, e eu com elas também  Ah, tem que haver espaço, tem que haver o espaço... E há

Tabela 1.10: Análise de conteúdo da dimensão comunicação de tipo positiva na primeira e segunda entrevistas da Família 1

#### 1.4 Análise da dimensão Transgeracionalidade

Transgeracionalidade			
L – Entrevista 1	I – Entrevista 1	L – Entrevista 2	I – Entrevista 2
<b>Ruptura dos padrões familiares</b> vai sair de mim, e não coisas que eu trago da minha mãe  eu sou muito rebelde comparado com aquilo que ela era	<b>Continuidade dos padrões familiares</b> a minha mãe separou-se com o meu pai	<b>Continuidade dos padrões familiares</b> saímos à minha mãe  vejo que eles não fazem naquela hora, eu levanto e eu faço.	<b>Continuidade dos padrões familiares</b> com o meus pais também era boa  a minha mãe e o meu pai separaram-se  com o meus pais a relação também era boa  <b>Ruptura dos padrões familiares</b> mas agora a gente conta o que passou hoje, ou o que passou ontem  quando eu era mais nova ainda, saía nem dizia onde é que eu ia (...)  quando eles saem eles têm que dizer

Tabela 1.13: Análise de conteúdo da dimensão mudança transgeracionalidade na primeira e segunda entrevistas da Família 1

Relativamente à dimensão transgeracionalidade no primeiro momento de avaliação, a mãe considera que o bom relacionamento que tinha com o seu pai se mantém e reflecte na sua relação com os seus filhos, sendo que a Leonor faz uma identificação contrária pois, no que toca à ruptura dos padrões, refere ter uma relação diferente com a mãe do que aquela que a Inês tinha com os pais. A Leonor considera também que, aquilo que a mãe lhe passou, não está muito interiorizado em si. Novamente, no campo da continuidade dos padrões familiares, a Inês refere

que quando os pais se separaram, ficou a viver com o pai e, actualmente, embora não esteja oficialmente separada do marido, este já não vive em casa, e os filhos vivem com a Inês.

No que diz respeito ao último momento de avaliação, e à continuidade dos padrões familiares, a Leonor refere que ela e a irmã são como a mãe, relativamente à forma como se distanciam dos outros, embora agora já tentem proceder de forma diferente. Tal como a mãe, a Leonor tem agora a mesma atitude face aos irmãos não efectuarem as tarefas da casa. A Inês, no seu discurso, refere tinha uma boa relação com os seus pais, de tal forma que o seu filho mais novo herdou o nome do avô “É, Bruno Artur”. A percepção de ruptura dos padrões familiares, só está presente no discurso da Inês, ao fazer comparações entre o tempo em que cresceu, e o tempo em que estão a crescer os seus filhos.

### 1.5 Análise da CRS: Evolução da Família 1 ao longo da intervenção

Observando a figura 1 é possível atentar a evolução que a família 1 foi experimentando ao longo das onze sessões efectuadas (Anexo G).

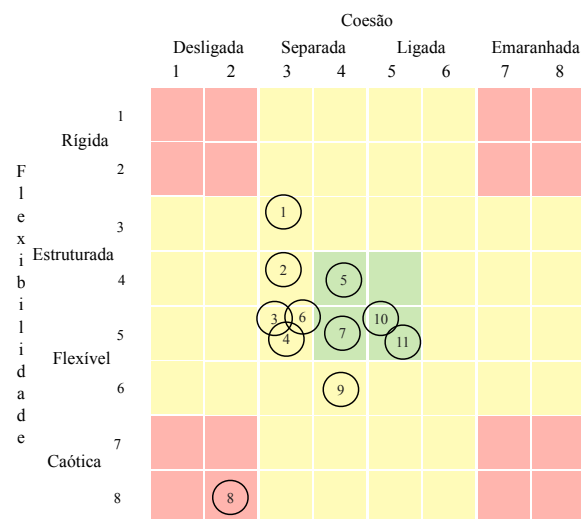


Figura 1: Mapa ilustrativo da evolução da família ao longo das sessões através da avaliação pela CRS

Analisando o mapa é possível reparar que, nas sessões 1 a 6, apenas a dimensão flexibilidade apresenta sinais de mudança, movendo-se gradualmente do extremo disfuncional (flexibilidade rígida) para uma zona de maior funcionalidade (flexibilidade estruturada). A oitava sessão, classificada com coesão rígida dois e flexibilidade caótica oito, aconteceu após um momento de crise familiar, que fez os laços emocionais parecerem quase extintos, e o envolvimento familiar tornar-se escasso. No entanto, possivelmente pelo desenvolvimentos de

capacidades de organização das regras, e pelo fortalecimento dos laços emocionais promovidos pelas sessões anteriores a este acontecimento, é visível que, na sessão seguinte, a família voltou a estar mais próxima dos níveis de coesão e flexibilidade funcionais, que se continuaram a desenvolver nas sessões até ao final da intervenção. Nas duas últimas sessões a família teve a mesma avaliação mostrando ter níveis funcionais de coesão e de flexibilidade.

## 2. Análise dos resultados da Família 2

irão agora analisar-se os resultados obtidos pela família 2, nos três momentos de avaliação realizados. Esta família é constituída por cinco elementos: o João, o jovem que fez o pedido para a intervenção; a Catarina, mãe da João; a Elsa e a Núria, irmãos mais novos do João; e o António, o pai, que trabalha noutro país, mas está com a família no mês de Agosto e no Natal, durante duas semanas. As entrevistas aqui apresentadas, primeiro e último momentos de avaliação, foram realizadas apenas ao João e à sua mãe. No que toca às sessões, o João, a Catarina, a Elsa e a Núria, estiveram presentes em praticamente todas as sessões (conferir Anexo G).

### 2.1 Análise da dimensão Coesão

Tendo em conta a análise da coesão, uma das dimensões do Modelo Circumplexo, na família 2 observa-se que, no primeiro momento de avaliação, mãe e filho percebem a coesão familiar como separada disfuncional (nível 3). Após a intervenção, no segundo momento de avaliação, as percepções alteram-se, e ambos classificam a coesão como ligada funcional (nível 5), considerando que houve mudanças ao nível desta dimensão.

#### 2.1.1 Análise da Coesão Desligada na Família 2

Coesão Desligada (níveis 1 e 2)			
J (filho) - Entrevista 1	C (mãe) - Entrevista 1	J (filho) - Entrevista 2	C (mãe) - Entrevista 2
<p><b>Nível 2</b> eu envolver-me no problema da Elsa ou quê, uma coisa assim? Não. nessas coisas quem vai decidir sou eu, e ela (mãe) não pode mudar Não desabafo com ninguém</p>	<p><b>Nível 2</b> eu disse a ele, (João) “Olha, bate. Para ele saber que tu és o irmão mais velho dela”. (...) A Elsa é segunda, devia saber</p>		

Tabela 2.1: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo desligada na primeira e segunda entrevistas da Família 2

No primeiro momento de avaliação, e relativamente à coesão desligada (nível 2; tabela 2.1), o João destaca o fraco laço afectivo que tem com a mãe “quer-me dizer as coisas, mas não sei, ela também não fala”. Menciona que, muitas vezes, as decisões são tomadas individualmente, um individualismo também presente na disponibilidade emocional que o João permite que os outros lhe dêem “quando há dias que estou com as cenas que me incomodam na cabeça, pronto, não estou em casa”. No entanto, o João gostava que os laços emocionais fossem mais fortes e expressos “Gostava que fosse um pouco, só”. No caso da Catarina, a percepção deste tipo de coesão é relativa à sua filha Elsa, quem considera ser o elemento mais fechado sobre si mesmo de todos os da família “ela não é pessoa que abre o jogo com alguém assim”. Fazendo uma referência ao passado a Catarina relata que, na altura em que o João chegou a Portugal, a Elsa ficou com bastantes ciúmes, e os pais reagiram com intransigência, uma atitude que tentaram que se estendesse ao irmão, de modo a que a Elsa compreendesse que devia respeitar a hierarquia da casa. No último momento de avaliação, nenhum dos elementos fez alusão a uma coesão desligada, o que indica a presença de mudança na percepção da coesão familiar.

#### 2.1.2 Análise da Coesão Separada na Família 2

Analisando o primeiro momento de avaliação, através da tabela 2.2, observa-se uma grande percepção coesão separada disfuncional (nível 3), já que é esta a percepção de coesão que mãe e filho têm. O João refere investir mais no envolvimento familiar, quando está bem emocionalmente “Se consegui equilibrar alguma coisa, estou em casa nesses dias”, embora sem uma profundidade que promova a fortificação dos laços emocionais. A Catarina menciona: que o João e a Elsa não recorrem a si quando algo de errado se passa com eles, embora a mãe também não insista em perguntar; que por vezes não tem tempo para estar tanto com os filhos como gostaria “não dá muito tempo para ficar com eles, ou divertir com eles, ou saber o que é que eles querem”; não ter a certeza de que os filhos gostam e precisam dela, nomeadamente o João.

Ainda no primeiro momento de avaliação, mas relativamente à coesão separada funcional (nível 4, tabela 2.2), o João menciona o laço emocional forte que mantém com o pai e com a Núria “Porque ela percebe, às vezes, chega aí e diz ‘Ah, o mano está triste hoje’ ”, e o investimento do pai em manter claras as fronteiras internas, promovendo o tempo em conjunto. A Catarina refere gostar bastante dos momentos em conjunto, embora não sejam muitos. Quanto à coesão separada disfuncional (nível 3) observando a tabela 2.2, verifica-se que, no último momento de avaliação, o João ainda percebe um baixo envolvimento emocional entre os

elementos, embora haja mais quando o pai está em casa. A Catarina refere: um episódio em que o marido e o filho a rejeitaram num programa familiar, que a leva a afirmar que os filhos têm um laço emocional mais forte com o pai do que com ela “os meus filhos gostam mais do pai do que de mim”. No nível de coesão funcional (nível 4; tabela 2.2), e ainda no que diz respeito ao último momento de avaliação, o João descreve a sua relação com o pai como próxima, embora não tanto quanto o João deseja dada a distancia geográfica.

Coesão Separada (níveis 3 e 4)			
J (filho) - Entrevista 1	C (mãe) - Entrevista 1	J (filho) - Entrevista 2	C (mãe) - Entrevista 2
<p><b>Nível 3</b> a gente (família) não fala assim tão profundo que dá para conseguir desabafar</p> <p><b>Nível 4</b> Ela (Elsa) acaba por ficar na sala, às vezes, se as amigas dela chegarem primeiro, já estão no quarto, então eu fico na sala com os amigos</p> <p>eu com o meu pai dou-me muito bem</p> <p>o meu pai não deixou (pôr televisões nos quartos), e eu acho que a estratégia era essa, que é deixar a família só, tipo, às vezes estarmos na sala todos a conviver</p>	<p><b>Nível 3</b> como perguntei (ao João) e não me diz nada, não posso dizer mais nada</p> <p>foi opinião de João que eu pedi</p> <p>Porque eu penso que a Elsa ainda tem ideia de criança</p> <p>se eles (filhos) metem uma coisa que eu gosto (na televisão), eu fico lá a ver com eles.</p> <p>Ela (Elsa) não fala muito, fica triste</p> <p>não sei se ele sabe dentro dele mesmo, “A minha mãe gosta de mim”</p> <p>não sei se eles (filhos) precisam de mim...</p> <p><b>Nível 4</b> quando jantam todos, às vezes sentamos a jantar, a divertir</p> <p>Sim, eu gosto de passarmos tempo todos juntos, porque estamos lá, temos que unir</p> <p>Vive lá em casa, só que trabalha fora(marido)</p>	<p><b>Nível 3</b> Nós não partilhamos assim tanto</p> <p>carinho assim, chegar à pessoa e dizer, a gente não tem isso</p> <p>Às vezes estou em casa, mas estou lá no quarto, estou no computador a ouvir as minha músicas e os meus filmes</p> <p>(quando o pai está em casa) fazemos reunião cada um diz o que pensa, o que é que acha, e o que quer fazer</p> <p><b>Nível 4</b> com o meu pai falo geralmente de tudo. Perguntame como é que eu estou, como é que eu tenho andando</p> <p>Não tenho assim tanto espaço (para a privacidade), pronto. Mas eu tenho um bocado</p> <p>Todos juntos fazemos, é sentar para ver televisão</p> <p>às vezes a minha irmã no quarto e eu a minha mãe e a Núria estamos na sala</p> <p>melhorar a minha relação com a Elsa já foi mudado</p> <p>Acho que sim, acho que passo suficientemente, mas eu gostava de passar mais</p>	<p><b>Nível 3</b> às vezes sinto dificuldades, mas disso não quero falar com os meus filhos</p> <p>A minha relação com os meus filhos... É só sentar e divertirmo-nos</p> <p>o João disse ao pai “Ah, vamos esconder”, e eu disse “Sim, podem esconder”, “Ah, vamos tocar a campainha e vamos esconder”, eu disse “Está bem, vocês podem ficar”, daí, chateei-me, peguei o autocarro e vim para casa</p> <p>digo-lhes “Olhem, tenho um pouco de dinheiro, vou tentar comprar materiais da escola e cada um escolhe uma calça e duas camisas, e desenrasquem com isso”</p> <p><b>Nível 4</b> Às vezes ligo ao pai, disse o que é, ou falta-me uma coisa assim não tenho dinheiro, não tenho isso</p> <p>Às vezes sentamos lá, jantamos, só que na hora do jantar sempre há uma pessoa que não vai estar</p>

Tabela 2.2: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo separada na primeira e segunda entrevistas da Família 2

Também menciona o investimento que tem feito para fortalecer dos laços emocionais com a mãe “sentimentos, por acaso já estou a começar a partilhar um bocado”, e o esforço que ele e a

Elsa fazem para que a partilha do quarto seja o mais agradável possível para ambos “não é assim tão fácil, mas nós tentamos contornar para as coisas correrem bem”. Faz ainda alusão ao facto de passarem mais tempo juntos em família, embora não tanto quanto o gostaria, e ao ênfase no envolvimento familiar. A Catarina refere o envolvimento que tem com o marido, mesmo estando ele a viver noutra pais, e também com os filhos, embora nem sempre estejam todos juntos.

### 2.1.3 Análise da Coesão Ligada na Família 2

Coesão Ligada (níveis 5 e 6)			
J (filho) – Entrevista 1	C (mãe) – Entrevista 1	J (filho) – Entrevista 2	C (mãe) – Entrevista 2
<p><b>Nível 5</b> quando estou um bocado em baixo a Núria chega lá em casa e começa a meter comigo e fico abstraído das coisas que estavam na minha cabeça</p> <p>às vezes, a minha mãe quer que a gente (João e amigos) fique lá até às tantas</p> <p>A minha mãe e o meu pai, são, são lutadores, são guerreiros, fazem tudo pelos filhos</p> <p><b>Nível 6</b> começo a pensar, “Se calhar a minha mãe está chateada, se calhar a minha mãe não está a gostar, como é que eu estou, a vida que eu estou a levar”</p> <p>às vezes sinto que tenho o meu espaço, mas às vezes também não sinto</p>	<p><b>Nível 5</b> quando estamos na sala, às vezes vemos televisão, ficamos lá a rir</p> <p>amigo de meu filho é meu filho. Amiga da minha filha é minha filha</p> <p><b>Nível 6</b> se o meu filho ou a minha filha tem uma amiga e não me mostra, então, amanhã pode fazer uma coisa perigosa na rua...</p> <p>Fez anos (o João), não tinha nada para lhe dar, porque não tenho (dinheiro). Mas fiz um jeito, dei o que tinha e ele ficou feliz</p>	<p><b>Nível 5</b> é uma boa família, preocupam-se com os outros e com o próximo também</p> <p>com quem eu me dou melhor na minha casa é com a Núria</p> <p>(a família) É uma referência para mim, são pessoas mesmo importantes para mim, são as pessoas mais importantes</p> <p>há dias que elas estão a ver novelas, mas eu vou lá, fico lá</p> <p>(quando um não está em casa) sentimos que falta um elemento, falta uma peça do puzzle</p> <p>Acho que agora estou a mostrar que gosto delas, e gosto de mostrar</p> <p><b>Nível 6</b> foi bom estar com elas, eu ia ficar em casa sozinho? Não.</p> <p>às vezes eu sinto saudades, se numa semana, ela não aparecer em casa a toda a hora quando eu estou lá, fico a pensar “Porra! O que será que a Núria está a fazer, porque é que ela não vem atrás de mim?”</p> <p>se eu chegar a casa e não estiver ninguém, se ela (Núria) estiver na rua eu chamo-a</p>	<p><b>Nível 5</b> Juntos, sim, mesmo que esteja apertada (a família em casa) eu prefiro ter lá tudo junto.</p> <p>Se eu sinto uma coisa mal, principalmente o João, chamo-o e digo “Olha, eu estou a sentir isso, ou a minha mãe ligou e disse isso, mas eu não gostei”</p> <p>Não têm problemas entre eles (filhos)</p> <p>Se forem coisas boas eu chamo-os e conto-lhes (filhos)</p> <p>a Elsa e o João pensam que eu gosto mais da Núria. Não é isso!</p> <p>divertir, ou eu falo uma coisa em português e começam logo a rir (filhos)</p> <p>Sim, eu envolvo-me nos problemas deles (filhos)</p> <p>agora a Elsa, se ela chegar também e não vir o João, fica a perguntar “O João ainda não veio?”</p> <p><b>Nível 6</b> Ah, é suficiente, mas não é para mim (tempo em conjunto)</p> <p>(filhos telefonam) “Então, não vem para casa?”, eu diz a eles “Está bem, venho já”.</p> <p>a Núria, se chega a casa e não me vê, liga-me</p>

Tabela 2.3: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo ligada na primeira e segunda entrevistas da Família 2

Considerando a tabela 2.3, que tem em conta a coesão ligada funcional, e comparando os dois momentos de avaliação apresentados, verificam-se diferenças nas percepções, existindo uma maior percepção no último momento de avaliação, sendo esta a percepção final da coesão familiar, de ambos os membros.

O João acentua o laço emocional forte que tem com a irmã Núria “para ser sincero eu gosto mais da minha irmã”, e é com ela que sente existir mais envolvimento e demonstrações afectivas. Destaca o envolvimento familiar que os pais têm na vida dos filhos, por investirem na ida dos amigos a casa, mas principalmente por mostrarem que a família é a sua prioridade. A Catarina realça a proximidade e o envolvimento familiar que tem com os filhos, nomeadamente com o João “para mim o que ele quiser, ele pode-me fazer a pergunta, eu sou a mãe (...) Com os outros filhos também é a mesma coisa”. Quanto à coesão ligada disfuncional (nível 6) na tabela 2.3 pode observar-se que, por vezes, o João sente o peso da lealdade à família, exigida pela mãe. A Catarina explica a preocupação que tem em que os filhos tenham bons amigos, mostrando ser bastante receptiva quando, na sua opinião, o são. Menciona a forte proximidade emocional que sente pelos filhos “Para mim eu preciso deles, muito, muito, muito, muito”, embora muitas vezes demonstrada pela via material.

Relativamente ao último momento de avaliação, e no que diz respeito à coesão ligada funcional (nível 5), através da observação da tabela 2.3 nota-se que existe uma maior percepção deste nível da coesão. O João refere o fortalecimento da proximidade emocional e dos laços emocionais entre todos os elementos da família “é uma família unida, é uma família feliz”, e também entre si e a sua mãe “a gente agora começa a falar mais assim, às vezes eu começo a falar assim da minha parte amorosa”, mas mantém os laços emocionais mais fortes com a Núria. Também faz uma alusão ao respeito e às fronteiras claras que conseguiu construir e manter com a Elsa “se ela está com as amigas dela no quarto, tenho que respeitar, não vou estar aí a estar no quarto. Quando estou com os meus amigos, ela também respeita”. A Catarina também destaca o aumento do envolvimento familiar, e da proximidade emocional na família “Quando nós estamos todos juntos? Eu sinto mesmo alegre do meu coração”. Menciona ainda preferir tomar decisões em conjunto com o marido e os filhos, embora, muitas vezes, o primeiro a ser consultado é o João “Sim, às vezes, se eu tenho uma coisa para dizer, eu chamo-os e peço-lhes a opinião”. Quanto ao nível de coesão ligada disfuncional (nível 6) a análise da tabela 2.3 demonstra que o foco está na dependência afectiva que o João e a Catarina têm pela Núria.

#### 2.1.4 Análise da Coesão Emaranhada na Família 2

No que diz respeito ao primeiro momento de avaliação, e relativamente à coesão emaranhada (nível 7) a Catarina menciona a dependência afectiva que mantém pelos filhos “se eles não estão, fico mesmo triste, fico mesmo, mesmo triste!”, nomeadamente pelo João “Nem que fosse para eu não ter para mim, mas eu prefiro dar ao meu filho”, “eu não tenho nada a esconder ao meu filho, não tenho nada, nada mesmo”. No segundo momento, este tipo de coesão disfuncional (nível 7), é apenas mencionado pela mãe, que se refere à dependência afectiva que mantém pela filha mais nova “Às vezes se eu estou sozinha digo-lhe ‘Núria não saias para a rua, fica aqui comigo’ ”.

#### 2.2 Análise da dimensão Flexibilidade na Família 2

Considerando uma outra dimensão do Modelo Circumplexo, a flexibilidade, na família 2 observa-se que, no primeiro momento de avaliação, o João percepciona a flexibilidade familiar como rígida (nível 2), tal como a sua mãe. No último momento de avaliação, posterior à intervenção, as percepções alteram-se, e o João passou a considerar existir uma flexibilidade flexível funcional (nível 5), e a Catarina sente ter existido uma mudança para a flexibilidade estruturada funcional (nível 5). Deste modo, verifica-se que, antes da intervenção a flexibilidade era disfuncional e, após a mesma, tornou-se funcional.

##### 2.2.1 Análise da Flexibilidade Rígida na Família 2

Observando o primeiro momento de avaliação através da tabela 2.4, e tendo em conta a flexibilidade rígida (nível 2), o João refere a atitude extremamente controladora da mãe, a qual não o agrada porque o faz crer que a mãe não tem confiança nele, “eu digo-lhe: Não gosto, não liga mais, estás sempre a ligar a um gajo porquê? Sou criança para estares a ligar a saber onde é que eu estou?”. A Catarina faz alusão a algumas regras que considera da maior importância serem cumpridas relativamente à naturalidade dos amigos de todos, e à gestão do dinheiro das filhas.

No último momento de avaliação há apenas uma referência à flexibilidade rígida (nível 2; tabela 2.4), na qual a Catarina menciona uma atitude intransigente que teve para com a Núria, quando esta tirou umas moedas ao irmão.

Flexibilidade Rígida (níveis 1 e 2)			
J (filho) - Entrevista 1	C (mãe) - Entrevista 1	J (filho) - Entrevista 2	C (mãe) - Entrevista 2
<p><b>Nível 2</b></p> <p>às eu sinto que ela está a vigiar-me</p> <p>Às vezes chega aqui e “Ah, filho de tal pessoa fez isso, tu também tens que fazer”</p> <p>Eu queria que ela deixasse de fazer perguntas, porque vai aceitar e vai</p> <p>A minha mãe acorda bué cedo para chatear ela (Elsa)</p> <p>se eu for lá com uma namorada, ela (mãe) começa a fazer bué perguntas, “Ela é de onde?”, “Tu sabes quem é ela? Não sabes!”</p>	<p><b>Nível 2</b></p> <p>se ela (Elsa) disser pode ser uma opinião errada ou assim.</p> <p>tem que haver respeito</p> <p>disse: Bate. Porque, se não, qualquer dia fica a falar, e parece que tu não és da casa, mas tu és primeiro (mais velho)</p> <p>(disse ao João) “Olha, tu chegaste aqui, o teu pai é que te trouxe aqui comigo, mas eu não quero amigo cigano, desculpa lá, nem cabo-verdiano, eu não quero</p> <p>ela (Elsa) ainda não pode gerir nada, eu não deixo</p>		<p><b>Nível 2</b></p> <p>Quando a Núria tirou as moedas dei, dei mesmo</p>

Tabela 2.4: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo rígida na primeira e segunda entrevistas da Família 2

## 2.2.2 Análise da Flexibilidade Estruturada na Família 2

Flexibilidade Estruturada (níveis 3 e 4)			
J (filho) - Entrevista 1	C (mãe) - Entrevista 1	J (filho) - Entrevista 2	C (mãe) - Entrevista 2
<p><b>Nível 3</b></p> <p>Podemos (dar opinião sobre as decisões), mas nós não ligamos</p> <p><b>Nível 4</b></p> <p>Ela (mãe) chega e começa a falar, “Ah, vocês não fizeram o que eu disse,” e ela faz</p> <p>a minha mãe divide, diz “Então, tu queres ficar com quê? Ah, tu vais limpar o chão, a Elsa vai lavar a loiça, tu vais fazer arroz. Agora escolham se querem trocar”</p>	<p><b>Nível 3</b></p> <p>daí, às vezes fazerem de hora a hora (quem escolhe o programa da televisão)</p> <p><b>Nível 4</b></p> <p>o pequenino tem sempre que respeitar o mais velho, e o mais velho também tem que respeitar o mais pequenino</p> <p>(quando não cumprem as tarefas) olha, não digo nada, é só chatear com eles (...). Não dou castigo, mas zango-me mesmo com eles</p>	<p><b>Nível 3</b></p> <p>(a mãe) agora está a abrandar uma bocado para a Elsa e está a cair mais para a Núria</p> <p><b>Nível 4</b></p> <p>Ah, se ninguém escolher pronto, é a minha mãe é que decide logo</p> <p>dizem “Olhem, nós os pais não temos, agora já que tens, ajuda e, quando nós tivermos, a gente dá-te de volta”</p> <p>se eu não aparecer às cinco da manhã em casa, liga logo (a mãe)</p> <p>cada um sabe o que é que tem para fazer (das tarefas)</p> <p>A maioria das vezes (o pai) concorda com a minha mãe</p> <p>(as regras) não têm exceção, posso discordar, mas pronto, é geral, não é só para um</p>	<p><b>Nível 4</b></p> <p>a minha decisão com eles (filhos) é só das tarefas.</p> <p>cada um tem de aprender a fazer uma coisa, não é só ficar assim sentado sem fazer nada</p> <p>chamei-os para reunião, fui eu que fiz o contrato sozinha, eles estavam somente lá sentados</p> <p>“Tu (Elsa) és mais velha, se viste que ela pegou o comando, deixa-a, faz uma hora e dizes: empresta-me também.”</p>

Tabela 2.5: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo estruturada na primeira e segunda entrevistas da Família 2

Quanto à flexibilidade estruturada disfuncional (nível 3), e observando as percepções do primeiro momento de avaliação presentes na tabela 2.5, verifica-se que o discurso da mãe e do

filho se foca no facto de serem os pais a tomarem as decisões. A Catarina menciona zangar-se com os filhos quando estes não cumprem as tarefas, e dá alguns exemplos de regras e tarefas que lhes atribui “eu digo à Elsa: Às dez horas tens que levantar e faz o almoço”. Relativamente ao nível de flexibilidade estruturada funcional (nível 4; tabela 2.5), o João refere que as tarefas são inicialmente divididas pela mãe, embora depois os irmãos possam trocar entre si. A Catarina menciona uma regra de respeito que exige ser cumprida em sua casa.

Quanto ao último momento de avaliação, e no que diz respeito à flexibilidade estruturada disfuncional (nível 3), ao examinar-se a tabela 2.5 verifica-se quase não existir percepção deste nível da dimensão, acompanhada por um aumento da percepção da flexibilidade estruturada funcional (nível 4). No que respeita às regras, o João tem a percepção de que a mãe já é menos controladora, sobretudo quanto à Elsa, embora esteja a controlar mais a Núria, sendo esta a única percepção da flexibilidade estruturada disfuncional. Observando a tabela 2.5 verifica-se que, no que toca à flexibilidade estruturada funcional (nível 4), o João refere ser a mãe a dividir as tarefas por todos, e que agora já costumam cumpri-las com mais frequência “se não tiver a fazer nada tenho que fazer e faço, às vezes eu tento escapar, mas às vezes não consigo”, algo também percebido pela Catarina. No que toca às decisões que envolvem toda a família, ambos referem que a última palavra é dos pais “Com o António, nós os dois é que decidimos”.

### 2.2.3 Análise da Flexibilidade Flexível na Família 2

No primeiro momento de avaliação, observando a tabela 2.6, verifica-se que apenas o João percebe a flexibilidade flexível funcional (nível 5), referindo que ele e as irmãs cumprem quase sempre as tarefas, mas por vezes não as executam como deviam. Relativamente à flexibilidade flexível disfuncional (nível 6) a análise da tabela 2.6 permite observar que a Catarina percebe que, por vezes, os filhos não cumprem as tarefas, levando-o a fazer as tarefas em vez dos filhos. A Catarina refere ainda que, na ausência do marido, o João é o seu conselheiro na tomada de decisões.

Após a intervenção, no último momento de avaliação, verifica-se que há uma maior percepção da flexibilidade flexível funcional (nível 5; tabela 2.6). O João menciona existir negociação entre todos, antes de se tomar uma decisão “Perguntamos uns aos outros, pedimos a opinião de cada um, depois de ouvir, decidimos qual é a mais vantajosa”. Quanto às regras, refere que a limpeza do seu quarto e da Elsa só a eles diz respeito. No que toca às decisões da mãe, o João refere que esta, por vezes, acede à vontade dos filhos. Relativamente ao controlo

parental, a mãe refere sentir-se mais descansada quando os filhos saem à noite, desde que lhe digam onde e com quem vão estar. Quanto ao nível disfuncional da flexibilidade flexível (nível 6; tabela 2.7) o João explica que, por vezes, as tarefas não são cumpridas. Mais ainda, menciona que a única regra que tinha, por não ser cumprida, acabou por deixar de existir “A regra era tomar banho até às onze. Depois cumpri, cumpri, um dia não cumpri, e depois a regra passou”. Neste sentido, a Catarina continua a perceber o facto de os filhos cumprirem pouco as tarefas, acabando por ser ela fazê-las.

Flexibilidade Flexível (níveis 5 e 6)			
J (filho) – Entrevista 1	C (mãe) – Entrevista 1	J (filho) – Entrevista 2	C (mãe) – Entrevista 2
<p><b>Nível 5</b> 95% das vezes cumprimos as tarefas. Às vezes cumprimos, mas não fazemos bem feito</p>	<p><b>Nível 6</b> Eu não gosto, mas eu não posso dizer a ele que não vai (sair com os amigos) o João já sabe fazer, os outros ainda não sabem Às vezes pergunto ao João, às vezes pergunto ao meu marido (...) enquanto o meu marido não está cá, às vezes falo com o João</p>	<p><b>Nível 5</b> as tarefas da casa é a mesma pessoa (mãe) que diz como é que as coisas são. Ou pergunta “Como é que vocês querem?” e nós escolhemos Do meu e do da Elsa não sabe, então pronto, vem perguntar (o dinheiro que cada um tem) para a Elsa, agora nas férias não há (horas de deitar), mas agora vai começar as aulas pode ir até meia noite depende de nós (João e Elsa), se quisermos deixar o quarto duas semanas sem ser limpo o problema é nosso há vezes que tentamos discordar da minha mãe, se acharmos que é mal, discordamos. Depois, às vezes, ela acaba por ceder, mas às vezes não cede (...) a maioria das vezes, cede</p> <p><b>Nível 6</b> Para mim eu acho que já nem existem regras</p>	<p><b>Nível 5</b> “não é sempre a mim, perguntem ao pai se podem fazer isso, eu também quero, mas eu não tenho” às vezes faço sozinha, ou digo à Elsa... A Núria, quando ela chegar tem que ir para a explicação, a Elsa tem treino, não dá para fazer nada que eu quero fazer às vezes zango (quando não cumprem as tarefas) basta só dizer-me “Mãe, vou a casa de tal pessoa”, daí fico descansada</p> <p><b>Nível 6</b> não está definido quem faz que tarefas Há tarefas, mas ninguém faz</p>

Tabela 2.6: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo flexível na primeira e segunda entrevistas da Família 2

#### 2.2.4 Análise da Flexibilidade Caótica na Família 2

No que diz respeito à flexibilidade caótica, não existe nenhuma percepção deste nível da dimensão, nem no primeiro, nem no último momento de avaliação desta família. Deste modo, entende-se que a percepção do João e da Catarina nunca foi ao encontro deste nível extremo e disfuncional da flexibilidade.

## 2.3 Análise da dimensão Comunicação na Família 2

No que diz respeito à terceira dimensão do Modelo Circumplexo, a comunicação, na família 2 verifica-se que, no primeiro momento de avaliação, mãe e filho percebem a comunicação como negativa. No último momento de avaliação, posteriormente à intervenção, observa-se uma mudança das percepções, e ambos encaram a comunicação como positiva.

### 2.3.1 Análise da Comunicação Negativa na Família 2

Comunicação Negativa			
J (filho) – Entrevista 1	C (mãe) – Entrevista 1	J (filho) – Entrevista 2	C (mãe) – Entrevista 2
<p>se calhar até seria o momento mesmo apropriado de falar (com a mãe) “Olha hoje estou assim, estou preocupado com isto” e é neste momento que eu me fecho, levanto-me, vou para o quarto</p> <p>custa-me muito pedir à minha mãe, porque eu vejo ela todos os dias a lutar</p> <p>Nunca ouvi o que é que eles (pais) acham de mim</p> <p>às vezes penso “Ah isto não é importante para dizer à minha mãe” só vou esquentar-lhe a cabeça</p> <p>(mãe disse ao João) “Ah, tu vais meter com as cabo-verdianas, elas não prestam, um dia destes acabas com ela e, se ela não gostar, vai-te esfaquear!”</p> <p>Ela (mãe) acorda bué cedo para chatear ela (Elsa) “Ah, ontem fizeste isso, não tens que fazer!”, começa aos gritos</p>	<p>Eu digo-lhe sempre (ao João) “Não tenho”, mas se pedires, eu dou</p> <p>(Elsa disse ao João) “Ah, sai daqui, tu não estavas aqui, eu estava aqui com a mãe e o pai”</p> <p>a Elsa também, ela não é pessoa que abre assim o jogo com alguém</p> <p>“Olha João, eu não quero amigo cigano, não quero, desculpa lá. Cabo-verdiano eu não quero”</p>		<p>o João disse ao pai “Ah, vamos esconder”, e eu disse “Sim, podem esconder”, “Ah, vamos tocar a campainha e vamos esconder”</p> <p>“Não Elsa, acho que estás a mentir” e ela disse “Não, não”, e eu disse-lhe “Está bem”. No outro dia voltei a ligar ao senhor e vi que não estava a mentir</p>

Tabela 2.7: Análise de conteúdo da dimensão comunicação negativa na primeira e segunda entrevistas da Família 2

Quanto à comunicação negativa, através da análise da tabela 2.7, verifica-se que no primeiro momento de avaliação o João não sente espaço para a expressão verbal, dado não o conseguir fazer quando está emocionalmente frágil. Também refere que nenhum dos elementos da família tem demonstrações de afecto para com os outros “nós temos uma forma mesmo de gostar, não mostramos, ninguém mostra mesmo”. A Catarina faz alusão à altura em que o João chegou a Portugal para viver com a família, e que a Catarina disse ao João para punir fisicamente a Elsa pelos ciúmes que esta sentia, revelando uma atitude muito pouco empática e compreensiva para com os sentimentos da filha. Esta falta de empatia também se estende ao filho,

nomeadamente aos seus amigos não guineenses. Tanto o filho como a mãe mencionam não existir respeito pelos sentimentos, “(mãe pergunta ao João o que se passa com ele) ‘Não passa nada’, ‘Então?’, ‘Deixa!’, então não tenho nada para lhe dizer”, nem procura entre os elementos para partilharem sentimentos ou experiências “eu (João) não desabafo com ninguém”. O João refere ainda situações em que o discurso proferido é hostil, nomeadamente quando ele e a mãe não têm a mesma opinião.

No último momento de avaliação, e relativamente à comunicação negativa, observando a tabela 2.7, verifica-se que o João mudou a sua percepção quanto ao tipo de comunicação, uma vez que já não percebe comunicação negativa. Já a mãe ainda mantém um pouco esta percepção, e relata duas situações, uma em que se sentiu que os seus sentimentos não foram respeitados pelo marido e pelo filho, e outra em que revela ainda não confiar plenamente na filha Elsa. E refere ainda que, por vezes, quando o João e a mãe não têm a mesma opinião, o discurso pode tornar-se um pouco hostil “Quando ele diz uma coisa e eu lhe digo que não, e grito um bocadinho, ele diz ‘Ah, cala-te, tu também ficas a gritar!’ ”.

### 2.3.2 Análise da Comunicação Ambivalente na Família 2

Comunicação Ambivalente			
J (filho) - Entrevista 1	C (mãe) - Entrevista 1	J (filho) - Entrevista 2	C (mãe) - Entrevista 2
nós não falamos assim tão profundo que dê para conseguir desabafar (...) mas falamos normal, como pai e filho  Eu digo a ela (mãe) que não quero, mas ela “Ah, tu não viste que os outros fizeram e estão aí a trabalhar, tenta, vai fazer também!”	digo uma coisa em português e eles ficam a gozar  Essas coisas não quero, pelo amor de Deus, isso não quero (que os filhos tenham amigos ciganos ou cabo-verdianos)  A Elsa, sim, ela não fala muito, fica triste  “Ah, as legendas estão muito rápido, vocês podem-me dizer o que diz?”, a Núria diz “Ah, mãe, não” e o João, diz que não me vai dizer	(quando alguém tem um problema dizem) Isso vai passar ou não sei quê, é aquilo, pronto, é isso  com o meu pai falamos geralmente de tudo. Pergunta-me como é que eu estou, como é que eu tenho andando  Quando eu precisar também vou perguntar “Elsa, tens? Como é que é?”, “Não, não tenho”, “Então pronto, amanhã vais ter, como é que é?”	“falem com o vosso pai, não é toda a coisa a dizer a mim, falem com o vosso pai, se podem fazer isso para vocês está certo, eu também quero, mas eu não tenho”  Às vezes ligo ao pai, disse o que é, ou falta-me uma coisa assim não tenho dinheiro  “disse ao João “se gostas da tua irmã (Núria), quando ela faz uma coisa errada, se falares com ela e ela não quer ouvir, tens que bater”  tenho um pouco de dinheiro, mas vou tentar comprar materiais da escola e cada um escolhe uma calça e duas camisas, ou duas calças, e desenrasquem com isso

Tabela 2.8: Análise de conteúdo da dimensão comunicação ambivalente na primeira e segunda entrevistas da Família 2

Tendo em conta o primeiro momento de avaliação, e no que diz respeito à comunicação ambivalente, analisando a tabela 2.8 observa-se que tanto o João como a mãe fazem alusões ao pouco respeito pelos sentimentos, ao discurso um pouco agressivo, e à pouca procura e

abordagem para falarem sobre os seus sentimentos e experiências “eu e ela (João e Elsa), pronto, a nós não nos falamos assim tanto, nós falamos quando precisamos de alguma coisa”. No último momento de avaliação, e quanto à comunicação ambivalente, analisando a tabela 2.8 verifica-se que o João percebe que a mãe aceita melhor as opiniões e escolhas dos filhos, “se achamos que é mal, discordamos. Depois, às vezes, ela acaba por ceder”, embora, por vezes, continue a insistir na sua opinião pessoal. Quando tem um problema, a Catarina recorre mais ao marido, pois não quer preocupar os filhos com os seus problemas “às vezes sinto dificuldade, mas das minhas dificuldades não quero falar com os meus filhos”, e quando o problema é económico a Catarina já aceita que nem sempre pode ajudar.

### 2.3.3 Análise da Comunicação Positiva na Família 2

Comunicação Positiva			
J (filho) – Entrevista 1	C (mãe) – Entrevista 1	J (filho) - Entrevista 2	C (mãe) – Entrevista 2
A gente tem aquela discussão banal “Ah isto é assim”, “Não! Isto é assim” (...) A gente discussão grave, chegar... Não. Nunca aconteceu	o João, pode perguntar-me, pode perguntar à vontade, dia e noite, se eu estiver a dormir, acorda-me e diz  se alguém tem uma coisa que me quer dizer, pode-me dizer  quando eu quero fazer uma coisa, eu chamo o João e pergunto, “Olha, quero fazer tal coisa”	cuidado com as pessoas com quem se vai-se meter, sempre usar preservativo e essas coisas (disse a mãe ao João)  na reunião (com o pai) cada um diz o que pensa, cada um diz o que é que acha, cada um diz o que é que quer fazer, e é isso.  Acho que agora estou a mostrar que gosto delas, e gosto de mostrar.  Se o problema for meu eu tomo uma decisão e depois eu pergunto “Vou fazer isso, como é que é, o que é que vocês acham?”  mudei muito, agora já não escondo as coisas  “vê no que vai dar, se for mau estamos aqui, se for bem estamos aqui também”  nós agora começamos a falar assim, às vezes eu começo a falar da minha parte amorosa  nós respeitamo-nos uns aos outros	Sim, há espaço, podem falar comigo  às vezes, se eu tenho uma coisa para dizer, chamo-os e peço-lhes uma opinião  Se eu sinto uma coisa mal digo, principalmente ao João, chamo-o e digo: Olha, eu estou a sentir isso  sim, sim, ouvem o que o outro diz (...) E respeitam sim, respeitam  Mudou porque nós falávamos, mas não muito. Agora a falamos muito

Tabela 2.9: Análise de conteúdo da dimensão comunicação positiva na primeira e segunda entrevistas da Família 2

No que diz respeito à comunicação positiva, observando a tabela 2.9, verifica-se que, no primeiro momento de avaliação, o João refere que, quando há discussões, nunca evoluem até um

ponto que ele considere grave. Menciona também o facto de a sua irmã mais nova conseguir perceber quando ele não está bem e, nessas alturas, aborda-o com carinho “às vezes, chega aí e diz: Ah, o mano está triste hoje”. A Catarina realça as suas atitudes empáticas e compreensivas para com o João e os filhos em geral .

Comparando o primeiro com o último momento de avaliação, através da tabela 2.9, verifica-se existir uma maior percepção da comunicação positiva, tanto da mãe como do filho, uma vez que é esta a percepção final dos dois. Ambos referem haver mais espaço para a expressão verbal na família, bem como maior empatia e compreensão nos diálogos “agora ouvimos uns aos outros, temos opinião, pode haver opiniões diferentes, mas conseguimos sempre chegar a um consenso”. No entanto, o João refere que estas tomadas de decisão, com todos os familiares juntos, acontece mais vezes quando o pai está presente. Também realça o facto de agora conversar mais com a mãe sobre assuntos que considera importantes, o que também acontece com os membros da família em geral, sempre com respeito “se temos alguma coisa para dizer, dizemos directamente”. A Catarina destaca o facto de, em casa, haver mais momentos de conversa, e um espaço mais propício à expressão dos sentimentos de cada um.

## 2. 4 Análise da dimensão Transgeracionalidade

Trangeracionalidade – Continuidade dos padrões familiares e Ruptura dos padrões familiares			
J (filho) – Entrevista 1	C (mãe) – Entrevista 1	J (filho) – Entrevista 2	C (mãe) – Entrevista 2
<p><b>Continuidade dos padrões</b> Pelo que o meu pai diz acho que deve ser boa (relação do pai com os avós). Porque se fosse má, isso ia transmitir também nele</p>	<p><b>Continuidade dos padrões</b> é tal e qual como eu gosto mais do meu pai do que da minha mãe, é isso também que os meus filhos gostam mais do pai do que a mim</p> <p><b>Ruptura dos padrões</b> discutir com a minha mãe, não desde que cresci, sempre ao lado do meu pai</p>	<p><b>Continuidade dos padrões</b> Sim, sim, somos muitos parecidos nesses... é mais fechada como eu (Elsa)</p>	<p><b>Ruptura dos padrões</b> A relação que eu tenho com o meus pai, sim, é muito diferente (da que tem com os filhos)</p>

Tabela 2.10: Análise de conteúdo da dimensão transgeracionalidade: continuidade e ruptura dos padrões familiares na primeira e segunda entrevistas da Família 2

No primeiro momento de avaliação, observando os padrões familiares percebidos como contínuos na tabela 2.10, o João refere ter a percepção se que o seu pai tinha uma boa muito relação com o sue avô, tal como a sua mãe tinha com o avô materno, no entanto menciona que a mãe não tem uma relação tão próxima com a sua avó “a minha mãe da parte do pai dela isso é cinco estrelas (...) Da parte da mãe, é metade para aí”. A Catarina caracteriza a relação que tinha com a sua mãe como pouco próxima emocionalmente “Nunca sentei com a minha mãe e divertimos, nem eu lhe dizia as coisas em que eu estava a pensar”, e enfatiza a comparação do

afecto que sente pela mãe e do que sente pelo pai, confrontando-a com a sua percepção de que os seus filhos gostam mais do pai do que da mãe. No que toca à ruptura dos padrões, a Catarina refere ter crescido ao lado do pai, o que não acontece com os seus filhos.

Relativamente à última avaliação efectuada após a intervenção, quanto à percepção da continuidade dos padrões familiares, apresentada na tabela 2.10, o João faz referência ao facto de, tal como a Elsa, ser pouco dado à expressão dos sentimentos, uma semelhança que a Catarina também menciona “A Elsa, sim, ela não fala muito, fica triste”. Quanto à percepção de ruptura dos padrões familiares, a Catarina refere que a relação que tem com os seu filhos é diferente da que tinha com os seus pais, muito por causa das diferenças de época e de cultura, que sente influenciarem as mudanças “No meu tempo é mais difícil. Lá na Guiné, tens que ouvir só o que o pai e a mãe querem, e é isso que tu tens que fazer”.

## 2.5 Análise da CRS: Evolução da Família 2 ao longo da intervenção

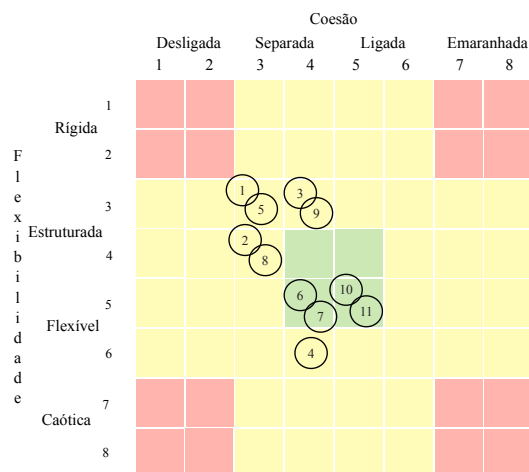


Figura 2: Mapa ilustrativo da evolução da família ao longo das sessões através da avaliação pela CRS

Examinando a figura 2 é possível observar a evolução que a família 2 foi experimentando ao longo das onze sessões efectuadas (Anexo G). A monitorização efectuada com a CRS permite ver que, nas primeiras três sessões, não houve grandes alterações dos padrões de funcionamento, tendo a primeira mudança ocorrido na quarta sessão, mas só na sexta foi atingida, pela primeira vez, a funcionalidade, a qual se manteve quase sempre presente até ao final da intervenção. É relevante referir que nas sessões 9 e 10 o pai esteve presente e, nestes dois momentos, foi possível trabalhar mais facilmente a flexibilidade, sobretudo no que toca ao controlo parental, e

também a comunicação, pois o pai revelou ser um bom ouvinte, empático e compreensivo, capacidades comunicacionais que a mãe passou também a adoptar.

### **3. Análise dos resultados da Família 3**

Agora irá proceder-se à análise dos resultados obtidos pela família 3, relativos aos três momentos de avaliação realizados. Esta família é constituída por seis elementos: a Alice, a jovem que fez o pedido para a intervenção; o Nuno, irmão da Alice; a Helena, madrasta da Alice e do Nuno, a quem estes chamam “mommy”; a Beatriz e a Joana, irmãs mais novas da Alice e do Nuno; e o Francisco, o pai. As entrevistas aqui apresentadas, primeiro e último momentos de avaliação, foram realizadas à Alice, ao Nuno e à sua madrasta. No que toca às sessões, as presenças não foram sempre regulares, e é ainda importante referir que, depois na sessão 4, a Alice saiu de casa do pai, e também que, entre a sessão 5 e o último momento de avaliação, o Nuno esteve temporariamente a viver fora de casa do pai.

#### **3.1 Análise da dimensão Coesão**

Tendo em conta uma das dimensões do Modelo Circumplexo, a coesão, na família 3 observa-se que, no primeiro momento de avaliação, os três elementos percebem a coesão familiar como disfuncional desligada (nível 2). Após a intervenção, no segundo momento de avaliação, alteraram-se algumas percepções, pois a Alice e a Helena passam a perceber a coesão como separada disfuncional (nível 3), mas o Nuno mantém a sua classificação da coesão como desligada (nível 2).

##### **3.1.1 Análise da Coesão Desligada na Família 3**

No que toca à primeira avaliação, efectuada antes da intervenção, analisando a tabela 3.1 é possível observar que todos os elementos da família entrevistados têm uma percepção muito focada na coesão desligada (nível 2), embora também existam percepções que remetam para o nível mais extremo da coesão desligada (nível 1). De acordo com a percepção de todos, o laço emocional e o envolvimento familiar são escassos ou inexistentes: entre o casal “Houve uma vez que ele (marido) trancou a porta e eu fiquei a dormir lá fora nas escadas”; entre os elementos em geral “acabamos por não estar juntos, nem para comer, nada”; e entre os filhos e os pais “estar a

viver na casa dos pais é um bocado chato para mim. Sinto-me fora dali”. É ainda mencionado o facto de as fronteiras internas serem bastante rígidas, “Cada um no seu canto”.

Coesão Desligada (níveis 1 e 2)					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista 2	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
<p><b>Nível 2</b> nós nunca fazemos actividades em família</p> <p>Eu acho que conseguiriam viver bem uns sem os outros</p> <p>continuo a sair sem dizer onde vou, quando vou, e para onde vou</p> <p>sentarem-se, conversarem e decidirem os dois, não existe (pai e madrasta)</p> <p>estar sempre com eles (família), isso às vezes até me aborrece</p>	<p><b>Nível 2</b> o meu pai faz a comida dele e a minha, e a minha madrasta faz a dela e dos miúdos</p> <p>A Alice também está muito tempo fora de casa</p> <p>Cada um vai pela sua conta. Às vezes digo que é como se não tivesse pais</p>	<p><b>Nível 1</b> Ele (marido) grita muito e chama-me nomes</p> <p>o Francisco não quer saber dos meus sentimentos</p> <p><b>Nível 2</b> Mais vale para a gente se divorciar</p> <p>o Nuno (...) faz as coisas só para ele e não quer saber dos outros</p> <p>o Francisco só cuida as coisas deles (marido e Nuno), e deixa lá as outras</p> <p>O Nuno e a Alice, eles nunca mais falaram comigo</p> <p>Está sempre cada um no seu sítio ninguém diz nada do que vai fazer</p>	<p><b>Nível 2</b> vai cada um para o seu lado</p> <p>o Nuno vira-se sozinho</p> <p>o meu pai começou a cozinhar só a comida dele</p> <p>os problemas deles (pai e madrasta) só me vão preocupar e stressar e eu não quero saber disso</p> <p>(os pais) Não se consultam um ao outro</p>	<p><b>Nível 1</b> não me sinto na minha própria casa</p> <p>Ultimamente vejo que ele (pai) está mesmo muito sozinho em casa</p> <p>ela (madrasta) é que me faz perder a vontade de estar em casa</p> <p><b>Nível 2</b> sempre que tiver algum problema vou pedir ao exterior</p> <p>(a madrasta) comprou cinquenta mil coisas para o quarto, e comida, escondeu, e meteu tudo no quarto dela, para ninguém tirar</p> <p>Cada um toma as suas próprias decisões</p> <p>O que se passa em casa a ela (madrasta) não lhe interessa</p>	<p><b>Nível 1</b> Ele (marido) sempre disse à Beatriz que ela não tem nada aqui (em casa)</p> <p>(marido) comprou um forno para ele e, agora, cozinha, come e guarda, no quarto dele</p> <p>ele tinha mudado a chave da entrada e não me queria dar uma chave</p> <p>Ele não tem amor por mim (marido)</p> <p><b>Nível 2</b> tu (Nuno) agora não tens quarto, porque ninguém pensava que tu ias voltar”</p> <p>antes eu dormia no quarto do meu marido</p> <p>(Nuno disse à Beatriz)“A tua mãe não vai, não sai? Diz à tua mãe para sair de casa”</p>

Tabela 3.1: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo desligada na primeira e segunda entrevistas da Família 3

Após a intervenção, no último momento de avaliação, a Alice diminui um pouco percepção de coesão desligada, mas o mesmo não acontece com os restantes elementos. O envolvimento familiar continua escasso, “é para evitar estar em casa”, e os laços emocionais entre o casal, e entre o Nuno e a Helena, são fracos “Do senhor Francisco eu não preciso mais”, “ela (madrasta) é que me faz perder a vontade de estar aqui em casa”.

### 3.1.2 Análise da Coesão Separada na Família 3

Coesão Separada (níveis 3 e 4)					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
<p><b>Nível 3</b> aos fins-de-semana estou em casa do meu namorado não sinto aquela necessidade de me sentar com ele (pai) e dizer “Ah, fiz isto”</p> <p>Nós não somos confidentes uns dos outros</p> <p><b>Nível 4</b> fazia questão de os (pais) ajudar financeiramente</p>	<p><b>Nível 4</b> às vezes estamos juntos no quarto dele (pai) a falar e tudo</p> <p>(Beatriz) leva o vizinho, ou assim amigos dela, mas não é assim com tanta frequência</p> <p>ela (madrasta) leva (amigas), de vez em quando</p>	<p><b>Nível 3</b> (marido) só compra as coisas para ele e para o Nuno</p> <p>nunca estão muito tempo em casa (Alice e Nuno)</p> <p>A Alice afastou-se (...) já não fala comigo e eu não sei porquê</p> <p><b>Nível 4</b> Da Alice e do Nuno eu também gosto</p>	<p><b>Nível 3</b> como não estou em casa, livreime da pressão toda que sentia lá em casa</p> <p>se precisar recorro ao meu pai, mas muito raramente</p> <p>se o meu pai estiver doente e não estiver a trabalhar, isso iria fazer-me voltar</p> <p>Não passo tempo suficiente com eles, mas o tempo que passo é bom</p> <p><b>Nível 4</b> se as minhas irmãs ficarem cá, vão precisar da ajuda de uma figura materna</p>	<p><b>Nível 3</b> Cada um tem os seus problemas e resolve-os como puder</p> <p>precisamos (uns dos outros), mas cada um faz para tentar não precisar</p> <p>quando ela (madrasta) precisa “Ah vem-me aqui” e eu fico “Vou, não vou...”</p> <p>Estamos muito mais distantes (...) agora nem falo com ele (pai) cinco minutos</p> <p><b>Nível 4</b> às vezes nós chocamos muito (Beatriz e Nuno), mas às vezes estamos unidos</p>	<p><b>Nível 3</b> não é que não goste dele (Nuno), mas não gosto da mania dele</p> <p>O pai ficava aí, não trabalhava, não a queria levar à escola (Joana)</p> <p>ela (Alice) disse “Está bem mommy, eu venho (tomar conta das irmãs)”, mas não veio</p> <p>Dão-se bem (os irmãos), desse lado não tem problema</p> <p>eles gostam de mim, da maneira que eu vejo, mas não sei o que é que eles estão a pensar</p> <p>Eu passo menos (tempo com a família) do que eu queria</p>

Tabela 3.2: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo separada na primeira e segunda entrevistas da Família 3

Observando a tabela 3.2, e tendo em conta a coesão separada disfuncional (nível 3) verifica-se que, no primeiro momento de avaliação, existe distância emocional entre a Helena e a Alice, embora nenhuma das duas perceba porquê “ela é praticamente como se fosse minha mãe”, e entre a Helena e o Nuno “acho que eles não gostam de mim, porque eu não sou a mãe deles (Alice e Nuno)”. As fronteiras internas são um pouco rígidas, pois é estimulado algum afastamento, e o tempo que passam juntos é pouco “Só ao domingo que às vezes ficamos aí todos a almoçar”. O Nuno revela alguma ligação emocional ao pai “agora está sempre contente, não sei porquê, mas está bem, gosto disso”.

Relativamente à análise do último momento de avaliação, presente na tabela 3.2, e à coesão separada disfuncional (nível 3), observa-se que, apesar de ter saído de casa, a Alice mantém

algum laço emocional com o pai, mas não investe muito no envolvimento com os restantes elementos “estar perto deles ou não, a mim, não me incomoda, porque eu sempre vivi assim”. O Nuno refere a distância emocional e de envolvimento que sente entre si e a família, “a Beatriz fez anos e, a mim, nem me disseram nada”, distância esta também mencionada pela Helena “ao domingo, para ficar assim na sala a ver televisão não gosto. Eu fico a trabalhar, a arrumar”.

### 3.1.3 Análise da Coesão Ligada na Família 3

Coesão Ligada (níveis 5 e 6)					
A (filha) – Entrevista 1	N (filho) – Entrevista 1	H (madrasta) – Entrevista 1	A (filha) – Entrevista	N (filho) – Entrevista 2	H (madrasta) – Entrevista 2
<b>Nível 5</b> lembro-me da minha irmã pequenina me dizer “Quando eu for grande quero ser como tu”	<b>Nível 5</b> damos cada um o espaço para os amigos dos outros  fico preocupado, e fico à espera a ver se ela (Alice) chega  Fomos (Nuno e pai) e passámos um tempo juntos e depois... Sim, gostei, gostei  <b>Nível 6</b> O meu pai tem lá amigos a toda a hora  o meu pai, quando quer, fica chato mesmo, por exemplo, até já me pediu o número do telemóvel e fica a ligar a toda a hora	<b>Nível 5</b> eu sei que não sou a mãe dela (Alice), mas eu gosto muito dela, como se fosse filha.  nós damo-nos bem, eu gosto muito delas (Beatriz e Joana)  <b>Nível 6</b> O Nuno é que traz muitas vezes os amigos e ficam aí a fazer barulho  os amigos do Francisco estão sempre lá, a comer e a beber	<b>Nível 5</b> ela até disse “Ah, quando eu conseguir, vocês podem ir para lá” (França)  ver televisão e fazer outras coisas, cantar, jogar, gritar, dormir, cozinhar, limpar, e pronto  elas pediram-me para eu vir esta semana, eu venho e vou estar com elas	<b>Nível 5</b> Ficámos (Nuno e pai) uma vez duas semanas sozinhos e foi um espectáculo  Sempre que ele (pai) tem algum problema, vou-lhe perguntar o que é que se passa  Ele (pai) é das pessoas que mais me ajuda em tudo  quando estou com ele (pai) sinto-me bem em casa  a Alice, ligou ao meu pai porque já não sabia de mim para aí à três dias  Se o meu pai está bem, eu também não estou	<b>Nível 5</b> eu gosto mais da Alice  eu dou-lhe (à Alice) sempre conselhos  eu preciso deles, são filhos (filhas e enteados)  Traz muitos amigos, a casa parece um hotel

Tabela 3.3: Análise de conteúdo da dimensão coesão de tipo ligada na primeira e segunda entrevistas da Família 3

Quanto ao primeiro momento de intervenção, e no que toca à coesão ligada funcional (ligada 5), o Nuno e a Helena apresentam maior percepção deste tipo de coesão (tabela 3.3). O Nuno refere essencialmente a sua ligação emocional próxima com o pai e com a Alice “Agora dou-me melhor com o meu pai, sim, mas com a Alice é sempre”, e destaca a proximidade emocional entre a Joana e o pai “a Joana tem muito afecto com o meu pai, é pegajosa a ele”. A Helena destaca os laços emocionais fortes que mantém com as filhas, e o envolvimento afectivo

que tenta passar como mãe aos enteados “eu não sou a mãe da Alice e do Nuno, mas eu trato-os como filhos”. Na coesão ligada disfuncional (nível 6; tabela 3.3) o Nuno mostra o seu desagrado quanto à atitude protectora do pai e da madrasta, “a minha madrasta, quando lhe dá na cabeça, fica muito preocupada comigo”, e a Helena refere não gostar que o seu marido e o Nuno levem tantos amigos a casa.

No último momento de avaliação, após a intervenção, como se pode observar na tabela 3.3, a Alice percebe que, por vezes, a coesão ligada funcional (nível 5) existe “quando não há problemas lá em casa aquilo é um espectáculo”, mas é o Nuno quem tem maior número de citações que aqui se enquadram, novamente relativas aos laços emocionais fortes que mantém com o pai e com a Alice “às vezes ela anda toda pegajosa (...) também gosto que ela se cole a mim”. A Helena enfatiza a ligação afectiva que sente pelas filhas e enteados, sendo que os deseja manter próximos no futuro “se eu me divorciar do pai deles, e se eles quiserem, podem ficar comigo”. Relativamente ao nível disfuncional de coesão ligada (nível 6; tabela 3.3) a Helena refere novamente o seu desagrado pela frequência com que os amigos do marido estão em sua casa .

#### 3.1.4 Análise da Coesão Emaranhada na Família 3

No que diz respeito a este nível disfuncional da coesão, nenhum dos elementos demonstra ter a percepção de uma coesão emaranhada, em qualquer um dos momentos de avaliação realizados à família.

#### 3.2 Análise da dimensão Flexibilidade na Família 3

Tendo em conta a flexibilidade, uma das dimensões do Modelo Circumplexo, observa-se que, na família 3, no primeiro momento de avaliação, a Alice e o Nuno percebem a flexibilidade familiar como caótica (nível 7), sendo que a Helena tem uma percepção que aproxima mais da funcionalidade, uma vez que entende que a coesão é estruturada (nível 3).

Após a intervenção, no último momento de avaliação, apenas a percepção da Alice se altera, mudando para estruturada funcional (nível 4), pois a Helena e o Nuno mantêm as percepções de disfuncionalidade iniciais, estruturada (nível 3) e caótica (nível 7), respectivamente. Deste modo, a percepção dominante é de que, antes e depois da intervenção, a flexibilidade se manteve disfuncional.

### 3.2.1 Análise da Flexibilidade Rígida na Família 3

Quanto ao primeiro momento de avaliação, e à flexibilidade rígida, apenas o Nuno e a Alice têm esta percepção, tal como se verifica na tabela 3.4, e é referente ao forte controlo parental que ambos sentem. No segundo momento de avaliação só o Nuno percebe a flexibilidade rígida (nível 2; tabela 3.4), referindo-se novamente à atitude controladora da madrastra “A minha madrastra, ela fica lá a controlar tudo o que faço”.

Flexibilidade Rígida (níveis 1 e 2)					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista 2	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
<b>Nível 2</b> estar aqui na casa dos pais é um bocadinho ter de dizer onde vais, com quem vais, porque é que vais	<b>Nível 2</b> liga-me (a madrastra) até eu chegar, “Então, onde é que estás?” e não gosto			<b>Nível 1</b> Ela (madrasta) mexe nas minhas coisas e isso irrita imenso mesmo  que é tudo à maneira dela (madrasta) e só é assim, ou nada	

Tabela 3.4: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo rígida na primeira e segunda entrevistas da Família 3

### 3.2.2 Análise da Flexibilidade Estruturada

Flexibilidade Estruturada (níveis 3 e 4)					
A (filha) – Entrevista 1	N (filho) – Entrevista 1	H (madrasta) – Entrevista 1	A (filha) – Entrevista 2	N (filho) – Entrevista 2	H (madrasta) – Entrevista 2
<b>Nível 4</b> normalmente quem faz as limpezas à noite, sou eu, quem cozinha ou é a minha madrastra ou é o meu pai  diz “Olha, façam isto” e nós fazemos		<b>Nível 3</b> nós vivemos na mesma casa e eles têm de ajudar nas tarefas  Eles podem trocar as coisas que têm de fazer, mas é para fazer as coisas que eu disse	<b>Nível 3</b> a Beatriz é quem faz as limpezas  <b>Nível 4</b> normalmente a mãe é que toma as decisões das meninas  Sim, (a madrastra) muda de opinião, às vezes  há abertura para a negociação		<b>Nível 3</b> compro aquilo que é preciso aqui em casa  disse “Para é mim é menor (Nuno) e, a essa hora, não dá para trazer a amiga”  Olha, aqui nesta casa ninguém bate a ninguém porque eu não bato a ninguém

Tabela 3.6: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo estruturada na primeira e segunda entrevistas da Família 3

Relativamente ao primeiro momento de avaliação, as percepções de flexibilidade estruturada disfuncional (nível 3) apresentadas na tabela 3.5, relacionam-se sobretudo com as tarefas, nomeadamente com o facto de ser a Helena distribuí-las “das tarefas, eu digo à Beatriz e à Alice o que é que têm para fazer”. Quanto à flexibilidade estruturada funcional (nível 4; tabela

3.5), destaca-se o facto de a Alice e a Beatriz cumprirem as tarefas com rigor, “nós fazemos questão de sermos sempre nós porque ela (madrasta) trabalha e não a queremos sobrecarregar”, sendo que a Helena, por vezes, as auxilia “o tempo que eu tenho eu durmo e cozinho e limpo a casa, eu faço as coisas que eu posso”.

No que diz respeito ao último momento de avaliação, e relativamente à percepção de flexibilidade estruturada disfuncional (nível 3) presente tabela 3.5, a Alice foca-se novamente na frequência do cumprimento das tarefas, mas aborda também a tomada organizada de decisões “ela é que estava a sustentar a casa, por isso era ela que tomava as decisões”. A Helena faz referência às regras que exige e que quer ver cumpridas na sua família, “se há bebida, tomas um copo e bebes, deixas também um resto para os outros, não podes beber tudo”. Na flexibilidade estruturada funcional (nível 4; tabela 3.5) a Alice refere existirem negociações organizadas, com abertura para a negociação, e participação de todos, embora a decisão final seja da madrastra “quando não aceitam (os irmãos), vão falar com a mommy, com ou pai, ou às vezes comigo”.

### 3.2.3 Análise da Flexibilidade Flexível na Família 3

Flexibilidade Flexível (níveis 5 e 6)					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista 2	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
<b>Nível 5</b> Eu e a minha irmã é que falávamos, não era nem o meu pai em a mommy a dizer  Sim, vai-se fazendo, vai-se fazendo	<b>Nível 6</b> fiz comida, peguei, deixei tudo sujo	<b>Nível 6</b> peço uma coisa ao Francisco e ele diz que não vai fazer e o Nuno também é assim  ele tirou a roupa dele da máquina, pendurou e a outra roupa deixou lá na máquina porque não era dele			<b>Nível 6</b> Às vezes eu digo “Nuno, podes ir buscar a Joana ao ATL?” e ele disse “Eu tenho que ir ao ORIENTA.TE, tenho que ir não sei onde...” depois vai-se embora

Tabela 3.5: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo estruturada na primeira e segunda entrevistas da Família 3

Observando a tabela 3.6, verifica-se que, no primeiro momento de avaliação, não existe uma grande percepção da flexibilidade flexível funcional (nível 5; tabela 3.6). Ainda assim, no discurso da Alice destaca-se a quase constância do cumprimento das tarefas, e também o facto de o subsistema parental não ser muito controlador da execução das mesmas. Para a Helena, o foco está na possibilidade de as tarefas serem negociadas, desde que cumpridas “Eles podem trocar, mas é para fazer as coisas que eu disse”. Quanto à flexibilidade flexível disfuncional (nível 6), analisando a tabela 3.6 evidencia-se a frequência do incumprimento das regras por parte do

Nuno, “o Nuno não faz as coisas que eu lhe peço”, mas também da família em geral “nem sempre fazem, ou porque não querem fazer, ou porque não fazem logo e depois não fazem nada”. Após a intervenção, no último momento de avaliação, e quanto à flexibilidade flexível disfuncional (nível 6), a análise da tabela 3.6 permite verificar que a percepção da Helena é relativa ao constante incumprimento das regras por parte do Nuno, se mantém.

### 3.2.4 Análise da Flexibilidade Caótica na Família 3

Flexibilidade Caótica (níveis 7 e 8)					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista 2	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
<p><b>Nível 7</b> eles (pai e madrasta) agora estão assim um bocado, um cozinha uma coisa o outro cozinha outra</p> <p>cada um come à hora que quer</p> <p>é discussão e ninguém decide</p> <p><b>Nível 8</b> Não há regras!</p> <p>sou eu (Alice) que tenho esse papel (parental), quando chego a casa: Então miúda, o que é que fizeste?</p>	<p><b>Nível 7</b> aqui digo “Olha, vou embora, tchau, até logo” e posso vir daqui a quatro dias</p> <p>consequências não há mesmo, e regras menos ainda</p> <p><b>Nível 8</b> se um não fizer acaba por fazer outro. (...)No meio há discussão mesmo, ui! Bem larga!</p> <p>quando a minha madrasta fica zangada, “Olha, hoje ninguém vai usar isto”, por exemplo, na cozinha, tira isto e já está</p>	<p><b>Nível 7</b> Quando uma coisa muda é quase sempre discussão e ninguém decide</p> <p>nesta casa é muito difícil haver entendimentos uns com os outros</p>		<p><b>Nível 7</b> Ele (pai) diz, “Faz o que tu quiseres. Eu vou para o meu quarto”</p> <p>Tipo discutem muito até alguém se meter no meio...</p> <p>Às vezes parece que nós é que somos os pais, tipo nós é que mandamos em tudo e pais que são pais, não</p> <p>a Beatriz é capaz de falar com o meu pai, como se o meu pai fosse um colega da escola</p> <p>eu falo com a mommy como se fosse colega</p> <p>Tarefas é tudo à toa</p> <p>A decisão é logo no momento</p> <p><b>Nível 8</b> Nunca gostei de regras, mas agora, quase que adoro</p>	<p><b>Nível 7</b> Depois eu disse “Olha, esse forno é meu, como você não quer que eu guarde nada no frigorífico vocês também não vai cozinhar no meu forno”</p>

Tabela 3.7: Análise de conteúdo da dimensão flexibilidade de tipo caótica na primeira e segunda entrevistas da Família 3

Relativamente ao primeiro momento de avaliação, e quanto à flexibilidade caótica (nível 7; tabela 3.7), todos destacam que as negociações são infundáveis e geram sempre discussão,

“começam a falar, e depois o falar deles é já a falar mais alto, mais alto mais alto e acaba em discussão”, e também mencionam o insucesso do controlo parental “cada um faz o que quer e cada um quando quer pega isto e isto, diz o que quer”. Quanto à flexibilidade caótica mais disfuncional (nível 8), observando a tabela 3.7, verifica-se que os filhos percebem uma forte evidência da falta de definição de papéis “o meu pai e a minha madrasta deviam estar aqui neste nível [colocou as mãos à altura da cara] e os filhos deviam estar aqui [baixou um pouco as mãos]. Mas estão todos no mesmo”, e a inexistência de regras importantes para o funcionamento familiar. Ainda tendo em conta este extremo disfuncional da flexibilidade (nível 8), o Nuno destaca a frequência com que o pai e a madrasta tomam decisões impulsivas “o meu pai um dia está zangado, porquê não sei porquê, ele tranca (a dispensa) e olha, ninguém pode fazer nada”.

Observando a tabela 3.7, e tendo em conta a percepção de flexibilidade caótica (nível 7) no último momento de avaliação, observa-se que a madrasta realça o facto de o Nuno não cumprir as regras “o Nuno faz o que quer”. O Nuno volta a mencionar a indefinição dos papéis “Nós (Nuno e pai) é tipo como se nós fossemos irmãos ou amigos, alguma coisa assim, isto é tipo uma mistura de relações”, as discussões intermináveis e as decisões impulsivas. Quanto ao nível mais extremo da flexibilidade caótica (nível 8; tabela 3.7), destacam-se as decisões impulsivas e agressivas do pai “puxou o forno, cortou a mangueira, e estragou o esquentador”, e a falta de investimento no controlo parental para com os filhos mais velhos “tenho liberdade para tudo, por exemplo, vou embora daqui e fico lá cinco dias, volto outra vez, ninguém diz nada”.

### 3.3 Análise da dimensão Comunicação na Família 3

Considerando uma outra dimensão do Modelo Circumplexo, a comunicação, na família 3 verifica-se que, no primeiro momento de avaliação, os três elementos percebem a comunicação como negativa. No último momento de avaliação, posterior à intervenção, observa-se apenas se observa mudança na percepção da Alice, que já não vive em casa, pois a percepção do Nuno e da Helena mantém-se, e ambos encaram a comunicação como negativa.

#### 3.3.1 Análise da Comunicação Negativa na Família 3

No que diz respeito à comunicação negativa, observando a tabela 3.8 verifica-se que todos os elementos percebem não existir: empatia e compreensão no discurso “Um sobrepõe-se ao

Comunicação Negativa					
A (filha) – Entrevista 1	N (filho) – Entrevista 1	H (madrasta) – Entrevista 1	A (filha) – Entrevista 2	N (filho) – Entrevista 2	H (madrasta) – Entrevista 2
<p>eu não sei que ela me está a pedir para ir trabalhar, ela sabe falar português e não fala comigo em português</p> <p>a discussão entre pai e mãe é muito grande</p> <p>não sinto essa necessidade de partilhar com eles</p> <p>Se foi uma coisa boa que aconteceu, acham que não há necessidade de se falar disso</p> <p>cada um fica com a sua ideia, ninguém dá o braço a torcer ali</p> <p>é muito raro mesmo ela (madrasta) falar connosco sobre o que se está a passar com ela ou algo do género</p>	<p>Ninguém ouviu ninguém</p> <p>De sentimentos acho que não mostram mesmo nada</p> <p>se eu sentir alguma coisa “Ah, hoje estou triste” vou para o Twitter e o WhatsApp</p> <p>vão dizendo ideias, mas sem ninguém perceber nada do que estão a dizer</p> <p>todos precisamos uns dos outros, mas não dizem, por orgulho</p> <p>tudo o que dizem é como se fosse sempre ataque</p> <p>cada um fala como quer, com quem quer, não importa se é pai ou mãe</p> <p>às vezes é já a um nível alto, que é já, discussão mesmo, quase para porrada</p> <p>(a madrasta) “tem aquilo de preferir não falar muito com os filhos do meu pai”</p>	<p>Ele (marido) diz que fui eu a pedir o divórcio primeiro, mas eu não fui, foi ele</p> <p>o Francisco está sempre a gritar</p> <p>Antes ele batia-me, quando chegava com bebida</p> <p>Conversar, não é conversar, é sempre discussão</p> <p>A Alice agora já não fala comigo e eu não sei porquê</p>	<p>(pai disse) “Ah, os meus filhos saíram de casa, abandonaram-me, não querem saber de mim, foram procurar a vida deles”</p> <p>ninguém diz que está a passar por um problema, cada um gosta de tentar resolver o seu</p>	<p>alguém tem uma ideia, o outro se calhar não está de acordo, falam mais alto e, no final, é tudo uma festa</p> <p>Preocupações não partilho com ninguém</p> <p>eu vejo que ele (pai) está triste, mas ele espera que os outros adivinhem o que é que ele está a pensar</p> <p>fica assim, assim e espera que alguém perceba como é que ela está (Beatriz)</p> <p>Todos, à mínima coisa que uma pessoa diz, têm logo uma crítica</p> <p>a mommy tinha tido uma discussão com a Beatriz, eu cheguei a casa e estavam as duas a lutar</p> <p>há sempre porrada e violência</p> <p>eu mandar a mommy para onde não devia</p>	<p>eu disse (ao marido): Olha, esse forno é meu, e você não quer que eu guarde nada no frigorífico você também não vai usar o meu forno</p> <p>Quem foi pedir o divórcio foi ele (marido), não sei porque é que ele agora já não quer</p> <p>o meu problema com o meu marido é muito complicado porque eu mesma não já não percebo mais nada</p> <p>(o marido disse) “Tu (Helena) não tens nada a ver com a minha vida”</p> <p>(Helena disse) “Olha Nuno, é assim, como não há respeito entre nós, não tocas mais no que é meu.”</p> <p>(Helena disse ao Nuno) “Esse quarto é das meninas, tu agora não tens quarto, porque ninguém pensava que tu ias voltar”</p> <p>ele (Nuno) não pensa em ninguém, pensa só nele</p> <p>(Nuno disse à Beatriz) A tua mãe não sai? Diz à tua mãe para sair de casa</p>

Tabela 3.9: Análise de conteúdo da dimensão comunicação de tipo negativa na primeira e segunda entrevistas da Família 3

outro, um quer falar o outro fala por cima e, depois, no fim de contas, acabamos por virar as costas e deixamos de falar sobre o assunto”; respeito pelos sentimentos “o Francisco não quer saber dos meus (Helena) sentimentos”; e procura para falarem e partilharem experiências, sendo que os irmãos destacam esta ausência por parte da madrastra, e também acresce o facto de a Helena falar frequentemente em uolofe com a Alice e com o Nuno, um dialecto do Senegal que eles não compreendem. O Nuno e a Alice sentem que não há espaço para a expressão verbal, “acho que não vale a pena estar a dizer às outras pessoas, porque também não devem mostrar grande interesse” e que, nas conversas da família, surgem muitas incongruências no seguimento do discurso, “são um bocado estranhos, quando querem, guardam as coisas e não dizem ou, quando não é preciso dizer, dizem”. O Nuno e a Helena destacam o discurso hostil do Francisco “ele repete ‘Oh, não sei quê, tu és burro como a tua mãe, a tua mãe é uma besta’ e vai repetindo coisas que me chateiam muito”. Esta hostilidade, que também está presente no discurso da família em geral, por vezes intensifica-se e culmina em violência física.

Quanto à comunicação negativa percebida no último momento de avaliação, pela análise da tabela 3.8 pode observar-se que todos destacam, novamente, a ausência de empatia e compreensão no discurso, e a inexistência de procura entre elementos para falarem e partilharem sentimentos e experiências.

O Nuno e a Helena voltam a referir a falta de respeito que existe pelos sentimentos uns dos outros, “(Francisco disse à Beatriz) Tu não tens nada aqui, tu tens o teu pai, tu não podes viver aqui, tu não tens nada”, a frequência do discurso hostil, e as constantes incongruências no seguimento do discurso e dos acontecimentos “as pessoas ficam zangadas umas com as outras, mas meia hora depois é como se nada tivesse acontecido”. Mais uma vez, o Nuno, relata a presença da violência física em situações de conflito de ideias.

### 3.3.2 Análise da Comunicação Ambivalente na Família 3

Relativamente à comunicação ambivalente percebida no primeiro momento de avaliação, através da observação da tabela 3.9 verifica-se que apenas os irmãos têm alguma percepção deste tipo de comunicação menos disfuncional, mencionando sobretudo alguns momentos em que conseguem expor um acontecimento positivo “As coisas boas falo com todos”. O Nuno refere situações em que o discurso foi um pouco agressivo, mas não fortemente hostil.

Comunicação Ambivalente					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista 2	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
<p>a pequenina (Joana), à vezes, também me vem contar coisas que aconteceram na escola e tal</p> <p>O Nuno, às vezes, fala comigo, mas ele também não é muito de mostrar sentimentos, nem de desabafar</p> <p>O meu pai, sim, às vezes senta-se e diz “Olha, estou com este problema, não sei como é que o vou resolver”</p>	<p>Se ela (madrasta) me pedir “faz isto, se faz favor, porque eu não posso” eu faço aqui, como são todos muito, como se diz, autoritários</p> <p>cheguei e disse “Olha, Joana, vou-te dizer uma vez para ires no quarto para ires dormir ou, se não, quando voltar, vou-te pegar e vai ser sem brincadeira.</p> <p>com o meu pai, agora já falamos</p>		<p>eles já se ouvem mais um ao outro (pai e madrastra)</p> <p>as pessoas tomaram consciência de que aquela atitude que tiveram no passado não deu com nada, por isso tentam melhorar</p> <p>de vez em quando partilhamos momentos bons uns com os outros, é muito raro</p> <p>a mommy está a conseguir um trabalho em França e partilhou com toda a gente, disse-me a mim, disse ao meu pai</p>	<p>falei normal e coiso, e fui embora porque... tipo para não faltar a o respeito a ninguém</p> <p>ela (Beatriz) fala às vezes “Ah o meu pai é isto, isto e isto” depois fica toda triste e espera que eu vá falar para perceber o que se passa com ela</p>	<p>essas conversas fizeram-me falar muitas coisas que eu nunca tinha falado com eles (família)</p>

Tabela 3.9: Análise de conteúdo da dimensão comunicação de tipo ambivalente na primeira e segunda entrevistas da Família 3

No último momento de avaliação, e quanto à comunicação ambivalente, analisando a tabela 3.9, observa-se que todos referem, por vezes, existir algum esforço para que haja alguma empatia e compreensão entre os filhos e o pai, e entre a Helena e os enteados “eu disse “Olhem, eu não mandei ninguém embora. O meu problema com o vosso pai é o meu problema com o vosso pai. Vocês não têm nada a ver”. Os irmãos mencionam que, ocasionalmente, existe algum respeito pelos sentimentos “não há tanta discussão, não há tanto drama, há mais respeito, há mais calma, há mais paz”, “às vezes dá-me na cabeça, e digo: Então pai, tudo bem contigo?”, embora este não seja a forma de comunicar mais utilizada. A Helena refere ainda que as sessões permitiram a criação de um espaço seguro para uma maior expressão verbal, embora não suficientemente funcional que percepcione como positiva.

### 3.3.3 Análise da Comunicação Positiva na Família 3

No primeiro momento de avaliação, e no que diz respeito quanto à comunicação positiva, pela análise da tabela 3.10 apura-se a baixa percepção que os elementos têm deste tipo de

comunicação. Destaca-se o facto de o Nuno ver na Alice um elemento que proporciona uma comunicação funcional à família “com a Alice posso estar a falar, falar, falar”. Neste sentido, é de realçar a citação da Alice que reforça a sua percepção de ser respeitosa dos sentimentos dos outros, nomeadamente para com a madrasta. Tendo em conta ao primeiro momento de avaliação da Helena, verifica-se que esta não percebe qualquer existência de comunicação positiva. Observando a tabela 3.10, e tendo em conta a comunicação de valência positiva, destaca-se a percepção do Nuno, no último momento de avaliação, que realça o facto de as sessões de intervenção terem propiciado espaço para a expressão verbal “Ajudou a cada um poder dizer aquilo que pensa”, e promoveram o aumento da empatia e da compreensão entre os elementos.

Comunicação Positiva					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista 2	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
Mas eu nunca lhe respondi mal, nunca lhe faltei ao respeito	quando está a Alice, às vezes a Beatriz começa a falar, depois a Alice fala, depois começamos a falar e temos uma conversa assim normal		ela sempre foi muito calma e sempre tentou perceber o porquê de estarmos a agir assim	Eu nunca tinha ouvido o meu pai a falar, assim, com todos na sala.  as reuniões foram boas porque ele (pai) ficou mais a ver o que é que nós pensávamos	O Nuno levantou-se e foi lá “Oh pai, anda cá, anda abrir a porta”  Se eu vir que alguém está a fazer coisas que não são normais, eu digo, não vou esperar, não quero saber se é minha filha ou não é, eu digo

Tabela 3.10: Análise de conteúdo da dimensão comunicação de tipo negativa na primeira e segunda entrevistas da Família 3

### 3.4 Análise da dimensão Transgeracionalidade na Família 3

No que toca à continuidade dos padrões, e ao primeiro momento de avaliação, analisando a tabela 3.11, observa-se que a Alice refere não sentir a necessidade de partilhar as suas experiências, tal como acontece com a maior parte dos seus familiares. O Nuno menciona o facto de já a irmã mais nova responder por meio da violência, e a Helena compara o Nuno ao seu marido, relativamente à forma egocêntrica de pensar e agir que a Helena identifica em ambos. No que toca à ruptura dos padrões familiares, apenas a Helena lhes faz referência, ao relatar as diferenças do funcionamento familiar que sente entre a sua família e a que deixou no Senegal. Relativamente à percepção da continuidade dos padrões familiares, no momento de avaliação efectuado após a intervenção, observando a tabela 3.13, verifica-se que a Alice refere haver uma semelhança entre os irmãos, o pai e a madrasta “Eu, o Nuno, a mommy e o pai somos

Transgeracionalidade – Continuidade dos padrões familiares e Ruptura dos padrões familiares					
A (filha) - Entrevista 1	N (filho) - Entrevista 1	H (madrasta) - Entrevista 1	A (filha) - Entrevista 2	N (filho) - Entrevista 2	H (madrasta) - Entrevista 2
<b>Continuidade dos padrões</b> sempre fui habituada a viver e crescer longe deles e não sinto essa necessidade de partilhar com eles	<b>Continuidade dos padrões</b> eu fico “Uau, como é que uma miúda tão pequena pode bater numa pessoa tão grande?”	<b>Continuidade dos padrões</b> o Nuno, ele é como o pai  <b>Ruptura dos padrões</b> Eu venho de uma família grande, vivíamos muitas na mesma casa e que nós éramos muito felizes	<b>Ruptura dos padrões</b> O contrario da avó dela (madrasta)  A ideia de família (futura) é minha, de pensamentos meus	<b>Continuidade dos padrões</b> a maneira como eu gosto, é a maneira como o meu pai também gosta  A Beatriz às vezes dá-lhe aquelas pancas de rapariga e fica assim, assim e espera que alguém perceba como é que ela está  às vezes é começar a falar, mas quando já não gosto sim, é automático, vou logo para a violência  eu acho que sou igualzinho à minha mãe, se tenho um problema eu fico logo todo nervoso.  o meu pai e o pai dele eram muito chegados...	<b>Continuidade dos padrões</b> O Nuno tem a mania do pai dele  <b>Ruptura dos padrões</b> Em África nós pomos a comida numa tigela grande e todo o mundo se senta para comer.

Tabela 3.11: Análise de conteúdo da dimensão transgeracionalidade: continuidade e ruptura dos padrões familiares na primeira e segunda entrevistas da Família 3

mais fechados”, e a Helena volta a evidenciar as semelhanças negativas entre o marido e o enteado. O Nuno aponta semelhanças entre a irmã e a madrasta “a Joana está a ficar igual à mãe, na forma de ser”, e entre si próprio e os seu pai, quer nos comportamentos, quer na história de vida “ele (pai) não foi criado pela mãe”. Ao falar do cunhado com quem estava a viver temporariamente, à data em que realizou este momento último de avaliação, compara-o ao pai “a forma de ele ser é tipo muito bruto, mas ao mesmo tempo ele cuida de mim, tipo o que o meu pai faz”. Quanto à ruptura dos padrões a Alice volta a enfatizar o desejo de romper com os padrões disfuncionais da sua família quando, no futuro, casar e tiver filhos. A Helena menciona a sua percepção da relação funcional que o seu pai tinha com as duas mulheres, e que a sua mãe e tia tinham com todos os filhos “eu nunca vivi uma situação assim, nunca. O meu pai tem duas mulheres, a minha mãe e a minha tia, e somos muitos, somos catorze filhos, mas nunca há problemas”, e faz ainda uma referência à sensação de ruptura cultural que viveu quando chegou a Portugal.

### 3.5 Análise da CRS: Evolução da Família 3 ao longo da intervenção

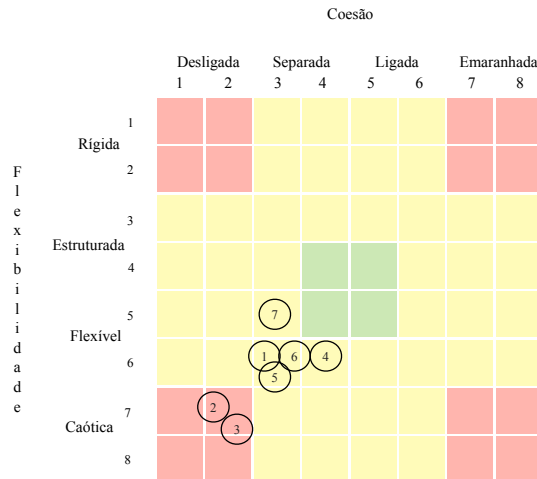


Figura 3: Mapa ilustrativo da evolução da família ao longo das sessões através da avaliação pela CRS

Analisando a figura 2, é possível observar a evolução que a família 2 foi experimentando ao longo das sete sessões efectuadas. A monitorização efectuada com a CRS permite ver que nas primeiras segunda e terceira sessões o funcionamento familiar foi percebido pelas profissionais como claramente disfuncional. Após este período, a família modificou os seus padrões, conseguindo atingir níveis de coesão e flexibilidade mais próximos da funcionalidade, embora sem nunca a alcançar. É importante referir que, nas sessões em que o funcionamento foi avaliado como mais próximo da funcionalidade, o casal não esteve presente, estando apenas o pai ou a mãe, ou até nenhum, sendo os irmãos os únicos a participarem na sessão. Também é de mencionar que as sessões da família 3 foram pouco regulares e muito diversificadas quanto aos elementos presentes em cada sessão (conferir Anexo H)

## DISCUSSÃO

A realização do presente estudo tem por grande objectivo avaliar se é possível uma família disfuncional efectuar mudanças internas que lhe permitam atingir a funcionalidade, através de uma intervenção familiar com todas as semelhanças e diferenças da terapia familiar anteriormente apresentadas. Tendo em conta os resultados obtidos, pode concluir-se que existiu sempre uma alteração positiva dos padrões familiares, embora a funcionalidade não tenha sido atingida por todas as famílias em todas as dimensões analisadas.

De acordo com o Modelo Circumplexo, ao longo do tempo, as famílias passam por mudanças no sistema, podendo mudar para qualquer tipo de funcionamento. Estas mudanças, que se podem dar mais ou menos rapidamente, são promovidas por situações de stress ou pela alteração do ciclo de vida da família (Olson & Gorall, 2003). As famílias analisadas neste estudo recorreram à intervenção através do pedido de um dos elementos da família, um jovem (filho ou filha do sistema familiar), e este pedido de ajuda, surge devido à percepção de cada jovem de que, algo no seu sistema familiar, não está a permitir que este opere com funcionalidade. A percepção inicial de ausência de funcionalidade no sistema, das três famílias participantes no estudo, vai de encontro à caracterização de famílias disfuncionais feita por Olson & Gorall (2003), que referem que estas famílias tendem a manter-se nos níveis extremos de coesão e flexibilidade, por não conseguirem encontrar um compromisso entre união e separação, e entre mudança e estabilidade.

A primeira hipótese apresentada neste estudo propõe que, uma família disfuncional que integre esta intervenção, irá terminá-la com padrões mais funcionais comparativamente aos padrões iniciais. Para que atinjam a funcionalidade, é necessário que as famílias tenham a capacidade de mudar os seus padrões transaccionais, face a novas situações causadoras de tensão (Minuchin, 1988). Quando se dá uma alteração de um estilo do funcionamento familiar para um outro mais funcional e adaptado ao contexto vivencial da família, esta procedeu àquilo que Olson (2000) definiu como mudança de segunda ordem. Tendo em conta as famílias que realizaram este estudo, e confrontando o primeiro momento de avaliação com o último, observa-se que duas delas percebem esta mudança de segunda ordem (família 1 e família 2), ou seja, os resultados destas duas famílias vão de encontro ao que é proposto pela primeira hipótese deste estudo, o que não acontece no que toca à família 3. A segunda hipótese deste estudo refere que, ao existirem mudanças de segunda ordem percebidas pela família e pelos profissionais responsáveis pela intervenção, pode afirmar-se que a intervenção foi eficaz. Deste modo, considera-se que a

intervenção com as famílias 1 e 2 foi eficaz, mas não o foi na família 3, dada a ausência de percepção de mudança de segunda ordem.

Irá agora proceder-se à discussão dos resultados obtidos pelas três famílias em todos os momentos de avaliação, tendo por objectivo confrontar estes resultados com o que Olson & Gorall (2003) mencionam relativamente à evolução do sistema familiar quando é exposto a situações de tensão ou vivencia uma mudança do seu ciclo de vida.

### **1. Discussão dos resultados da Família 1**

Ao longo das sessões tornou-se claro que o ciclo de vida em que a família percepcionava estar, uma mãe com três crianças, na realidade não correspondia à etapa em que efectivamente a família se situava, na passagem entre a adolescência para a idade adulta das filhas mais velhas. Deste modo, compreende-se que a disfuncionalidade do sistema estava relacionada com uma necessidade de reorganização e adaptação a esta etapa do ciclo vital da família (Olson & Gorall, 2003).

Quanto à coesão, no primeiro momento de avaliação esta foi unanimemente percepcionada como separada disfuncional. Ao longo da intervenção, tendo em conta a avaliação das profissionais a coesão foi-se alterando gradualmente até se estabelecer como ligada funcional, avaliação que vai de encontro à percepção de ambas, mãe e filha, no último momento de avaliação. Observando o percurso da família face a esta dimensão, e tendo em conta o Modelo Circumplexo, verifica-se que a família foi progressivamente tornando-se capaz de equilibrar a união e a separação entre os seus elementos, algo que Olson & Gorall (2003) consideram ser apenas possível quando há funcionalidade no sistema familiar. Esta conquista, de certa forma, também está expressa nos resultados apresentados na dimensão transgeracionalidade, já que no início mãe e filha não referiam nenhum padrão comum, o que não se verifica no último momento de avaliação, possivelmente por já existir uma consciencialização do novo ciclo de vida do sistemas, bem como das diferentes fases de desenvolvimento dos elementos da família. Esta alteração sugere que, por ser funcional, o sistema já está a ser capaz de lidar com as mudanças geradas pelos ciclos de vida da famílias e dos seus membros (Olson & Gorall, 2003). A separação e a autonomia são essenciais quando existem adolescentes e jovens adultos na família (Alarcão, 2008) e, neste caso, a família conseguiu promover a presença de aspectos importantes como o facto de a mãe se ter mantido líder da família, mas ter diminuído a distância hierárquica entre si e a Leonor, que começa a demonstrar vontade de se diferenciar do sistema familiar.

Ao mesmo tempo que a família se foi consciencializando da etapa do ciclo de vida em que se encontrava, observou-se uma democratização das regras, que só foi possível pelo equilíbrio encontrado entre estabilidade e mudança, o qual a família foi descobrindo como aceder, pois só com este equilíbrio é que o sistema familiar se pode considerar funcional (Olson & Gorall, 2003).

Olson & Gorall (2003) referem que, se as expectativas culturais da família suportarem padrões mais extremos, a família pode ser funcional, desde que todos os elementos desejem que a família funcione sob as mesmas normas culturais. No caso da família 1, não existia esta concordância face ao desejo de manter algumas normas guineenses, o que gerou instabilidade no sistema, tal como foi relatado no primeiro momento de avaliação. No entanto, durante a intervenção foram negociadas algumas destas normas, sendo que a mãe fez algumas cedências, sobretudo no que diz respeito às tarefas domésticas e ao controlo parental, levando a uma mudança da percepção da flexibilidade expressa no último momento de avaliação.

Quando se trabalha com famílias que se percebem em crise, a intervenção deve ser estruturada de forma a que haja um impacto imediato, e de forma a que a família consiga manter os resultados positivos por si alcançados (Minuchin, Colapinto & Minuchin, 2007). No caso da intervenção com a família, este impacto imediato foi promovido pelas prescrições iniciais sugeridas no final das sessões, pois não só revelaram interesse dos técnicos como, o seu cumprimento, e até mesmo incumprimento, levaram a família a pensar e reconsiderar o seu modo de funcionamento.

Quando existem boas capacidades de comunicação, é mais fácil para a família promover mudanças na coesão e na flexibilidade para níveis mais funcionais (Olson & Gorall, 2003). No entanto, tal só se verifica caso exista uma percepção geral de que a comunicação é positiva. Observando o primeiro momento de avaliação, apesar de a mãe considerar que a Leonor não a ouve nem tem em conta a sua opinião, é relatada uma situação em que a Leonor ia abortar e, ao informar a mãe do que iria fazer, esta mostrou o seu forte desagrado, levando a Leonor a não abortar. Esta situação é exemplificativa de como as percepções do tipo de comunicação, da mãe e da filha, não estavam em sintonia, sendo um aspecto importante a melhorar. Durante a intervenção com a família 1, em algumas sessões o foco foi a melhoria dos padrões comunicacionais, não só durante a sessão, como também fora dela, através de prescrições promotoras da comunicação positiva. Neste sentido, a percepção da mãe e da filha, no último momento de avaliação, é de que conseguiram criar e manter padrões comunicacionais positivos.

Ao longo das sessões, o facto de os membros da família terem identificado algumas semelhanças e diferenças entre as suas histórias de vida e os tipos de comportamento de cada um

deles, permitiu algumas clarificações: a mãe e a Leonor, que no início da intervenção se percepcionavam como pessoas opostas, compreenderam o quão são semelhantes; as filhas puderam conhecer uma face diferente da mãe, pois não sabiam das suas atitudes de rebeldia quando era jovem e vivia na Guiné, permitindo-lhes identificar um comportamento que, afinal, está presente em ambas as gerações, e ainda aumentar a aceitação dos comportamentos que já sabiam semelhantes, como por exemplo a postura face às regras. Também é importante mencionar o facto de esta mãe desejar a interdependência familiar e, com ela, a separação cultural face ao país para onde a família imigrou, reflectida em algumas das regras da família, não revela necessariamente uma percepção disfuncional do sistema. (Kwak, 2003; citado por Kagitçibasi, 2007). Deste modo, a percepção da transgeracionalidade familiar permitiu que os elementos se conhecessem melhor, que reconhecessem e aceitassem as diferenças, mas sobretudo as semelhanças, produzindo algumas mudanças ao nível das dimensões do Modelo Circumplexo.

Considerando os resultados obtidos pela família 1, nos três momentos de avaliação que efectuou, verifica-se a existência de mudança do funcionamento familiar, dado as percepções da mãe e da filha, que no início indicavam disfuncionalidade em todas as dimensões, se terem alterado e estas passarem a percepcionar a coesão, a flexibilidade e a comunicação, como funcionais. Assim, considera-se que os resultados obtidos por esta família vão de encontro à primeira hipótese levantada por este estudo.

Tendo em conta a análise as mudanças percepcionadas pela Leonor e pela Inês, está assente a ideia de que os elementos da família comunicam mais entre si, de forma respeitadora e empática, sendo que esta mudança é mais notável na relação entre a mãe e a Leonor. Uma vez que o objectivo inicial da família foi aumentar a comunicação entre a Leonor e a mãe e, também, melhorar a relação entre ambas, ao observar as mudanças sentidas e relatadas, parece claro que o objectivo da família foi cumprido, e que existiu uma mudança de segunda ordem. Deste modo, os resultados obtidos através da análise das entrevistas e das sessões vão de encontro à segunda hipótese apresentada neste estudo.

## **2. Discussão dos resultados da Família 2**

Com o primeiro momento de avaliação apuraram-se as percepções da mãe e do filho quanto ao funcionamento familiar que, no geral, era tido como disfuncional, sendo que as percepções da flexibilidade remetiam para níveis mais extremos do que os da coesão.

Nas sessões iniciais, o foco foi direccionado essencialmente para a coesão e para a comunicação, dado terem sido estas as problemáticas identificadas pela família como as mais importantes para a intervenção. Neste sentido, tentou-se compreender o motivo do afastamento emocional percebido por todos e, rapidamente, os filhos identificaram que, para eles, a mãe tinha uma concepção errada de demonstrações de afecto, já que a Catarina mostrava que gostava dos filhos dando-lhes dinheiro ou outros bens materiais, não concebendo outra forma de mostrar envolvimento e proximidade afectiva. Assim, os filhos explicaram à mãe que, para eles, é mais importante que ela expresse verbal e fisicamente os seus sentimentos, do que receberem um bem material, dado não ter o mesmo significado afectivo. Esta mudança, que fomentou a procura da união, levou igualmente ao aumento do tempo passado em conjunto, uma vez que as fronteiras internas deixaram de ser rígidas e se tornaram claras. Deste modo, verifica-se que a família, estando num estado disfuncional, dada a excessiva promoção de separação, foi capaz de compensar este desequilíbrio, investiu na união, e conseguiu tornar a coesão funcional, tal como proposto pelo Modelo Circumplexo (Olson & Gorall, 2003).

Ainda quanto à coesão, é de destacar a dependência afectiva que a Catarina mantém em relação à filha mais nova. No entanto, esta pode estar relacionada com o facto de a mãe não querer que mais um filho entre na adolescência, pois com essa alteração do ciclo de vida vem o desejo de diferenciação (Alarcão, 2008). Ainda assim, esta necessidade de união começou agora a ser contrabalançada com uma maior atribuição de responsabilidade à Núria, nomeadamente a atribuição de tarefas domésticas que a mãe entende não poderem ser feitas por crianças, revelando assim uma mudança quanto à percepção infantilizada da filha.

No que diz respeito à flexibilidade, no primeiro momento de avaliação evidencia-se uma forte percepção da disfuncionalidade desta dimensão, já que é vista pelo João e pela Catarina como rígida. Esta percepção está bastante relacionada com o excessivo controlo parental, que também é gerado pela confusão que a mãe faz entre controlo e laço afectivo, dado ser a única forma que sabe utilizar para demonstrar o seu afecto pelos filhos. Assim, segundo o Modelo Circumplexo, a família encontra-se estável na rigidez, sem a conseguir com alguma flexibilidade (Olson & Gorall, 2003). Tendo em conta o tipo de flexibilidade inicial da família, na intervenção foram examinados os motivos da atitude controladora da mãe, e foram formuladas propostas alternativas para um controlo parental mais suave, mas sem se extinguir, pois é importante garantir que o controlo parental e as regras não se invertam e se estabeleçam como caóticas (Olson & Gorall, 2003).

Durante a intervenção com a família 2, foi bastante clara a função facilitadora que a comunicação tem relativamente à promoção de mudança na coesão e na flexibilidade, uma vez que ao fomentarem-se padrões comunicacionais positivos, sobretudo com o investimento na expressão verbal dos sentimentos, na empatia, na clareza das mensagens emitidas, e na promoção do respeito pelos sentimentos. Deste modo, não só se gerou um maior investimento na proximidade familiar e no envolvimento afectivo, como também passou a existir uma maior concordância na definição das regras e seu cumprimento, entre os subsistemas parental e filial, destacando o maior sentimento de liberdade que os filhos mais velhos revelaram perceber a partir das quatro últimas sessões, e que o João mencionou também no último momento de avaliação. Assim, compreende-se que, tal como é previsto pelo Modelo Circumplexo, a comunicação foi uma dimensão facilitadora da coesão e da flexibilidade (Olson & Gorall, 2003).

Tendo em conta a dimensão transgeracionalidade observa-se que, no primeiro momento de avaliação existe um padrão reconhecido pela mãe (e pelos filhos durante as sessões), que esta parece quase impor que se mantenha na família, repetindo frequentemente que os filhos gostam sempre mais do pai do que da mãe. O facto de este padrão de relacionamento ser verdadeiro para a Catarina em relação aos seus pais, parece fazê-la crer que também tem de ser verdadeiro com os seus filhos, o que não acontece com todos eles. No entanto, após a intervenção, verifica-se que, no último momento de avaliação, este padrão já não é referido, tendo possivelmente perdido a dimensão e importância que inicialmente tinha na família. A diminuição da grandeza desta percepção está possivelmente relacionada com o investimento na mudança ao nível das dimensões do Modelo Circumplexo, já que em todas elas a funcionalidade passou a ser percebida.

Considerando as mudanças percebidas pelo João e pela Catarina, verifica-se que a família conseguiu alcançar muitos dos seus propósitos, tais como: a melhoria e o aumento da comunicação entre a mãe e os filhos; o aumento do apoio que a mãe dá aos filhos nas suas decisões pessoais; a maior facilidade do João e da Elsa em partilharem o quarto, bastante proporcionada pelo fortalecimento dos laços afectivos entre ambos; as negociações serem mais frequentes e envolverem todos os elementos da família; e o aumento da sensação de liberdade dos filhos, principalmente da Elsa. Estes resultados revelam a percepção de mudança na coesão, na flexibilidade e na comunicação, já que, no último momento de avaliação, mãe e filho demonstram ter a percepção de funcionalidade face a todas as dimensões do Modelo Circumplexo, o que revela que a família procedeu a uma mudança de segunda ordem (Olson & Gorall, 2003), um resultado que vai de encontro à primeira hipótese colocada por este estudo.

Uma vez que o objectivo inicial da família foi aumentar a comunicação entre a Catarina e o João, e igualmente entre todos, e também aumentar o envolvimento familiar, observando as mudanças referidas e percebidas, depreende-se que o objectivo da família foi cumprido, e que existiu uma mudança de segunda ordem. Deste modo, os resultados obtidos através da análise das entrevistas e das sessões vão de encontro à segunda hipótese apresentada neste estudo.

### **3. Discussão dos resultados da Família 3**

No que diz respeito às tensões a que uma família pode estar exposta, sejam a suas origens externas ou internas, estas tensões podem sair do subsistema onde surgiram e estender-se a todo o sistema familiar. Ao iniciar-se a intervenção com a família 3, depressa se compreendeu que a disfuncionalidade da relação conjugal era um dos aspectos que mais contribuía para a disfuncionalidade de todo o sistema.

Para que a vida conjugal se possa desenvolver de forma funcional é necessário que o casal consiga responder às suas necessidades individuais, de cada um e do subsistema, bem como às exigências dos restantes elementos da família, o que pode ser alcançado se existirem fronteiras claras dentro do subsistema conjugal, e entre todos os subsistemas, tendo sempre presente uma comunicação funcional (Alarcão, 2008). No caso da família 3, verificou-se que, no primeiro momento de avaliação, o casal não estava a ser capaz de conjugar todas estas exigências, promovendo uma forte separação emocional, que se reflectiu na percepção desligada da coesão. Quando alguns elementos do sistema não funcionam em sintonia o sistema opera no sentido de se encontrar um novo padrão de funcionamento (Bale, 1995) e, no caso da família 3, esta resposta às tensões internas e externas do subsistema conjugal, levou todo o sistema familiar a promover uma comunicação negativa, uma coesão desligada e, no que toca à flexibilidade, uma alternância não equilibrada entre os níveis rígido e caótico da dimensão. Considerando que uma família só é capaz de modificar os seus padrões de coesão e flexibilidade de conseguir alcançar um equilíbrio entre união e separação familiar, e estabilidade e mudança no sistema (Olson & Gorall, 2003), a intervenção teve por objectivo promover a mudança das percepções destas dimensões de disfuncionais para funcionais.

No que toca à promoção de mudança na coesão, as sessões centraram-se: na recuperação dos laços emocionais existentes entre o pai e os seus filhos mais velhos, através da promoção da expressão dos sentimentos dos três quanto ao pai ter institucionalizado os filhos; na fomentação do envolvimento familiar entre todos; na tentativa de entendimento do casal quanto à hipótese de

se divorciarem, assunto que surgiu nas sessões finais da intervenção. Deste modo, a intervenção fomentou o fortalecimento de alguns laços emocionais entre elementos os quatro irmãos, entre o pai e os filhos mais velhos, e entre a Helena, as suas filhas e a Alice, pondo inclusive a hipótese de toda a família ir viver consigo para França, caso seja o desejo de todos. Estes laços afectivos tornaram-se funcionais, mas não foi possível estender o mesmo tipo de coesão funcional para toda a família, não se verificando grandes mudanças ao nível da coesão, embora esta também não tenha ficado estagnada ao longo das sessões.

Quanto à flexibilidade familiar observa-se que, no primeiro momento de avaliação existem diferenças na percepção da dimensão entre o subsistema filial e o parental, pois os primeiros percebem a flexibilidade como caótica e a mãe percebe-a como estruturada disfuncional. Estas percepções realçam a falta de equilíbrio que existe entre a estabilidade e a mudança na flexibilidade, um equilíbrio que é indispensável para a funcionalidade do sistema (Olson & Gorall). A percepção da flexibilidade estruturada está relacionada com o facto de a Helena considerar que as regras e tarefas são claras, que na sua liderança consegue encontrar um equilíbrio entre democracia e autoritarismo, promovendo uma boa definição dos papéis. No entanto, a percepção de flexibilidade caótica relaciona-se com: a ausência de regras e de consequências; a indefinição do tipo de controlo parental, que oscila entre os dois extremos (autoritária e fraca) criando uma liderança irregular e imprevisível; as negociações e discussões infundáveis, nomeadamente entre o pai e a madrastra; e a falta de definição de papéis e de hierarquias.

Durante a intervenção, tendo em conta esta dimensão, tentou-se criar uma maior divisão das tarefas, envolvendo o Nuno e o Francisco na sua execução, promoveu-se a clarificação dos papéis familiares, do tipo de liderança do subsistema parental, e também a envolvência de todos os elementos nas tomadas de decisão. Na última entrevista observam-se algumas mudanças na flexibilidade, designadamente: a alteração da percepção da Helena para uma flexibilidade de tipo estruturada, no que toca ao maior cumprimento das tarefas, e à menor possibilidade de negociação das regras com os filhos, sobretudo com o Nuno, uma vez que este não é cumpridor das mesmas. O Nuno manteve a percepção do tipo de flexibilidade que teve na primeira entrevista, evidenciando a falta de mudança na definição dos papéis, no controlo parental e na clarificação das regras. Deste modo, compreende-se que, apesar de existirem algumas mudanças quanto à flexibilidade, estas não foram suficientes para atingir o equilíbrio entre separação e mudança necessário para a funcionalidade da flexibilidade (Olson & Gorall, 2003).

Relativamente à comunicação, esta dimensão destacou-se pela maior necessidade de mudança dado no primeiro momento de avaliação ter sido percebida como negativa. Todos os elementos apontaram não existir: empatia e compreensão nos diálogos, nomeadamente entre o casal, havendo uma forte alusão ao facto de nenhum dos membros da família ser bom ouvinte; respeito pelos sentimentos, já que o discurso é muitas vezes usado para magoar o outro; espaço para a expressão verbal, pois ninguém é capaz de partilhar os seus sentimentos, o que levou à percepção de falta de necessidade de o fazer; discurso calmo e agradável, uma vez que as discussões depressa evoluem e tornando o discurso agressivo, chegando algumas vezes a haver violência física. As únicas menções a uma comunicação mais funcional são feitas pelos irmãos e direccionam-se para a comunicação na fratria. Assim, durante a intervenção houve um grande foco na alteração dos padrões comunicacionais, de forma a: diminuir a agressividade do discurso; aumentar a possibilidade de todos os elementos exporem as suas opiniões sem serem interrompidos; promover o respeito pelos sentimentos e pelo discurso, entre todos; eliminar a violência física; e aumentar a partilha de experiências e desejos de cada um. No segundo momento de avaliação verificam-se algumas alterações na comunicação, com uma maior prevalência da comunicação ambivalente, mas a percepção que prevalece é ainda de uma comunicação negativa.

Tendo em conta os axiomas da comunicação definidos por Watzlawick, Beavin & Jackson (1967), verifica-se muitas vezes a comunicação na família 3 não há a complementaridade entre a comunicação verbal e a não-verbal, e especificamente no casal, há uma forte propensão para os comportamentos simétricos, nomeadamente nas atitudes violentas com que se tentam atingir mutuamente, acabando por prejudicar todo o sistema. Sendo a comunicação, no Modelo Circumplexo, uma dimensão facilitadora da coesão e da flexibilidade ao permanecer uma percepção negativa desta dimensão, não é pode considerar que o sistema tenha atingido a funcionalidade (Olson & Gorall, 2003). Ainda assim, é relevante referir que os membros entrevistados consideram que as sessões constituíram um espaço promotor da expressão verbal e honesta dos sentimentos e opiniões e, embora este espaço não se tenha alargado totalmente para o dia-a-dia da família, permitiu que todos tomassem conhecimento das ideias e sentimentos uns dos outros.

Quanto à dimensão transgeracionalidade, o facto de a percepção da continuidade dos padrões familiares, no primeiro e no último momentos de avaliação, remeter igualmente para os mesmo padrões de valência negativa, pode também revelar que não houve mudanças no sistemas que permitissem alterar a relevância destas percepções.

Tendo em conta todos estes resultados obtidos pela família 3, verifica-se que esta não conseguiu atingir os equilíbrios necessários nas três dimensões do Modelo Circumplexo, a família não foi capaz de se adaptar e modificar o seu funcionamento de forma a responder às exigências requeridas pela situação de tensão interna no sistema familiar (Olson & Gorall, 2003). Deste modo considera-se não ter existido uma mudança de segunda ordem, e, conseqüentemente, não se confirma a primeira hipótese levantada por este estudo.

Considerando as mudanças percebidas no último momento de avaliação, estas estão sobretudo contidas na percepção da Alice, o que se relaciona com a sua saída de casa e com os ganhos que teve com esta mudança. O objectivo inicial desta família foi melhorar a relação entre os pai e os filhos, ou seja, o pedido foi no sentido de promover uma coesão funcional e padrões comunicacionais positivos. Tendo em conta os resultados da intervenção, compreende-se que o objectivo não foi alcançado, embora haja melhorias em alguns aspectos relacionados com a coesão e com a comunicação. Assim, considera-se que a segunda hipótese proposta por este estudo não se confirma.

Confrontando os objectivos iniciais da família e do estudo com os resultados obtidos, podem considerar-se algumas causas possíveis para a não eficácia da intervenção com esta família, nomeadamente: a intervenção ter começado tarde, relativamente à situação de crise e tensão vivida pela família, ou seja, quando as sessões iniciaram a disfuncionalidade ao nível da comunicação e da coesão eram de tal ordem, que uma intervenção de seis meses não foi suficiente para gerar mudanças de segunda ordem; o facto de as sessões terem sido pouco regulares, por vários motivos como o extenso horário laboral dos pais, alguns empregos temporários da Alice, no estrangeiro, e uma certa falta de abertura inicial para a intervenção, por parte da Helena, e no final por parte do Nuno. Considerando todos estes factores, é possível que neles se encontrem algumas causas que tenham dificultado a eficácia da intervenção.

#### **4. Relação entre a eficácia e os modelos de intervenção e de análise**

Um outro factor que pode ter influenciado a eficácia da intervenção prende-se com a forma como este foi delineada, bem como com os cuidados tomados para garantir a coerência com as considerações presentes na literatura. A eficácia da intervenção também pode estar relacionada com a forma de conjugar o modelo de intervenção com o modelo de análise, uma vez que ambos devem ser correctamente adaptados à população e ao seu contexto.

Quanto ao modelo de intervenção, a sua delimitação teve em conta aspectos considerados essenciais pela literatura, tais como: a utilização de estratégias que promoveram o investimento da família (Watson, 2006), como o focar a intervenção no problema inicialmente identificado pela mesma; a acessibilidade da intervenção (O'Hagan, 1984; Watson, 2005), já que as sessões ocorreram em casa das famílias; o reconhecimento das diferenças culturais (McGoldrick, Giordano & Garcia-Preto, 2005), como a exposição de que, por vezes, a língua materna de cada elemento da família e das profissionais estava a ser um obstáculo e, neste sentido, as profissionais investiram na aprendizagem do crioulo; manter a confidencialidade dos dados recolhidos (Gabb, 2010), algo que foi cumprido dado os nomes de todos os participantes terem sido alterados, os apelidos foram substituídos por números, e que a intervenção nunca foi mencionada pelos técnicos a outras famílias da comunidade. Relativamente ao modelo de análise, foram tidos em conta os seguintes aspectos mencionados pela literatura como essenciais para uma adaptação do Modelo Circumplexo à intervenção com famílias socioeconomicamente vulneráveis: a consciencialização das diferenças culturais e étnicas entre as profissionais e os elementos da família; e a não utilização de estereótipos quer durante a intervenção, quer na análise dos resultados da mesma (Hare-Mustin & Marecek, 1988).

Aliando o cumprimento de todas estas recomendações da literatura, às mudanças de padrões transacionais verificadas nas famílias, pode considerar-se que a forma como os modelos de intervenção e de análise foram delineados e postos em prática, pode ter influenciado positivamente a eficácia da intervenção. alterar

## **5. Limitações do estudo**

Não obstante o presente estudo ter demonstrado que a intervenção foi eficaz em duas das três famílias participantes, nas quais se verificam mudanças significativas no seu funcionamento familiar, existem algumas limitações.

O facto de os instrumentos de medida (CRS e entrevista baseada no FACES IV) não utilizarem, originalmente, os mesmos níveis de avaliação das dimensões coesão, flexibilidade e comunicação, pode levar a que os dados das entrevistas e das sessões não possam ser fidedignamente comparáveis. Neste sentido, e de forma a tentar minimizar as diferenças entre os resultados, procedeu-se a uma experiência de compatibilização entre os dois instrumentos, tal como foi descrito anteriormente. No entanto, há ainda outro aspecto a salientar, relativo à utilização da adaptação para a população portuguesa do FACES IV, que ainda está em processo

de validação, não se podendo considerar totalmente fiável na avaliação do funcionamento familiar. Uma outra limitação que se evidencia é o facto de a amostra ser pequena, algo que não permite propor que a eficácia da intervenção seja generalizada, até porque não o mostrou ser em todos os casos analisados.

Tendo em conta as datas em que as sessões se realizaram, verifica-se não ter existido total regularidade nos períodos entre as sessões, tal como tinha sido previsto inicialmente, sendo que tais discrepâncias podem ter influenciado a eficácia da intervenção, como se pode sugerir através da análise dos resultados da família 3.

Por último, é importante referir que as entrevistas iniciais geraram algum atraso no início da intervenção, possivelmente por ser um momento de exposição que alguns elementos não estiveram, de imediato, dispostos a realizar.

## **6) Propostas para estudos futuros**

Tendo em conta as limitações apresentadas propõem-se algumas sugestões para que próximos estudos as possam contornar. Relativamente à dimensão da amostra, esta poderá ser aumentada se eventualmente se substituir o primeiro momento de avaliação, uma entrevista, por um menos intrusivo, como por exemplo criar uma sessão inicial de avaliação, em que se utiliza apenas a CRS para avaliar o funcionamento familiar, podendo proceder-se, após a sessão de avaliação, à anotação de algumas citações específicas que auxiliem a compreensão do funcionamento familiar. Deste modo, é possível que a adesão das famílias venha a aumentar, bem como o número de famílias que aceitem integrar a amostra. Quanto à irregularidade do período entre sessões, poderá ser corrigida através de uma redefinição do plano de intervenção, alterando a regularidade das sessões para semanal, e apenas estabelecer um regime quinzenal caso se verifique que não se perde a continuidade do trabalho realizado.

Uma última proposta, que está relacionada com os subsistemas presentes em cada família. Ainda que neste estudo não tenha sido possível dado a constituição das famílias com que se interveio, no que toca à investigação, poderia ser relevante observar famílias em que o subsistema parental estivesse completo e aceitasse participar na intervenção, de forma a se ter acesso à sua percepção do funcionamento familiar, como pais e como casal. Seria também interessante abranger famílias de outras nacionalidades que não a guineense, de forma a avaliar se a intervenção também é eficaz, independentemente da cultura, etnia e nacionalidade dos membros das famílias.

## Referências

- Alarcão, M. (2008). (Des)equilíbrios familiares: Uma visao sistémica. Coimbra: Quarteto.
- Almeida, I.C. (2011). A intervenção centrada na família e na comunidade: O hiato entre as evidências e as práticas. *Análise Psicológica*, 1, 5-25.
- Barker, P. (2000). Fundamentos da teapria familiar. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bale, L. (1995). Gregory Bateson, cybernetics, and the social/behavioural sciences. *Cybernetics & Human Knowing*, 3 (1), 27-45.
- Christensen, K. (2013). Launching the workplace flexibility movement: work family research and a program of social change. *Community, Work & Family*, 16 (3), 261-284.
- Cummings, E.M., & Schatz, J.N. (2012). Family conflict, emotional security, and child development: translating research findings into a prevention program for community families. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 15, 14-27.
- Epley, P.H., Summers, J.A., & Turnbull, A.P. (2011). Family outcomes of early intervention: Families' perceptions of need, services, and outcomes. *Journal of Early Intervention*, 33 (3), 201-219.
- Georgas, J., Berry, J.W., van de Vijver, F., Kagitçibasi, Ç., & Poortinga, Y.H. (2006). *Families across cultures: A 30-nation psychological study*. New York: Cambridge University Press.
- Glebova, T., Foster, S., Brennan, P., Cunningham, P., & Whitmore, E. (2012). Examining therapist comfort in delivering family therapy in home and community settings: Development and evaluation of the therapist comfort scale. *Psychotherapy*, 49 (1), 52-61.
- Goldenberg, H., & Goldenberg, I. (2008). *Family therapy: An overview* (7th Ed.). Belmont, CA: Thomson Brooks/Cole
- Goldenberg, H., & Goldenberg, I. (2011). *Family therapy: An overview* (8th Ed.). Belmont, CA: Brooks/Cole.

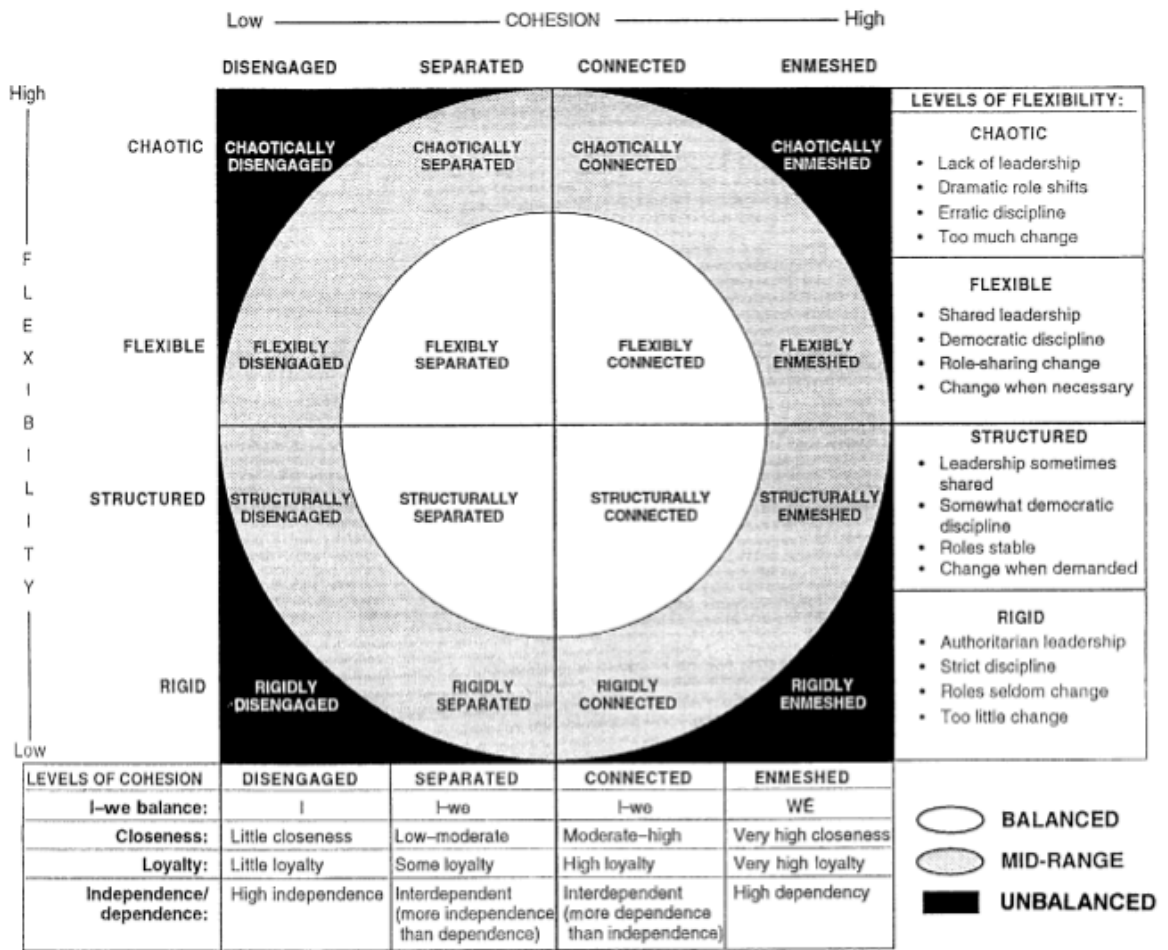
- Gorall, D., & Olson, D.H. (1995). Circumplex model of family systems: Integrating ethnic diversity and other social systems. In, R.H. Mikesell, D.D. Lusteran, & McDaniel S.H. (Eds.), *Integrating family therapy: Handbook of family psychology and systems theory* (pp. 217-233). Washington, DC: American Psychological Association.
- Johnson, L., Wright, D., & Ketring, S. (2002). The therapeutic alliance in home-based family therapy: Is it predictive of outcome?. *Journal of Marital and Family Therapy*, 28 (1), 93-102.
- Kagitçibasi, Ç. (2007). *Family, self, and human development across cultures. Theory and applications*. Mahwah, New Jersey: Psychology Press.
- Lay, B., Blanz, B., & Schmidt, M.H. (2001). Effectiveness of home treatment in children and adolescents with externalizing psychiatric disorders. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 10 (1), 80-90.
- Leal, I. (2005). *Iniciação às psicoterapias*. Lisboa: Fim de Século
- Lechner, E. (2005). Imigração e saúde mental: o sofrimento dos migrantes e o encontro de ordens simbólicas. *Psilogos*, 2 (2), 15-18.
- Lindsey, M.A., Lee, B.R., & Sullivan, F.A. (2009). An in-home intervention program for children with mental health needs. *Psychiatric services*, 60 (2), 266-267.
- Mahoney, G., & Filer, J. (1996). How responsive is early intervention to the priorities and needs of families. *Topics in Early Childhood Special Education*, 16 (4), 437-457.
- McGoldrick, M., Giordano, J., & Garcia-Preto, N. (2005). *Ethnicity & family therapy* (3 ed.). New York: The Guildford Press.
- McNeil, S., Herschberger, J., & Nedela, M. (2013). Low-income families with potential adolescent gang involvement: A structural community family therapy integration model. *The American Journal of Family Therapy*, 41, 110-120.

- Melo, A.T., & Alarcão, M. (2009). Centros de apoio familiar e aconselhamento parental: Propostas de um modelo global de organização. *Psicologia & Sociedade*, 21 (1), 55-64.
- Mendoza, C. (2001). The role of the state in influencing african labour outcomes in spain and portugal. *Geoforum*, 32, 167-180.
- Minuchin, P., Colapinto, J., & Minuchin, S. (2007). *Working with famalies of the poor* (2nd Ed.). New York: The Guilford Press.
- Minuchin, S. (1988). *Famílias: Funcionamento & tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Minuchin, S., & Fishman, H.C. (1981). *Family therapy techniques*. Cambridge: Harvard University.
- Molinari, L., Everri, M., & Fruggeri, L. (2010). Family microtransitions: Observing process of change in families with adolescent children. *Family Process*, 49 (2), 236-250.
- Neto, F. (2002). Acculturation strategies among adolescents from immigrant families in Portugal. *International Journal of Intercultural Relations*, 26, 17-38.
- O'Hagan, K. (1984). Family crisis intervention in social services. *Journal of Family Therapy*, 6, 149-181.
- Olson, D.H. (1993). Clinical rating scale (CRS) for the circumplex model of marital and family systems. St. Paul, Minnesota: University of Minnesota.
- Olson, D.H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D.H., DeFrain, J., & Skogrand, L. (2010). *Marriages and families: Intimacy, diversity, and strenghs* (7th Ed.). New York: The McGraw-Hill Companies, Inc.

- Olson, D.H., & Gorall, D. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In F. Walsh (Ed.) *Normal Family Processes* (3rd Ed.) (pp. 514-547). New York: Guilford.
- Rojano, R. (2004). The practice of community family therapy. *Family Process*, 43 (1), 59-77.
- Sampaio, D., & Gameiro, J. (1985). *Terapia familiar*. Porto: Edições Afrontamento.
- Slesnick, N., & Prestopnik, J. (2008). Office versus home-based family therapy for runaway alcohol abusing adolescents. *Alcoholism Treatment Quarterly*, 22 (2), 3-19.
- Sousa, Hespanha, Rodrigues & Grilo, 2007. *Famílias pobres: Desafios à intervenção social*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Waisbrod, N., Buchbinder, E., & Possick, C. (2012). In-home intervention with families in distress: Changing places to promote change. *Social Work*, 57 (2), 121-132.
- Watson, J. (2005). *Active engagement: Strategies to increase service participation by families*. (Discussion Paper), New South Wales: Centre for Parenting & Research.
- Watzlawick, P., Beavin, J., Jackson, D.D. (1967), *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix

## ANEXOS

Anexo A: Figura ilustrativa do Modelo Circumplexo (Olson, 2000)



## Anexo B: Tabelas referentes aos dados descritivos das famílias

Objectivo da Família 1: Melhorar a relação emocional entre a Leonor e a Inês

Família 1	Idade (anos)	Naturalidade	Situação laboral	Escolaridade Completa	Estado civil
Leonor	21	Portugal	Desempregada	12º ano	Solteira
Inês	49	Guiné-Bissau	Desempregada	8º ano	Casada
Patrícia	18	Portugal	-	9º ano	Solteira
Bruno	12	Portugal	-	6º ano	Solteiro
Tiago	2	Portugal	-	-	Solteiro

Tabela B1: Tabela descritiva da idade, naturalidade, situação laboral, escolaridade completa e estado civil dos elementos da Família 1

Objectivo da Família 2: Melhorar a relação emocional entre o João e a Catarina, e também aumentar a comunicação entre todos os elementos

Família 2	Idade (anos)	Naturalidade	Situação laboral	Escolaridade Completa	Estado civil
João	24	Guiné-Bissau	Desempregado	12º ano	Solteiro
Elsa	18	Guiné-Bissau	-	9º ano	Solteira
Catarina	40	Guiné-Bissau	Trabalho temporário	3º ano	Casada
Núria	11	Portugal	-	5º ano	Solteira
António	45	Guiné-Bissau	Trabalho efectivo	-	-

Tabela B2: Tabela descritiva da idade, naturalidade, situação laboral, escolaridade completa e estado civil dos elementos da Família 2

Objectivo da Família 3: Melhorar a relação emocional entre a Alice, o Nuno e o Francisco, e também aumentar a comunicação entre todos os elementos

Família 3	Idade (anos)	Naturalidade	Situação laboral	Escolaridade Completa	Estado civil
Alice	21	Portugal	Desempregado	12º ano	Solteira
Nuno	19	Portugal	-	7º ano	Solteiro
Helena	45	Senegal	Trabalho efectivo	4º ano	Casada
Francisco	65	Guiné-Bissau	Trabalho temporário	4º ano	Casado
Beatriz	18	Senegal	-	8º ano	Solteira
Joana	6	Portugal	-	1º ano	Solteira

Tabela B3: Tabela descritiva da idade, naturalidade, situação laboral, escolaridade completa e estado civil dos elementos da Família 3

Anexo C: Genogramas iniciais e finais das famílias 1, 2 e 3

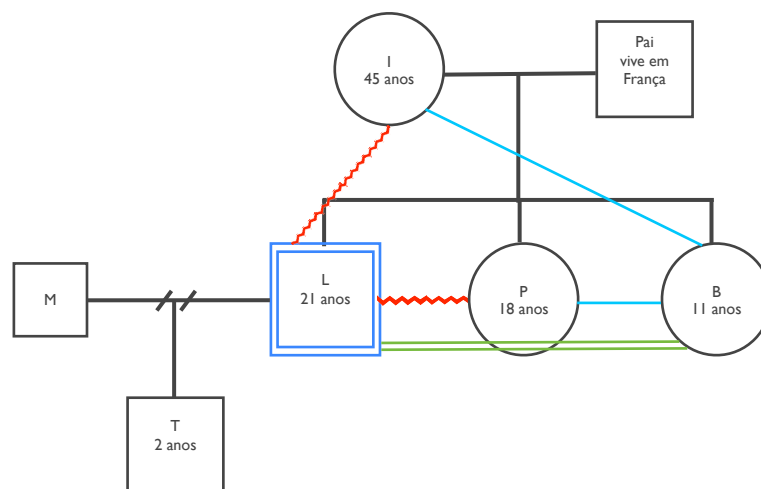


Figura C1: Genograma da Família 1 no primeiro momento da intervenção

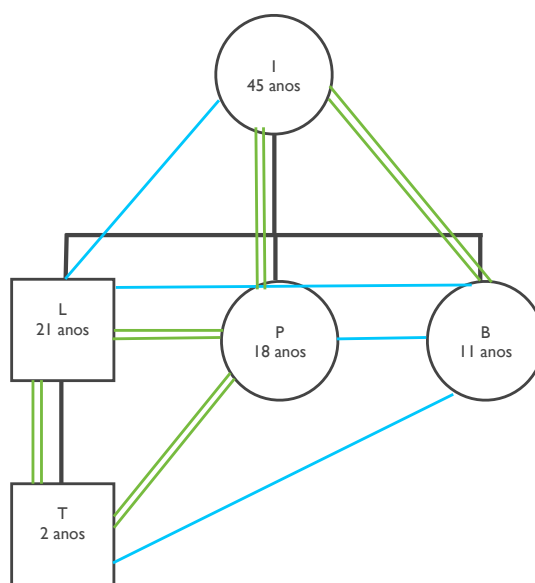
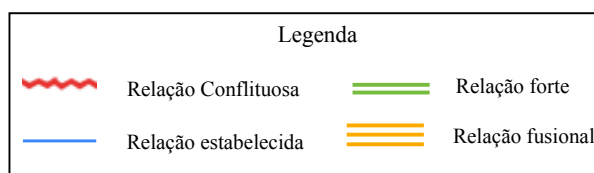


Figura C2: Genograma da Família 1 no último momento da intervenção



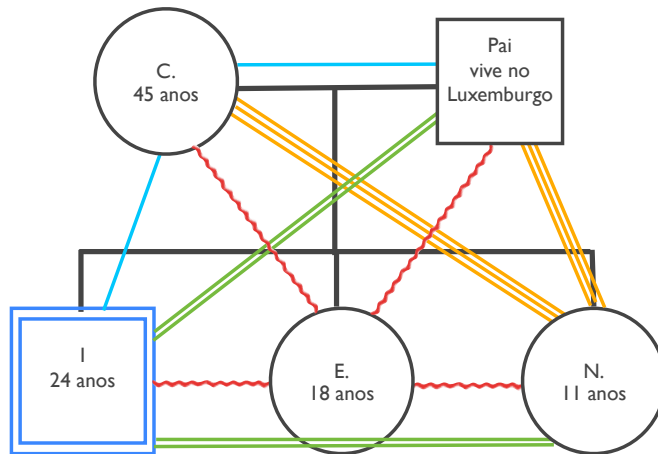


Figura C3: Genograma da Família 2 no primeiro momento da intervenção

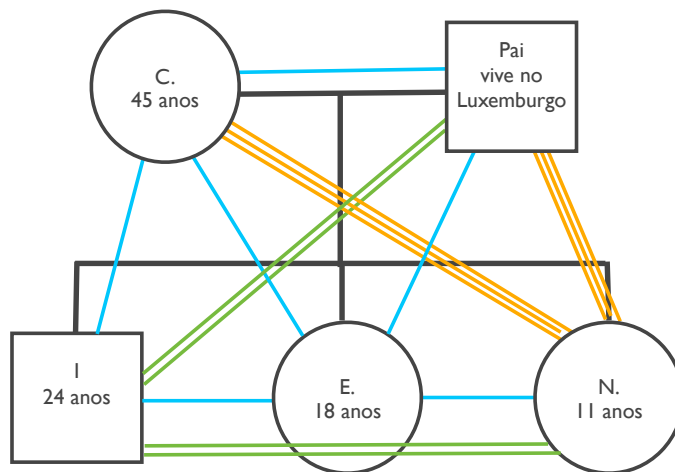
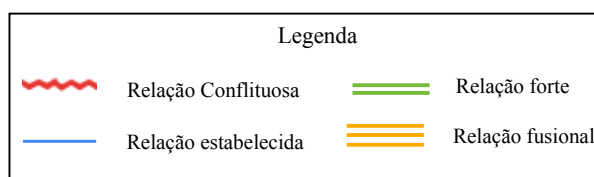


Figura C4: Genograma da Família 2 no último momento da intervenção



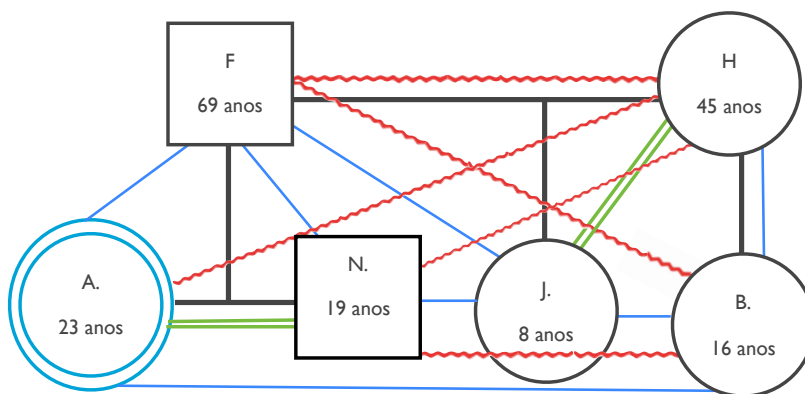


Figura C5: Genograma da Família 3 no primeiro momento da intervenção

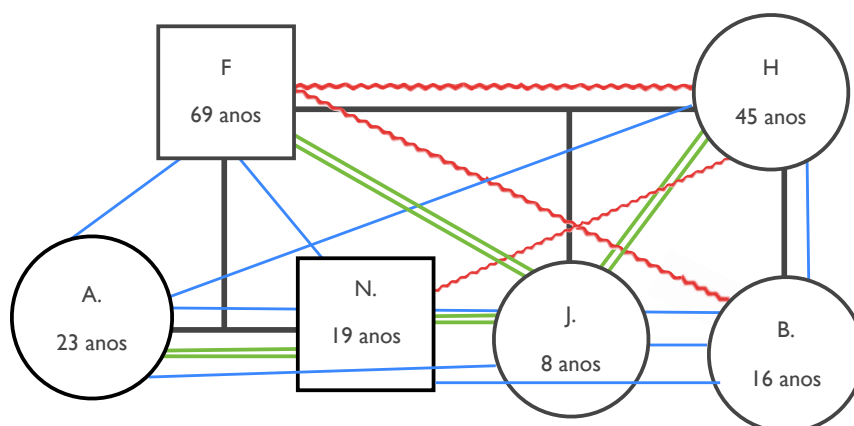
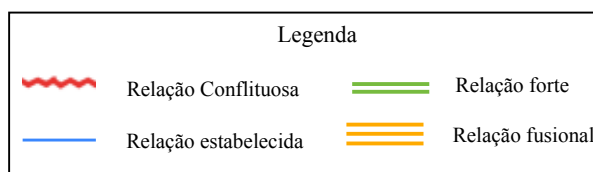


Figura C6: Genograma da Família 3 no último momento da intervenção



## Anexo D: Guiões das entrevistas realizadas

### Guião de entrevista: Versão Adulto

Autorização para gravação | Gostaria agora que me falasse um bocadinho sobre a sua família | pode começar por onde quiser ... Como descreve a sua família...

#### COMUNICAÇÃO entre as pessoas da família

Todos se ouvem uns ao outros | Respeitam o que cada um diz | Sempre? S/N Porquê

CASAL discute ideias, crenças e opiniões | e com os filhos | Porquê

Todas as pessoas satisfeitas com a forma como comunicam uns com os outros

Assuntos que dominam a conversa no casal | entre pais e filhos

#### COESÃO

Conversam para tomar decisões importante | Como fazem | Normalmente quem “ganha”

Há negociação ou domina a opinião de uma pessoa

#### COMUNICAÇÃO

Quando conversam em Família há espaço para partilhar sentimentos |

Respeito pelos sentimentos dos outros | Alguma situação marcante | Podem discutir problemas de forma calma? | Todos ouvem o que outros têm a dizer? | Todos dizem a verdade? | Todos dizem aquilo que sentem?

#### COESÃO

Na família costumam envolver-se nos problemas dos outros? | Em todos? | Como?

Gostava de mais ou menos envolvimento? | Porquê | Envolve-se nos problemas dos filhos?

Em todos? | Porquê? | Como o faz?

Costuma partilhar experiências com a família? | Porquê | Mais exps posit. ou negat. | Porquê

Na sua Família como discutem os problemas? | Como lidam com o stress

Conversam em família para tomar decisões importantes? | Como o fazem?

#### COMUNICAÇÃO

Se quisesse classificar a comunicação na sua família como a classificaria | Porquê

#### COESÃO

Fale-me um pouco da sua relação com os seus filhos | Como a classifica | Porquê

Como sente a relação com os seus próprios pais? (intergeracionalidade)

O que acha que a sua família sente/manifesta em relação a si? (hostilidade, afeto, indiferença)

Quando tem problemas de preferência a quem os conta? (problemas escolares/profissionais; problemas sentimentais; outro problema pessoal) | Porquê | Sabe que pode contar com quem | Porquê | Dentro da sua família com quem se dá melhor | Porquê

Com quem gosta de passar mais tempo na sua família | Porquê | A sua família é uma referencia para si? | Como e porquê

Que actividades costuma realizar com a sua família | Quais as que gostaria de fazer mais ou menos | Porquê

| Acha que passa tempo suficiente em família | Porquê

Como é aproveitado esse tempo? | Gostaria de passar mais ou menos tempo em família?

Diria que se dá melhor com pessoas fora da sua família ou não precisa de pessoas “especiais” fora de casa | Porquê | Quem?

Os seus amigos costumam ir a sua casa? | Gosta que isso aconteça | Sente-se à vontade | É hábito os seus filhos receberem amigos lá em casa?

Os membros da sua família conhecem bem os amigos dos outros membros da família?

Quando alguém da sua família está fora de casa a fazer coisas sem a família, isso é bem aceite por todos os membros da sua família?

Quando estão em casa, as pessoas da sua família passam a maior parte do tempo juntos ou evitam estar uns com os outros?

Os elementos da sua família precisam muito uns dos outros ou não precisam muito uns dos outros? | Porque? | Nessas alturas o que fazem | Como é que se vê que precisam/não precisam muito uns dos

outros?

Ou o que fazem as pessoas que precisam/não precisam que mostre que elas de facto precisam/não precisam dos outros?

Quando surge um novo problema na sua família, acha que todos procuram maneiras diferentes e novas de lidar com o problema?

#### FLEXIBILIDADE

Acha que a sua família é uma família organizada, ou não? | Porquê | (Há hierarquias)

Como se organizam na dinâmica do dia-a-dia? | As tarefas são distribuídas? Cada um tem as suas tarefas para fazer ou não? | Fazem aquilo que gostam mais ou são impostas?

Quando há uma mudança na rotina que costumam ter, como é que a sua família reage?

Todas as famílias têm momentos difíceis, nessas situações como é que reagem? |

Apoiam-se uns aos outros ou discutem mais?

Quando é preciso tomar decisões quem decide? | Porquê |

Essas decisões são bem aceites pelos outros elementos | Porquê

Partilha a liderança da família com o seu marido/mulher de forma igual?

Quem costuma orientar a distribuição das tarefas | Porquê

Sente que as regras estão bem definidas, são claras? | São respeitadas | Porquê

As regras são negociadas ou são impostas? | Por quem | Porquê essa pessoa | A opinião de todos interessa para a definição das regras? ( p.ex. horas de chegada etc.)

Se pudesse mudava algumas regras? | Quais? | Porquê

As decisões são tomadas irreflectidamente e impulsivamente por qualquer membro da família? | Como é que acontece? (Exs) | Quando uma decisão é tomada na sua família, é difícil mudar essa decisão?

Quais são as regras que considera funcionais e não funcionais na sua família |

Quando essas regras são quebrada há consequências? | Quais ? | Acha que é claro e fácil de perceber as consequências que podem acontecer quando alguém da sua família faz algo errado? | Considera ter uma família com regras e disciplina justas?

Acha que os papéis na sua família estão bem definidos?| Pode-me explicar como funcionam...

#### SATISFAÇÃO

O que deseja que mude na sua família? Acha que o processo que vamos iniciar todos juntos o podem ajudar?

| Em quê? | Como se pode traduzir essa ajuda na sua vida? | O que gostaria que mudasse?

Acha que estas sessões têm ajudado? | Em que? | Como se traduz essa ajuda na sua vida?

Sente que tem havido mudanças em si? | Quais? | O que desejaria que mudasse? |

E com os seus filhos, sente que tem havido mudanças? | Quais?

O que gostaria que mudasse?

Como se sente agora

Quer acrescentar mais alguma coisa... Dizer mais alguma coisa...

Obrigada

Autorização para ravação | Gostaria agora que me falasse um bocadinho sobre a sua família | pode começar por onde quiser ... Como descreve a sua família...

#### COMUNICAÇÃO entre as pessoas da família

Todos se ouvem uns ao outros | Respeitam o que cada um diz | Sempre? S/N Porquê

Discutes ideias, crenças e opiniões com os teus pais | Porquê

Todas as pessoas satisfeitas com a forma como comunicam uns com os outros

Assuntos que dominam a conversa com os teus pais

#### COESÃO

Sentes que tens espaço para a tua privacidade? | Ou os teus pais querem saber tudo?

É igual com o teu pai e com a tua mãe? | Conversam para tomar decisões importante | Como fazem|

Normalmente quem “ganha” | Há negociação ou domina a opinião de uma pessoa

#### COMUNICAÇÃO

Quando conversam em Família há espaço para partilhar sentimentos | Respeito pelos sentimentos dos outros | Alguma situação marcante | Podem discutir problemas de forma calma? | Todos ouvem o que outros têm a dizer?

Todos dizem a verdade? | Todos dizem aquilo que sentem?

#### COESÃO

Na família costumam envolver-se nos problemas dos outros? | Em todos? | Como? Gostavas de mais ou menos envolvimento? | Porquê | Costumas partilhar experiências com a família? | Porquê | Mais exps posit. ou negat. | Porquê | Na tua Família como discutem os problemas? | Como lidam com o stress

Conversam em família para tomar decisões importantes? | Como o fazem?

#### COMUNICAÇÃO

Se quisesses classificar a comunicação na tua família como a classificarias | Porquê

#### COESÃO

Fala-me um pouco da sua relação com os teus pais | Como a classificas | Porquê

Como sentes a relação com dos teus pais com os teus avós? (intergeracionalidade)

O que achas que a tua família sente/manifesta em relação a si? (hostilidade, afeto, indiferença)

Quando tens problemas de preferência a quem os contas? (problemas escolares/profissionais; problemas sentimentais; outro problema pessoal) | Porquê | Sabes com quem podes contar | Porquê | Dentro da sua família com quem te dás melhor | Porquê | Com quem gostas de passar mais tempo na tua família | Porquê

A tua família é uma referencia para ti? | Como e porquê

Que actividades costumam realizar com a sua família | Quais as que gostarias de fazer mais ou menos | Porquê | Achas que passas tempo suficiente em família | Porquê

Como é aproveitado esse tempo? | Gostarias de passar mais ou menos tempo em família?

Dirias que te dás melhor com pessoas fora da tua família ou não precisas de pessoas “especiais” fora de casa | Porquê | Quem?

Os teus amigos costumam ir a tua casa? | Gostas que isso aconteça | Sentes-te à vontade | É hábito os teus pais receberem amigos lá em casa?

Os membros da tua família conhecem bem os amigos dos outros membros da família?

Quando alguém da tua família está fora de casa a fazer coisas sem a família, isso é bem aceite por todos os membros da sua família?

Quando estão em casa, as pessoas da sua família passam a maior parte do tempo juntos ou evitam estar uns com os outros?

Os elementos da tua família precisam muito uns dos outros ou não precisam muito uns dos outros? | Porque? | Nessas alturas o que fazem | Como é que se vê que precisam/não precisam muito uns dos outros?

Ou o que fazem as pessoas que precisam/não precisam que mostre que elas de facto precisam/não precisam dos outros?

Quando surge um novo problema na sua família, achas que todos procuram maneiras diferentes e novas de lidar com o problema?

#### FLEXIBILIDADE

Achas que a tua família é uma família organizada, ou não? | Porquê | (Há hierarquias)

Como se organizam na dinâmica do dia-a-dia? | As tarefas são distribuídas? Cada um tem as suas tarefas para fazer ou não? | Fazem aquilo que gostam mais ou são impostas?

Quando há uma mudança na rotina que costumam ter, como é que a tua família reage?

Todas as famílias têm momentos difíceis, nessas situações como é que reagem? |

Apoiam-se uns aos outros ou discutem mais?

Quando é preciso tomar decisões quem decide? | Porquê | Essas decisões são bem aceites pelos outros elementos | Porquê

Os teus pais Partilha a liderança da família de forma igual?

Quem costuma orientar a distribuição das tarefas | Porquê

Sentes que as regras estão bem definidas, são claras? | São respeitadas | Porquê

As regras são negociadas ou são impostas? | Por quem | Porquê essa pessoa | A opinião de todos interessa para a definição das regras? ( p.ex. horas de chegada etc.) Se pudesses mudavas algumas regras? | Quais? | Porquê

As decisões são tomadas irreflectidamente e impulsivamente por qualquer membro da família? | Como é que acontece? (Exs) | Quando uma decisão é tomada na tua família, é difícil mudar essa decisão?

Quais são as regras que consideras funcionais e não funcionais na sua família |

Quando essas regras são quebrada há consequências? | Quais ? | Achas que é claro e fácil de perceber as consequências que podem acontecer quando alguém da tua família faz algo errado? | Consideras ter uma família com regras e disciplina justas?

Achas que os papéis na tua família estão bem definidos? | Podes-me explicar como funcionam

#### SATISFAÇÃO

O que desejas que mude na tua família? Achas que o processo que vamos iniciar todos juntos te pode ajudar? | Em quê? | Como se pode traduzir essa ajuda na tua vida? |

O que gostarias que mudasse

Achas que estas sessões têm ajudado? | Em que? | Como se traduz essa ajuda na tua vida?

Sentes que têm havido mudanças em ti? | Quais? | O que desejarias que mudasse? |

E com os teus pais, sentes que têm havido mudanças? | Quais?

O que gostaria que mudasse?

Como te sentes agora

Queres acrescentar mais alguma coisa... Dizer mais alguma coisa...

Obrigada

Anexo E: Grelha de cotação da Clinical Rating Scale

	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
<b>Coesão</b>	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional								
Envolvimento Familiar								
Relação Conjugal								
Relação Pais-Filhos								
Fronteiras Internas								
Fronteiras Externas								
Global Coesão								
Observações								
*1								

	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
<b>Flexibilidade</b>	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança								
Disciplina								
Negociação								
Papéis								
Regras								
Global Flexibilidade								
Observações								
*1								

	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
<b>Comunicação</b>	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia						
Audição Atenta						
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros						
Intromissões / Interrupções						
Revelações Pessoais						
Clareza						
Continuidade / Seguimento						
Respeito e Consideração						
Global comunicação						
Observações						

## Anexo F: Cotações da CRS relativas à Família 1

Sessão 1 | Data: 7 de Abril de 2014

Estiveram presentes: Leonor, Inês e Patrícia

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional		X						
Envolvimento Familiar		X						
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 3							

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança		X						
Disciplina			X					
Negociação		X						
Papéis							X	
Regras			X *1					
Global Flexibilidade	Rígida 2							
Observações								
*1	Poucas mudanças de regras, mas não são firmemente cumpridas							

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte			X			
Empatia						
Audição atenta				X		
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais			X			
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Facilitada 3					

Sessão 2 | Data: 21 de Abril de 2014  
 Estiveram presentes: Leonor, Isabel, Patrícia e Tomás

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional			X *1					
Envolvimento Familiar			X					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas			X *2					
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	Maior proximidade entre as irmãs (5)							
*2	Mãe com os interesses mais centrados na família (5)							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança							X	
Disciplina			X					
Negociação			X					
Papéis							X	
Regras				X				
Global Flexibilidade	Estruturada 3, mas com uma nuance caótica							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte			X			
Empatia						
Audição atenta				X		
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento			X			
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 3 | Data: 30 de Abril de 2014

Estiveram presentes: Leonor, Inês, Patrícia e Tomás

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional				X				
Envolvimento Familiar			X *1					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	Com o tiago há mais envolvimento (5)							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança				X				
Disciplina				X				
Negociação			X					
Papéis				X				
Regras				X *1				
Global Flexibilidade	Estruturada 4							
Observações								
*1	Regras não por vezes cumpridas, mas não firmemente							

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição atenta				X		
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros					X	
Intromissões / Interrupções				X		
Revelações Pessoais					X	
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Facilitada 4					

Sessão 4 | Data: 12 de Maio de 2014

Estiveram presentes: Leonor, Inês, Patrícia e Tomás

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional				X *1				
Envolvimento Familiar			X					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas			X *2					
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	Maior proximidade emocional entre as irmãs							
*2	Mãe com interesses mais centrados dentro da família							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança		X						
Disciplina			X					
Negociação		X						
Papéis							X	
Regras						X *1 *2		
Global Flexibilidade	Estruturada 4							
Observações								
*1	Cumprimento irregular das regras							
*2	Bastantes mudanças de regras para com o tiago							

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição atenta				X		
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros					X	
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais			X			
Clareza					X	
Continuidade / Seguimento			X			
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 5 | Data: 30 de Maio de 2014

Estiveram presentes: Inês, Patrícia e Bernardo

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional					X			
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Separada 4							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança				X				
Disciplina			X					
Negociação				X				
Papéis				X				
Regras			X *1					
Global Flexibilidade	Estruturada 4							
Observações								
*1	Regras firmes, mas nem sempre cumpridas							

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição atenta					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções					X	
Revelações Pessoais			X			
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Alta 5					
Observações						

Sessão 6 | Data: 2 de Junho de 2014

Estiveram presentes: Leonor Inês, Patrícia, tiago

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional			X					
Envolvimento Familiar		X					*1	
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas			X *2					
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	tiago com relação dependente da mãe (Leonor)							
*2	Irmãs com mais afastamento							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança							X	
Disciplina				X				
Negociação			X					
Papéis						X		
Regras				X			*1	
Global Flexibilidade	Estruturada 4							
Observações								
*1	Leonor muda com frequência as regras do tiago							

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte		X				
Empatia						
Audição atenta			X			
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções		X				
Revelações Pessoais			X			
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento			X			
Respeito e Consideração		X				
Global comunicação	Facilitada 3					
Observações						

Sessão 7 | Data: 23 de Junho de 2014  
 Estiveram presentes: Leonor Inês, Patrícia e tiago

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional			X					
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Separada 4							
Observações								

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança				X				
Disciplina					X			
Negociação		X						
Papéis						X		
Regras					X			
Global Flexibilidade	Flexível 5							
Observações								

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte			X			
Empatia						
Audição atenta				X		
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais			X			
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração			X			
Global comunicação	Facilitada 3					
Observações						

Sessão 8 | Data: 30 de Junho de 2014  
 Estiveram presentes: Leonor, Inês e Tiago

	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
<b>Coesão</b>	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional			X					
Envolvimento Familiar		X						
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas		X						
Global Coesão	Desligada 2							
Observações								

	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
<b>Flexibilidade</b>	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança							X	
Disciplina						X		
Negociação						X		
Papéis							X	
Regras							X	
Global Flexibilidade	Caótica 7							
Observações								

	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
<b>Comunicação</b>	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia			X			
Audição atenta			X			
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio				X		
Falar pelos outros					X	
Intromissões / Interrupções				X		
Revelações Pessoais			X			
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração			X			
Global comunicação	Facilitada 3					
Observações						

Sessão 9 | Data: 14 de Junho de 2014

Estiveram presentes: Leonor Inês, Patrícia e tiago

	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
<b>Coesão</b>								
Laço Emocional					X			
Envolvimento Familiar			X					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos					X			
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Separada 4							
Observações								

	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
<b>Flexibilidade</b>								
Liderança						X		
Disciplina						X		
Negociação							X	
Papéis						X		
Regras						X		
Global Flexibilidade	Flexível 6							
Observações								

	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
<b>Comunicação</b>						
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição atenta					X	
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio				X		
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções				X		
Revelações Pessoais					X	
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração			X			
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 10 | Data: 25 de Agosto de 2014  
 Estiveram presentes: Inês, Patrícia, Tiago

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional						X		
Envolvimento Familiar			X					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas					X			
Fronteiras Externas					X			
Global Coesão	Ligada 5							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança				X				
Disciplina				X	X			
Negociação						X		
Papéis								
Regras			X					
Global Flexibilidade	Flexível 5							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição atenta				X		
Capacidade de falar			X			
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros					X	
Intromissões / Interrupções					X	
Revelações Pessoais			X			
Clareza		X				
Continuidade / Seguimento			X			
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Facilitada 3					
Observações						

Sessão 11 | Data: 8 de Setembro de 2014  
 Estiveram presentes: Leonor, Inês, Patrícia e Tiago

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional					X			
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	
Relação Pais-Filhos					X			
Fronteiras Internas					X			
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Ligada 5							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança					X			
Disciplina					X			
Negociação					X			
Papéis				X				
Regras					X			
Global Flexibilidade	Flexível 5							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte					X	
Empatia					X	
Audição atenta				X		
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções				X		
Revelações Pessoais					X	
Clareza			X			
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

## Anexo G: Cotações da CRS relativas à Família 2

Sessão 1 | Data: 15 de Abril de 2014

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional			X					
Envolvimento Familiar			X					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 3							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança		X						
Disciplina		X						
Negociação			X					
Papéis			X					
Regras			X					
Global Flexibilidade	Estruturada 3							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte					X	
Empatia					X	
Falar pelo próprio				X		
Capacidade de falar				X		
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros					X	
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento			X			
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 2 | Data: 30 de Abril de 2014

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional			X					
Envolvimento Familiar			X					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas					X *1			
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	João passa mais tempos livres fora de casa							

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança			X					
Disciplina				X				
Negociação			X					
Papéis				X				
Regras					X			
Global Flexibilidade	Estruturada 4							
Observações								

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte				X		
Empatia					X	
Falar pelo próprio					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 3 | Data: 21 de Maio de 2014

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
<b>Coesão</b>								
Laço Emocional				X				
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 4							
Observações								

	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
<b>Flexibilidade</b>								
Liderança			X					
Disciplina			X					
Negociação			X					
Papéis				X				
Regras				X				
Global Flexibilidade								
Observações	Estruturada 3							

	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
<b>Comunicação</b>						
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição Atenta				X		
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções				X		
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 4 | Data: 23 de Junho de 2014  
 Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional				X*1				
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X*1				
Fronteiras Internas					X			
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão								
Observações	Separada 4							
*1	Com a Núria há a Catarina tem uma coesão Emaranhada de nível7							

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança					X			
Disciplina						X		
Negociação						X		
Papéis							X	
Regras						X		
Global Flexibilidade	Flexível 6							
Observações								

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte					X	
Empatia					X	
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar				X		
Falar pelo próprio				X		
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções					X	
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 5 | Data: 30 de Junho de 2014  
 Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional				X				
Envolvimento Familiar				X*1				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X*1					
Fronteiras Internas			X*1					
Fronteiras Externas			X*1					
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	Relação da Catarina com a Núria							

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança			X					
Disciplina			X					
Negociação			X					
Papéis						X		
Regras			X					
Global Flexibilidade	Estruturada 3							
Observações								

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte			X			
Empatia						
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais				X		
Clareza			X			
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 6 | Data: 16 de Julho de 2014  
 Estiveram presentes: João, Catarina, e Núria

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional				X				
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas					X			
Fronteiras Externas					X			
Global Coesão	Separada 4							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança				X				
Disciplina					X			
Negociação					X			
Papéis					X			
Regras				X				
Global Flexibilidade	Flexível 5							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia			X			
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 7 | Data: 24 de Julho de 2014

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional					X			
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos					X			
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Separada 4							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança					X			
Disciplina				X				
Negociação					X			
Papéis					X			
Regras					X			
Global Flexibilidade	Flexível 5							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções					X	
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 8 | Data: 31 de Julho de 2014

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional				X*1				
Envolvimento Familiar			X*2					
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	Catarina tem relação de nível 3,5e7 com E,J e N respectivamente							
*2	E tem relação nível 2 com todos e a C tem nível 7 com a N							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança			X					
Disciplina			X					
Negociação				X				
Papéis					X			
Regras				X				
Global Flexibilidade	Estruturada 4							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio				X		
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais					X	
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 9 | Data: 1 de Agosto de 2014-12-01

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa, Núria e António

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional					X *1			
Envolvimento Familiar				X *2				
Relação Conjugal					X			
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Separada 4							
Observações								
*1	Laço emocional mais baixo com entre os pais e a Elsa (nível 3)							
*2	Maior envolvimento dos pais com a Núria (nível 6)							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança			X					
Disciplina			X					
Negociação			X					
Papéis					X			
Regras			X					
Global Flexibilidade	Estruturada 3							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia				X		
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros		X				
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração				X		
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 10 | Data: 25 de Agosto de 2014

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa, Núria e António

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional					X			
Envolvimento Familiar					X *1			
Relação Conjugal					X			
Relação Pais-Filhos					X			
Fronteiras Internas					X			
Fronteiras Externas				X				
Global Coesão	Ligada 5							
Observações								
*1	Maior envolvimentos dos pais com a Núria (nível 6)							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança					X			
Disciplina					X			
Negociação					X			
Papéis				X				
Regras					X			
Global Flexibilidade	Flexível 5							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte					X	
Empatia					X	
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções					X	
Revelações Pessoais					X	
Clareza					X	
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Alta 5					
Observações						

Sessão 11 | Data: 1 de Setembro de 2014

Estiveram presentes: João, Catarina, Elsa e Núria

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional					X			
Envolvimento Familiar				X *2				
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos					X			
Fronteiras Internas					X			
Fronteiras Externas					X *2			
Global Coesão	Ligada 5							
Observações								
*1	Demonstrações afectivas (nível 4); Envolvimento (nível 5)							
*2	Interesses mais centrados dentro da família (nível 4)							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança					X			
Disciplina					X			
Negociação					X			
Papéis					X			
Regras				X				
Global Flexibilidade	Flexível 5							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia					X	
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros		X				
Intromissões / Interrupções					X	
Revelações Pessoais				X		
Clareza					X	
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Alta 5					
Observações						

## Anexo H: Cotação da CRS relativa à Família 3

Sessão 1 | Data: 27 de Abril de 2014  
Estiveram presentes: Alice e Francisco

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional			X					
Envolvimento Familiar		X						
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas		X						
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 3							

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança							X	
Disciplina						X		
Negociação							X	
Papéis						X		
Regras						X		
Global Flexibilidade	Flexível 6							

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte					X	
Empatia					X	
Falar pelo próprio					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros		X				
Intromissões / Interrupções			X			
Revelações Pessoais			X			
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento			X			
Respeito e Consideração			X			
Global comunicação	Facilitada 3					

Sessão 2 | Data: 5 de Maio de 2014  
 estiveram presentes: Nuno, Helena e Francisco

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional	X							
Envolvimento Familiar		X						
Relação Conjugal		X						
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas	X							
Fronteiras Externas		X						
Global Coesão	Desligada 2							

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança			X*1				X*1	
Disciplina							X	
Negociação							X	
Papéis							X	
Regras						X		
Global Flexibilidade	Caótica 7							
Observações								
*1	Pai nível 7; madrasta nível 3							

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte		X				
Empatia						
Falar pelo próprio					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros				X		
Intrusões / Interrupções				X		
Revelações Pessoais					X	
Clareza			X			
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração		X				
Global comunicação	Facilitada 3 /Baixa 2					
Observações						

Sessão 3 | Data: 15 de Maio de 2014  
Estiveram presentes: Helena

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional		X*1						
Envolvimento Familiar		X*1						
Relação Conjugal	X							
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas		X*3						
Fronteiras Externas		X*4						
Global Coesão	Desligada 2							
Observações								
*1 e *2	Nível 4 para os laços entre pais e filhos							
*3 e *4	Nível 3 para os laços entre pais e filhos							

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança							X	
Disciplina							X	
Negociação								X*1
Papéis								X
Regras							X*2	
Global Flexibilidade	Caótica 7							
Observações								
*1	Nível 3 para as regras da Helena com as filhas							
*2	Nível 3 para as regras da Helena com as filhas							

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte	X		X*1			
Empatia			X*2			
Audição Atenta		X				
Capacidade de falar		X		X*3		
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros		X	X*4			
Intromissões / Interrupções		X		X*5		
Revelações Pessoais		X	X*6			
Clareza		X	X*7			
Continuidade / Seguimento		X	X*8			
Respeito e Consideração	X		X*9			
Global comunicação	Casal: Baixa2   Pais-Filhos: Facilitada3					
Observações						
*1, *2, *3, *4, *5, *6, *7, *8, *9	Comunicação pais-filhos					

Sessão 4 | Data: 7 de Julho de 2014  
 Estiveram presentes: Alice e Nuno

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional					X			
Envolvimento Familiar					X			
Relação Conjugal	-	-	-	-	-	-	-	-
Relação Pais-Filhos				X				
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 4							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança						X		
Disciplina							X	
Negociação						X		
Papéis							X	
Regras						X		
Global Flexibilidade	Flexível 6							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte					X	
Empatia					X	
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros				X		
Intromissões / Interrupções		X				
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento					X	
Respeito e Consideração					X	
Global comunicação	Alta 5					
Observações						

Sessão 5 | Data: 8 de Julho de 2014

Estiveram presentes: Alice, Nuno, Francisco e Beatriz

<b>Coesão</b>	<b>Desligada</b>		<b>Separada</b>		<b>Ligada</b>		<b>Emaranhada</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional				X				
Envolvimento Familiar				X				
Relação Conjugal			X					
Relação Pais-Filhos			X					
Fronteiras Internas				X				
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 3							
Observações								

<b>Flexibilidade</b>	<b>Rígida</b>		<b>Estruturada</b>		<b>Flexível</b>		<b>Caótica</b>	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança						X		
Disciplina						X		
Negociação							X	
Papéis							X	
Regras						X		
Global Flexibilidade	Flexível 6							
Observações								

<b>Comunicação</b>	<b>Baixa</b>		<b>Facilitada</b>		<b>Alta</b>	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte			X			
Empatia						
Audição Atenta					X	
Capacidade de falar					X	
Falar pelo próprio						
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções				X		
Revelações Pessoais				X		
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração			X			
Global comunicação	Facilitada 4					
Observações						

Sessão 6 | Data: 7 de Setembro de 2014  
 Estiveram presentes: Alice e Francisco

Coesão	Desligada		Separada		Ligada		Emaranhada	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Laço Emocional		X*1						
Envolvimento Familiar			X					
Relação Conjugal		X						
Relação Pais-Filhos					X			
Fronteiras Internas			X					
Fronteiras Externas			X					
Global Coesão	Separada 3							
Observações								
*1	Nível 5 para o laço emocional no subsistema fraternal							

Flexibilidade	Rígida		Estruturada		Flexível		Caótica	
	1	2	3	4	5	6	7	8
Liderança				X				
Disciplina				X				
Negociação							X	
Papéis						X		
Regras						X		
Global Flexibilidade	Flexível 6							
Observações								

Comunicação	Baixa		Facilitada		Alta	
	1	2	3	4	5	6
Capacidade de ser ouvinte						
Empatia			X			
Audição Atenta			X			
Capacidade de falar						
Falar pelo próprio					X	
Falar pelos outros			X			
Intromissões / Interrupções	X					
Revelações Pessoais					X	
Clareza				X		
Continuidade / Seguimento				X		
Respeito e Consideração		X				
Global comunicação	Facilitada 3					

## Anexo I: Exemplo de uma das entrevistas realizadas

7 de Abril de 2014

Primeira entrevista: Leonor Marques

Entrevistadora: É então para falar um bocadinho da tua família, sendo que a tua família neste caso são as pessoas com quem tu vives. E podes começar por onde quiseres, depois vamos vendo.

Leonor: Ya, moro com a minha mãe, com os meus irmãos, tenho dois irmãos, tenho um filho, o Tiago, neste momento estou a morar com a minha mãe porque nunca surgiu opção de eu ir morar com o pai do meu filho, porque só namorávamos e depois ainda nos chateámos, então ficámos assim.

E: Já não estão juntos?

L: Não, agora não. Tenho uma boa relação com a minha mãe, ela apoia-me bastante, mas, por acaso não falo da minha vida com a minha mãe, desabafo mais com amigas do que com a minha mãe, tenho uma boa relação com os meus irmãos também.

E: São mais novos?

L: Sim, tenho uma de dezoito e outro de doze.

E: Tu tens?

L: Vinte e um. Acho que temos um bom ambiente dentro de casa, tipo, a nossa mãe está sempre em cima de nós preocupada a saber se está tudo bem e tal, de resto acho que não tenho mais razões de queixa.

E: Ok. Então e, quando estás em casa, estavas a dizer “Eu prefiro desabafar com as minhas amigas, do que com a minha mãe”, é sempre assim ou há coisas que tu falas mais com a tua mãe e coisas que falas mais com as tuas amigas fora de casa?

L: Eu tipo, eu com as minhas amigas prefiro comentar um bocadinho sobre tudo, tipo namorados, trabalho. Se for com a minha mãe acho que, no que tocar a namorados, vou-me fechar um bocado mais. Porque ela perguntava-me se eu tinha e eu fugia sempre ao assunto, acabava sempre por não dizer que tinha.

E: Não dizias porque tu não querias, tinhas...

L: Não, era mais vergonha tipo aquela cena, somos crianças e tipo, são relacionamentos que não são duradouros. Eu dizia à minha mãe que estava a namorar com um rapaz e depois passado um tempo vou apresentar-lhe outro. Acabava por não dizer nada, então.

E: Mas isso acontecia ou não?

L: Sim, acontecia e acabava por não lhe dizer que estava com alguém naquele momento.

E: E apresentavas de vez em quando?

L: Não, nunca cheguei a apresentar, o único que ela conheceu mesmo foi o pai da criança.

E: Ok

L: Ya, foi o mais sério de todos, ya

E: Mas agora já não estão juntos.

L: Aconteceram umas coisas, mas vamos acabar por voltar

E: E a tua mãe, em relação ao assunto do teu namorado, do pai do teu filho

L: Ela não gosta dele porque desde que o bebé, o Tiago, nasceu ele não ajudou com nada e ele, quando foi falar com os meus pais e apresentar-se, disse que estaria sempre ali para qualquer coisa e, tipo, eu na altura não estava a trabalhar. Comecei o pós em Maio, tipo já tinha o Tiago quase um ano, ya, e pronto, ele ao ter dito aos meus pais que ia estar sempre ao meu lado, os meus pais ficaram mais descansados e acabou tudo por cair em cima da minha mãe porque, entretanto, o meu pai foi viajar e tem sido sempre ela o meu apoio, tipo, quando eu não tenho é ela que dá

E: E quando dizes que o pai do teu filho disse que ia estar lá para o que fosse preciso, estás a falar de quê? Em termos de dinheiro ou de disponibilidade para estar com ele?

L: Sim se calhar é mesmo isso, estar disponível para qualquer coisa, dinheiro não digo porque ele também não trabalha, nem trabalhava, por isso, é isso. Mas sim, sempre quis mostrar o papel dele de bom pai, mas a minha mãe, a partir do momento que ele não dava nada, começou a... afastá-lo mais, tanto que ela nem queria que eu deixasse o Tiago passar fins-de-semana com ele e não sei quê, tipo ele podia vir, mas só que o meu pai também se chateou com ele e preferiu que ele não aparecesse mais lá em casa, logo isso dificultava ele ver o Tiago, porque ele para ver tinha de ser eu a leva-lo lá.

E: Ok e o teu pai agora não esta cá? É temporário?

L: Ele quando vem para aqui nunca fica muito tempo porque ele trabalha fora. ele esteve em França, depois veio, ficou no natal, voltou para França outra vez e foi para a Guiné e está lá até agora.

E: Ok, e estavas a dizer que as vezes o teu pai vem cá e...

L: Sim, mas eu não tenho grande relação com ele, eu respeito-o, mas não...

E: Há bocado estavas a dizer "Há coisas que eu só falo com as minhas amigas, outras que vou falando com a minha mãe" E com o teu pai?

L: Não, com o meu pai não falo muito, tipo ele é mais brincalhão e brinco com ele, respeito-o imenso, mas parar para falar sobre a minha vida acho que não...

E: Não sentes esse espaço?

L: Não...

E: E contigo, com os teus irmãos e com a tua mãe, como é que é a comunicação entre vocês lá em casa?

L: É boa, acho que a minha mãe sente que começa a perder o controlo com eles, acho que é a convivência que eles têm agora com os colegas, já não ligam tanto ao que a minha mãe diz e pronto, quando a minha mãe se farta diz "Olha fala com os teus irmãos e não sei quê" e estou sempre lá eu a dar-lhes na cabeça.

E: A tua mãe, como sente que os teus irmãos não ouvem tanto aquilo que ela diz, acha que eles te ouvem mais a ti?

L: Sim, tipo, porque eu e eles estamos sempre a discutir, mas tipo são brincadeiras tipo brincamos imenso, também discutimos imenso, mas isso faz partes. Ya, mas tipo, quando eu lhes dou um grito, conseguem parar para ouvir.

E: Se calhar às vezes, como as idades são diferentes, as pessoas têm ideias diferentes e opiniões e crenças.

L: Sim, também é o que eu tento explicar à minha mãe, porque se calhar às vezes ela é um bocado rígida e isso depois não coiso

E: Mas é possível, por exemplo, conversarem todos juntos sobre... quando um acha uma coisa e outro acha outra, isso é possível?

L: Sim, aceitamos as ideias de cada um.

E: Achas que todos aceitam?

L: Sim

E: E estavas a dizer que há coisas que sentes que não gostas tanto de falar com a tua mãe. Tu sentes que tens espaço para a tua privacidade ou que a tua mãe e o teu pai, quando cá está, tentam saber tudo e estar em tudo da tua vida?

L: Não, ela tipo de vir que se passa alguma coisa ela chegasse a mim, chama-me à parte e pergunta, ela, se vir que eu não quero responder, não insiste mais no assunto. Vai mostrar preocupação, mas tipo não toca mais no assunto até eu lhe dizer.

E: Hmhm, portanto no fundo há um assunto, tu partilhas ou não partilhas, a tua mãe acha que é importante vai-te perguntar e, se tu não quiseres mesmo falar a tua mãe deixa e fica a espera que tu

L: Que eu dê um sinal.

E: E isso acontece, normalmente? Teres ali aquele tempo que ainda não consegues e depois já dá para falar com a tua mãe?

L: Hmhm

E: Ok... lá em casa tipo, como é que é quando é preciso tomar uma decisão, quem é que toma, toda a gente pode dar a sua opinião e dizer como é que achava que podia ser ou há alguém que tome a decisão sozinho?

L: Eu acho que é mais a minha mãe, também são raras as vezes que nos nós sentamos para conversarmos sobre algo.

E: Não costumam quando estão todos em casa... costumam estar todos em casa ao mesmo tempo?

L: Sim, mas é mais brincadeira, tipo ficar a falarmos de coisas assim, tipo... coisas do dia a dia, vemos televisão e tal, mas sobre temas assim nada de especial.

E: Quando vêm televisão, por exemplo, quem é que costuma chegar primeiro a casa?

L: A minha mãe agora está desempregada, tipo, chegamos e ela está sempre em casa, mas eu sou a primeira, depois chega o meu irmão e, a minha irmã, só fica em casa um bocado porque depois ela tem treinos e costuma chegar às dez.

E: Ela faz que desporto?

L: Rugby

E: Ah. Então às vezes estão assim ali todos na sala e há sempre assim uma coisa de quem é que fica com o comando, quando estão todos ali todos querem ver a mesma coisa? E, quando não querem, como é que é para decidir o que é que se ver?

L: Nós temos várias televisões: uma na sala, uma na cozinha e uma no quarto dos meus pais.

E: E então...

L: Se houver problema normalmente é o meu irmão que sai porque é sempre ele que está do contra

E: Ah ok, portanto as mulheres querem ver uma coisa e o irmão costuma sair.

L: [risos] Hmhm.

E: E o que é que achas que ele sente quando não o deixam ver também com ele o que ele gostava

L: Ele acha que fazemos de propósito porque é o mais novo e é sempre ele que tem de sair, nós não o mandamos sair. Por acaso temos duas televisões na sala, mas uma está estragada e ele, quando quer ver alguma coisa, é só futebol e pronto, isso não nos interessa assim muito e ele acaba por ir para o quarto ou vai ver na cozinha.

E: E ele importa-se ou não?

L: Não tipo, há uma cena que ele quer ver, se ele não quisesse mesmo muito ver, ele até podia ficar ali a ver novelas connosco, mas coiso.

E: E quando estão ali nas brincadeiras, como tu estavas a dizer, se calhar às vezes acontece partilharem as coisas que... sentimentos vossos, sobre a vida do dia a dia, uma coisa que aconteceu. Esse espaço existe, quando há qualquer coisa que acontece às vezes, ou não?

L: Brincadeiras... as nossas brincadeiras são mais lutas, eu por acaso falo mais com o meu irmão do que com a minha irmã, ela é tipo... sem paciência mesmo... Mas damo-nos todos bem.

E: Achas que, se for preciso e quando é preciso, há espaço para as pessoas falarem sobre aquilo que sentem?

L: Ya, hmhm

E: E respeitam aquilo que um e outro sentem ou há alguém que não respeite?

L: Não, respeitamos sempre, tipo, se for de bem a gente comenta, se acharmos que isso não é de bem estamos sempre ali para dar na cabeça e tal.

E: E isso funciona entre todos?

L: Sim, entre todos. Também se a minha irmã disser "Tu és granda burra, não devia ser assim" e não sei quê, eu oiço, calo-me... posso pensar nisso mais tarde

E: Ok e pronto, como há espaço para cada um dizer a verdade e dizer aquilo que pensa e ser honesto com aquilo que sente e com os outros, e isso também é bem recebido por quem... as pessoas podem dizer e os outros recebem bem isso

L: Sim, sim

E: Quer aceitam ou não aceitem, isso depois é outra coisa

L: Ya

E: E estavas a dizer, quando por exemplo, quando o Tiago nasceu e houve aquelas... Os teus pais não queriam que o pai dele tivesse com ele... Quando acontecem assim, nesse caso se calhar foi um problema mais ou menos lá em casa, quando há assim esses problemas, todos se envolvem lá em casa, tipo os teus irmãos, a tua mãe..

L: Não a conversa foi tipo, nós, tipo, guineenses, fazemos sempre, os pais da grávida e... Pronto tinha que ser os meus pais e os pais dele. E depois foi um irmão do meu pai e outro irmão da minha mãe. Família da minha parte e da parte dele, ya, e era assim que era a conversa.

E: Falaram todos? Os teus pais, os irmãos e os pais dele?

L: Sim, mas os pais deles não apareceram, foi só ele. E depois... eu apresentei-o, porque eles ainda não o conheciam, disse que era o pai da criança, depois ele falou e disse que ia assumir, que ia estar ali para qualquer coisa, que já não era o primeiro filho dele, ele disse aos meus pais... e a cena que o meu pai queria era que nós nos casássemos, e eu disse que não ia casar com ele só por causa de uma criança, tipo, gosto dele agora, mas posso não gostar daqui a uns tempos e se estivermos mal, vamos estar a viver com isso o resto da vida porque estamos casados e casámos obrigados. e ele disse a mesma coisa, que sim, gostava de mim, mas se calhar casar estaríamos a ser precipitados demais. O meu pai levou isso como uma ofensa, porque percebeu que ele estava a querer fugir, ya. E não foi isso que ele disse, também percebi assim.. Depois com isso, foi nessa conversa que o meu pai disse que preferia que ele não entrasse mais lá em casa, tipo, a relação que ele tivesse comigo podia continuar, mas dentro daquela casa ele não entrava mais... Depois, a minha mãe até foi compreensiva connosco, disse "Sim, são cenas de criança que acontecem, mas pronto, se isso aconteceu é porque vocês não tomaram as devidas precauções, agora só têm que assumir" e ele disse que estava ali, depois os irmãos do meu pai e da minha mãe disseram para ele não ligar ao meu pai porque ele estava de cabeça quente, mas sim, ele está sempre ali para o receber e não sei quê, não sei que mais. Depois, entretanto, o meu pai foi viajar e a minha mãe sentiu que, se ele fosse lá a casa, ela estava a desrespeitar o meu pai, tanto que, até ele voltar a ir lá a casa, foi um granda custo, ainda tive que o trazer sem a minha mãe saber, tipo ela sabia mas não estava em casa nesse dia, eu disse para ele vir na mesma, já tinha combinado com ele não lhe ia mandar ir embora. Ya tanto que ele acabou por vir e ela acha que, eu a fazer essas coisas, estou-lhe a desrespeitar...

E: Ao teu pai e à tua mãe...

L: Não, ao meu pai não coiso.. estou-me a cagar para ele. À minha mãe tipo, ao fazer afastar-lhe (Mário) de mim, tipo, acho que também não está a pensar em mim, é só isso..

E: Ok, é importante para ti estar com o pai do teu filho e que o teu filho também possa estar com o pai.

L: Ya, houve aí uma altura em que estávamos bem, acho que é importante. Mesmo quando eu não estiver bem com ele, tipo, se ele conseguir manter o contacto com o filho é importante.... E acho que também durante algum tempo também pensei só em mim... e dificultei.. dificultei não... a minha mãe não queria e eu depois, como deixei de estar bem com ele, também não ligava, tipo, não me importava se ele estava com o Tiago ou não, ele dizia que queria vir cá ver e passar fins-de-semana e tal, e eu não deixava.

E: E foi um bocado... ai a tua mãe foi...

L: A minha mãe esteve sempre do contra, não queria mesmo...

E: Sim, mas ia dizendo a opinião dela

L: Sim

E: E os teus irmãos diziam alguma coisa?

L: Não, tipo nunca se meteram, por acaso

E: E achas que eles têm alguma opinião sobre isso?

L: Eles gostam dele não é, mas sabem...

E: Do pai do Tiago?

L: Sim, mas sabem as cenas que ele me fez também... e começam a ganhar um pouco de raiva... mas preferem não se meter

E: Ele fez-te cenas...

L: Sim, nós tínhamos uma relação e ele traiu-me várias vezes, eu desculpei-lhe, mas tipo abusou.

E: No sentido que foram vezes de mais, é isso?

L: Ya

E: Ok... e estávamos a falar que a tua mãe te diz umas coisas, do teu pai, não queres saber o que é que ele diz, mas vais falando com os teus irmãos e, assim no meio da brincadeira, ainda vão dizendo o que é que cada um acha..?

L: Às vezes... ya

E: Se eu te perguntasse se por exemplo a tua família é uma referência para ti? o que é que tu achas?

L:... não sei. Eu acho que posso dizer que sim, tipo... mas tipo eu acho mais por mim própria do que por coisas que acontecem dentro de casa.

E: Como assim?

L: Tipo, uma referência, a minha mãe transmite-me valores, sim senhor, respeito, lealdade e essas coisas todas, mas eu acho que tipo, alguma coisa que acontece na rua, vou pensar mais em mim,

tipo vai sair de mim, e não coisas que eu trago da minha mãe.

E: E achas que essas coisas que tu trazes da tua mãe influenciam aquilo que tu fazes por ti?

L: Não sei... eu sou uma pessoa muito diferente da minha mãe, mas se calhar até somos um bocado parecidas

E: Ok, tens a relação que tens com a tua mãe, e por exemplo, como é que é a relação, como é que tu vês a relação da tua mãe e do teu pai com os pais deles?

L: Não sei, tipo por acaso qualquer coisa que eu faça a minha mãe diz logo "Ai, eu com a minha mãe não era assim", tipo, eu sou muito rebelde comparado com aquilo que ela era, mas eu acho que desde que tive o Tiago assentei bastante e.. deu para ver a diferença tipo.. as vezes paro e penso o como eu era e como estou agora e sinto que mudei, mas na cabeça dos nossos pais continuamos sempre os mesmos. Ya, podemos estar uma temporada diferentes, eles percebem, mas se voltarmos a fazer a mesma coisa eles esquecem aquilo que nós fizemos de bem e nós continuamos os maus da fita. É sempre assim.

E: E assim, quando estás lá em casa, estavas a dizer, "Nós somos quase sempre iguais para os pais"

L: Ya, é tipo, não mudamos os comportamentos, continuam os mesmos, a cabeça não muda, é sempre assim.

E: Sim.. (risos)

L: E ela acha que depois de ter tido o Tiago que continuei na mesma, tipo juízo e...

E: Mesmo depois de teres o Tiago?

L: Ya, continuo sem juízo.

E: E estavas a dizer há bocado... que lá em casa, pronto, a tua mãe agora está mais em casa por que não está a trabalhar e depois... tu chegas e estás na sala com os teus irmãos e o que normalmente fazem é ver ali um bocado de televisão e brincar uns com os outros, ou assim com conversas, às vezes o teu irmão sai. E às vezes, costumam ir as tuas amigas lá casa?

L: Ya a minha mãe prefere que elas venham a casa do que eu vá a casa delas, porque antes de ter o Tiago mal parava em casa, mas passava a vida na rua, tipo, sempre em casa de amigas, ou estava com o meu namorado, ya, e isso deixava-a um bocado preocupada, tipo, ela ligava e eu dizia "ah já vou, já vou" e depois já nem lhe atendia mais o telefone, ya coisas assim

E: Hmhm

L: E... acho que, se ela vir as minhas amigas em casa, percebe "Ah ya ela ia a casa das amigas, mas ficavam assim tipo às conversas e não faziam nada" e há vezes em que eu estou com amigas e estamos ali na sala, mesmo ao pé da minha mãe, e outras vezes que eu estou no quarto com elas. E ela tipo, se calhar percebe, e elas as vezes ficam lá até as onze meia noite e tem dias que a minha mãe fala, "Ah mas isto agora é todos os dias" e não sei quê.

F : E tu achas que é uma coisa que a tua mãe gosta muito ou que não gosta muito?

L: Não, ela gosta que elas vão lá, mas tipo se vêm durante uma semana toda e depois, tipo,

começam a fazer barulho e tal é isso que lhe chateia, mas não se importa que vão lá a casa

E: E a tua mãe tem amigos lá em casa, as vezes vão amigos ou amigas?

L: Tios?

E: Sim, da tua mãe

L: Raramente, a minha mãe não é uma pessoa muito social, tanto que quando ela trabalhava era só mesmo trabalho de casa, e ao fins-de-semana vai ter com as sobrinhas delas que moram na margem (Sul) e vai para lá, tipo este fim-de-semana, ela foi lá passar o fim-de-semana com elas e coiso, e a gente aceita isso, não há problema... mas tipo tios assim também não é muito coiso

E: Tios ou tias

L: Sim, mas como o meu pai não esta cá não vão aparecer lá homens em casa. Mas é raro é mesmo só quando há festas ou morre alguém, ou passam ali perto e vão lá cumprimentá-la e tal, mas não, não é muito frequente

E: E de... pronto essas tias que estavas a dizer que a tua mãe ia lá passar o fim-de-semana, tu e os teus irmãos conhecem e gostam?

L: Sim, sim, são sobrinhas dela e têm filhos, nossos primos, crescemos praticamente todos juntos, e ela está sempre lá

E: E a tua mãe, as tuas amigas conhece-as bem?

L: Sim

E: E os teus irmãos?

L: Hmhm

E: Os teus irmãos também costumam ter amigos lá em casa

L: Ya

E: E a tua mãe também

L: Aceita, aceita bem todos

E: E tu não te importas que eles estejam lá, gostas?

L: Ya, eu gosto

E: É tranquilo todos terem amigos lá em casa

L: Hmhm

E: E... quando estavas a dizer, há bocado, que a tua mãe não gosta muito, que prefere que as amigas vão lá a casa do que sejas tu a sair. Com os teus irmãos também é assim?

L: Não sei, acho que é mais comigo, acho que é só mesmo pelo facto de eu já ter tido um filho, e

a atenção é porque se calhar não me conseguiu ter na mão, o medo que volte a acontecer outra vez. Porque eu podia-lhe dizer que estava na casa de uma amiga e não estava e só aparecia em casa as tantas da noite

E: Tu fizeste isso algumas vezes..?

L: Hmhm, várias vezes (risos) e chegava a dizer que estava a dormir em casa de amigas e não estava

E: E achas que a tua mãe sabia ou não sabia?

L: Não, ela não sabia, tipo eu passava o dia com uma amiga e ela falava com a mãe da minha colega que também falava e dizia que eu ia lá dormir, mas acabava por ir embora a meio da noite, ou tipo íamos sair a noite e eu já não voltava com ela... e coisas assim

E: Hmhm e isso era uma coisa que a tua mãe não..

L: Não sabia

E: E achas que se soubesse

L: Ia ficar chateada, nunca tive necessidade de mentir à minha mãe, se calhar se mentia era mesmo por medo da reacção dela.

E: Hmhm e, por exemplo, se quando tu dizias o que estavas a fazer, dizias que estavas em casa de uma amiga, para não dizer que estavas...

L: Com o meu namorado

E: Nesse caso é como se.. há uma regra que a tua mãe disse que é “não podes passar a noite fora”

L: Fora, mas eu podia passar fora, mas tipo sem lhe ter dito que tinha um namorado e, ir dormir com um rapaz...

E: Isso é coisa que para a tua mãe não.. estavas a dizer “tenho um bocado de medo da reacção dela”, normalmente quando há regras, todas as famílias têm regras, umas mais umas menos

L: Por acaso ela é liberal, ela não me proíbe de namorar, é só que acho que não me sinto a vontade de dizer que estou a namorar, é só mesmo isso

E: Estavas a dizer tenho medo da reacção, achas que é fácil de pensares o que pode ser uma reacção ou tens medo mesmo porque não sabes o que é que pode ser?

L: Sim, não sei, pode ser tipo má altura, ela pode ficar chateada, porque eu também saía bastante à noite e ela de certeza que me ia proibir as saídas e tal, tipo... tinha que ter mais controlo de mim mesma, porque ela era bué liberal, deixava-me fazer tudo, deixava-me sair, passear e essas cenas todas, e pronto.. acho que agora, se eu dissesse que tinha um namorado, ela até ia ficar contente porque o que ela quer mesmo é que eu esqueça o pai da criança, tanto que ela já me disse várias vezes “Ah tu podes arranjar qualquer pessoa e continuas sempre a bater na mesma tecla”

E: E achas que... a experiência que a tua mãe teve contigo, que és a mais velha, com os teus irmãos é igual ou, em termos das regras..?

L: Os nossos comportamentos são completamente diferentes, eu sempre fui a brincalhona, sempre fui a sempre alegre que acordava toda a gente e pronto, ela sentiu que comigo, ya, aconteceu muito mais rápido porque eu passava sempre a vida fora de casa e tipo falava pouco com ela e ela até se admira de ter acontecido tarde, porque já quase todas as minhas amigas e primas são mães e ela dizia “Tu não seres é um espanto”, mas acabou por acontecer (risos), e eu até lhe dizia “Ah tanta boca, tanta boca, porque se fosse para engravidar já tinha engravidado” e depois acabou por acontecer.

E: E foi uma coisa que foi planeada?

L: Não, aconteceu. Tanto que eu queria tirar e ela não me deixou tirar.

E: A tua mãe?

L: Hmhm

E: Isso foi... a tua mãe fez pressão?

L: Não, tanto que quando eu estava desconfiada falei logo com o pai da criança e eu disse “Acho que estou, mas vou fazer os exames e de qualquer das maneiras se tiver vou tirar” ya, e ele na altura disse que era do contra, mas se eu achava que era a melhor solução, ya, ele estava do meu lado. Depois eu fiz os testes, fui ao centro de saúde, tratei logo de tudo, tipo disse à enfermeira que queria tirar e ela disse que era para eu pensar melhor, mas entretanto deu-me a carta de encaminhamento que era para ir para o hospital para marcar. Na altura estava a estudar, já estava no décimo segundo e a minha DT (directora de turma) disse que isso era uma cena que eu devia falar primeiro com a minha mãe antes de fazer sozinha, porque ela (mãe) esteve sempre ao meu lado e agora ir fazer uma cena dessas às escondidas era mau. Então, eu já ia ao hospital nesse dia e liguei-lhe antes a dizer que estava a ir para o hospital marcar uma consulta para abortar e tal, mas não lhe disse que estava grávida, disse logo que ia abortar ya [riu-se] e ela disse “O quê? Que conversa é essa? Vem para casa, vamos falar”. Quando eu cheguei a casa ela não estava, mas depois disse-me “Estás grávida, não é? Então pronto, essa criança não vais tirar, se tirares saís daqui” ya... e ainda pensei em tirar sim senhora, mas se eu tirasse ia ter de sair dali e eu não ia abdicar disso.

E: Porquê?

L: Sair de casa para ir morar com ele depois de tirar a criança já não tinha motivos para ficar com ele, gostava dele, estávamos bem naquela altura, mas acho que não ia dar certo e depois, se me deixasse de dar com ele, já não tinha a minha mãe comigo.

E: Portanto, a tua mãe é uma pessoa importante para ti

L: Ya...

E: E assim, há bocado estavas a dizer que “Há cenas que eu só falo com as minhas amigas”, mas...

L: É só mesmo porque eu não sinto aquele à vontade, não digo que a minha mãe não ia estar ali para me apoiar, é só mesmo porque eu não sinto aquele à vontade para falar com a minha mãe.

E: Mas por exemplo, nesse caso, foi uma situação muito marcante para ti, foi uma coisa que, do que estou a perceber, mexeu muito contigo, e é normal que assim seja. Procuraste a tua mãe e a tua mãe esteve disponível para ti, e tu também para falar com ela. Achas que isso é uma coisa importante para ti, poderes falar com a tua mãe? Saberes que pode escolher o que falas e o que não falas, mas que

quando precisas ela ouvir?

L: Ya

E: Dirias que isso é uma coisa boa?

L: É bom, é bom. Ela sabe que eu não sou de parar com ela e dizer-lhe o que se está a passar comigo naquele momento, mas sabe que se eu estiver aflita hei-de ir ter com ela, tipo, antes de procurar ajuda na rua, tipo em amigas, falo com ela primeiro, isso ela percebe, chateia-lhe um bocado, ela diz que eu prefiro comentar a minha vida com pessoas estranhas do que desabafar com ela, mas só que não é bem assim, são pessoas que convivem comigo no dia-a-dia, tipo sabem tudo de mim, ya acho que vou-me sentir mais à vontade a falar com elas do que contigo (mãe), chateia-lhe não é, mas ela aceita.

E: Hmhm, mas aceita, ok. Tu estavas a dizer que é importante para ti falares com a tua mãe e que é bom saberes que se for preciso ela está lá. Tu dirias que lá em tua casa é assim para todos? Sabem com quem podem contar?

L: Normalmente os meus irmãos contam mais comigo do que com a minha mãe porque a minha mãe é bué... qualquer coisa ela dá logo na cabeça, tanto um desabafo como um problema, e eles antes de falarem com a minha mãe falam sempre comigo.

E: Ok, mas eles preferem falar contigo assim quando têm um problema mais sério, do que com os amigos fora?

L: A minha irmã não é muito de comentar a vida dela com outros, o meu irmão pronto, é uma criança qualquer coisa que aconteça ele vem logo falar comigo, nem vai à minha mãe, tem mesmo medo.

E: Tem medo de quê, tens ideia?

L: Ah, a minha mãe é má, ela é demasiado rígida é isso, e assusta.

E: É rígida em termos das regras é isso?

L: Sim, ficar de castigo e tal.

E: Então a tua mãe é muito rígida, e os teus irmãos procuram falar contigo, se calhar porque não és tão rígida como a tua mãe?

L: Eu ouço e consigo compreendê-los, a minha mãe não, tipo ela tem uma ideia, a dela é que está certa.

E: Hmhm, portanto há um bocadinho opiniões diferentes lá em casa

L: Sim, mas tipo, ao sentarmo-nos todos a que vai prevalecer mais é a da minha mãe, tipo ela é a dona de casa, logo a ideia dela é a melhor, ela sabe o que é melhor para nós

E: E vocês?

L: Temos de tentar chegar a um acordo e aceitar a dela primeira e a nossa se calhar é segunda opção, mas ela ouve-nos, sim senhora

E: E vocês ouvem o que ela tem a dizer?

L: Sim

E: Portanto quando há uma coisa que é preciso decidir, há uma negociação entre todos

L: Sim, sim

E: Ou no fim ganha a tua mãe?

L: No fim e ao cabo acabamos por acreditar que a dela é melhor que a nossa. se um dia nos sentarmos, ya, acabamos por dizer que “Sim, a mãe tem razão”

E: E acham mesmo, ou é só para fazer o favor?

L: Às vezes sim, tipo ela tem mais experiência de vida do que nós e qualquer conselho que ela nos dê acho que será melhor do que o nosso. Está mais vivida.

E: Ok, e com essas negociações e ouvindo o que uns e outros têm para dizer, dirias que a tua família é organizada?

L: Sim, diria que sim. Tipo, se forem assuntos mais graves, sentam-se terceiros, tipo primos da minha mãe, irmãos e cenas assim. Uma pessoa com quem ela desabafa bastante é a madrinha da minha irmã

E: Então a tua mãe também sabe com quem pode contar também para as coisas dela.

L: Ya...

E: E assim mais no dia-a-dia, como é que são, por exemplo, as tarefas lá em casa?

L: Não fazemos muito, tipo limpamos a casa, quem cozinha é a minha mãe, mas não participamos assim tanto, só limpamos mesmo.

E: Ok, e cada um sabe o que é que tem que limpar ou não, isso está definido?

L: Não tipo, lavamos a loiça, eu e a minha irmã, o meu irmão não faz nada só arruma mesmo a cama, eu e a minha irmã lavamos a loiça uma semana cada, quando está na minha semana de lavar loiça eu arrumo a cozinha e ela fica com a sala.

E: Ok e depois troca?

L: Sim

E: E quem é que decidiu que era assim?

L: A minha mãe

E: E vocês tiveram uma palavra a dizer ou não?

L: Não, acabámos por aceitar porque dantes era um dia cada, mas depois começou a haver confusão porque eu lavava num dia e a minha irmã dizia que tinha lavado no dia em que eu lavei, sempre assim e estávamos sempre a discutir e a minha mãe disse “então pronto, para não haver confusões fica uma semana cada” e ficou assim

E: E está a correr bem assim?

L: Sim

E: Ok. E não sei se gostam ou se não gostam de ter de limpar...

L: Eu não gosto!

E: E a tua irmã?

L: Ah, sim ela faz qualquer coisinha não é? Eu tipo, não sou desorganizada, gosto de ter sempre tudo limpo, mas limpar não é comigo. [risos]

E: E, por exemplo, quando vocês jantam ou almoçam, depois a loiça fica suja, e começaram a ser vocês a limpar porque a vossa mãe disse ou porque tiveram essa iniciativa?

L: Não tipo, para aí até aos meus quinze anos ou assim, era sempre a minha mãe a fazer, só depois é que comecei a ajudar, ela disse “Ah, tens de começar a ajudar em casa” a lavar a loiça e não sei quê.

E: Começaste a ajudar porque tu quiseste?

L: Não ela disse-me “Tens de começar a ajudar, já estás a ficar mulherzinha”, sim e comecei por lavar loiça, comida, comida nunca fiz, eu ajudo-lhe de vez em quando, por exemplo, ela na altura em que trabalhava comprava logo a carne deixava no frigorífico, eu tinha de pôr no lume até ela chegar e ela depois fazia o resto. Ela começava chegar tipo 18h30 ou às 18h00, e eu punha no lume e, até ela chegar, já estava mais ou menos cozido que era para ela continuar o resto. Foi sempre mais apoio, nunca era eu a fazer.

E: E hoje em dia?

L: Ah, é mais ela que faz.

E: Então, em termos das tarefas de limpar, de cozinhar, quem é que orienta a distribuição das tarefas?

L: Acaba sempre por ser a minha mãe

E: Hmhm, e quando, por exemplo tu concordas com todas as tarefas que há em tua casa?

L: Sim, não tenho razões de queixa.

E: E das regras que há, há alguma que tu gostavas que fosse diferente, que não existisse ou que mudasse?

L: Oh, a casa limpa tem de ser não á? Alguém tem de fazê-lo, acho é injusto ser só uma pessoa a limpar se somos todos nós que sujamos.

E: Porque é um por semana... por exemplo na tua semana, a semana anterior não limpaste, mas na tua semana.

L: Não, eu limpei. Se eu estou a lavar a loiça eu fico naquela semana a lavar a cozinha todos os

dias e, a minha irmã, fica a limpar a sala todos os dias.

E: Ok e depois troca.

L: Sim.

E: Mas tu dizias que não é justo ser só uma pessoa.

L: Sim, acho que não é justo ser só uma pessoa a limpar a casa todos os dias sozinha.

E: Ah, e por isso concordas com ser dividido.

L: Sim, com as tarefas divididas.

E: Ok, mas mudavas alguma coisa se pudesses?

L: Eu não fazer nada [risos]

E: Ok, se fosse possível

L: Ya

E: E quando imagina, estavas a dizer “É a minha semana de limpar, mas se pudesse eu não fazia nada” e imagina que não fazias, e há uma regra que é “Esta semana é a Leonor que limpa a sala ou a cozinha”, e se tu não limpares? Estás a quebrar uma regra, a regra da limpeza?

L: Há-de haver sempre um dia em que a casa não está assim tão suja, acho que se eu não limpar um dia também não...

E: Mas imagina que estava e que tu não limpavas.

L: Ah sim, a minha mãe ia falar bué “Ah estás a ver a casa toda suja e não estás a fazer nada e não sei que não sei que mais”...

E: Achas que havia alguma consequência para ti?

L: Não tipo, ela ia falar bué, mas ia acabar por calar e eu tipo, de não a querer ouvir ia acabar por limpar. Ouvir a minha mãe a dar-me na cabeça e ignorar não.

E: Achas que é fácil de perceber, quando lá em casa alguém faz alguma que não suposto, quando alguém vai contra uma regra, é fácil perceber o que é que vai acontecer ou não? Quais é que são as consequências?

L: Ela irrita-se. Bater, a minha mãe já não nos bate, não é, mas fica irritada. e ao ficar irritada fica chata, por isso a gente evita

E: Mas então é fácil para ti, imagina, “Agora não vou fazer isto porque não me apetece nada, mas já sei que o que vai acontecer é, neste caso, a minha mãe vai falar imenso, imenso, imenso”.

L: Ya.

E: E tu sabes que é isso que vai acontecer, não é imprevisível?

L: Não.

E: Ok. E mesmo sem ser, agora perguntei sobre as regras, mas mais assim no geral, em tudo, havia assim alguma coisa que tu gostavas muito que fosse diferente?

L: Dentro de casa?

E: Sim.

L: Acho que tenho uma boa família, bom ambiente, acho que não...

E: Não havia assim nada que tu gostavas que mudasse. Agora, tu hoje vieste aqui falar comigo, depois vem a tua mãe, e depois nós vamos lá a casa, tu achas que este processo das sessões que nós vamos fazer em família pode ser uma coisa boa?

L: Pode.. pode ser.. mas acho que será mais para abrir a mente da minha mãe, se calhar ela não nos percebe assim tanto, tipo eu não digo que ela tenha uma mente retardada porque, em relação ao meu pai, ela é mais mente aberta.

E: O que é que queres dizer com isso?

L: Tipo.. o facto de ela não aceitar o Mário lá em casa porque acha que está a desrespeitar o meu pai, tipo neste momento ela é que é a dona da casa porque o meu pai não está, tanto que é ela que paga as contas e não sei quê. Acho que está a ser um bocadinho burrinha a ainda ter a palavra do meu pai como... Tipo, achar que está a desrespeitar o meu pai ao eu trazer ele lá a casa. Se calhar, não digo insistir porque, se ela insistir connosco acho que a gente vai, vamos achá-la mais chata, se calhar se eu parasse com ela para lhe dizer “Olha agora estou a namorar com não sei quem e estamos assim, assim e assim” ela conseguia falar comigo sem me dar na cabeça, e dizia “Ah, mas não achas que não sei quê não sei que mais” tipo ouvir-me e esperar e ver o que é que acontece e só depois falar comigo e, se achar que está mal dizer.. coisas assim

E: Ok.. deixa-me só ver aqui se falámos sobre tudo.. sim. Há assim mais alguma coisa que tu gostasses de dizer?

L: Não.. acho que se houvesse um problema mesmo em casa era a minha mãe. Eu sei que quando ela cá vier vai-se fartar de falar de mim (risos). Sim porque a rebelde sou eu.

E: Tu tens a ideia de que a ideia que a tua mãe tem de ti é que tu és rebelde, que és “a rebelde” como tu disseste.

L: Ya, eu é que a desrespeito e isso, sim eu sei que.. até eu penso assim porque o não dela para mim é, não digo desafio, mas sim, tipo passo sempre por cima do não dela, tipo se ela diz não eu faço na mesma, ya...

E: E fazes porquê?

L: Porque eu acho que ela não está certa, tanto que, sexta-feira, eu era para vir cá falar com a Sara e não vim porque o pai do Tiago veio cá, que era para lhe buscar para ir passar o fim-de-semana com ele e a minha mãe não queria que ele fosse. Tanto que já lhe tinha dito que ia começar a deixá-lo levar o Tiago aos fins-de-semana e ela disse “Ah não, não devias fazer isso, não sei porque é que o fazes e não sei quê não sei que mais”. Eu deixei-o levar e ele estava lá em casa e ainda discuti com ela lá, ela ainda teve uma data de bocas com ele, e acabei por ficar chateada e já nem tinha cabeça para vir para aqui. E eu levei-lhe na mesma, ela falou com ele e disse “Olha, tu não vais levar o Tiago”, mas eu

fui-lhe levar e pronto, dei-lhe o Tiago para ele levar e ele trouxe-o no domingo à tarde, tanto que ele foi e a minha mãe teve que aceitar, pronto já lá está e já não pode fazer nada. Acho que isso são decisões minhas que ela devia respeitar porque, se eu estou a fazer isto, é para o bem dele também.

E: Sim.. mas era uma coisa que tu gostavas que algumas decisões sobre o Tiago, que a tua mãe respeitasse mais.

L: Ya, também já disse, gostava dele, sim senhora, e queria ficar com ele, ya já lhe contei, tipo ela sabe das cenas que acontecem, ya, e isso se calhar ainda lhe deixa com um bocado mais raiva e prefere que eu o tire da minha vida mesmo, e tipo acho que me devia dar mais apoio. Mesmo sabendo que eu gosto dele manda-me esquecer e cenas assim e sei lá, dói-me um bocadinho.

E: E gostavas que isso fosse diferente?

L: Ya, ela aceitá-lo

E: Vamos vendo agora quando formos lá a casa... e estamos também com os teus irmãos e com o Tiago. Pode ser, achas que eles também alinham?

L: Hmhm

E: Acho que é importante.. é a família, vocês vivem todos juntos e faz-me sentido que também estejam todos juntos.

L: Nas decisões

E: Nas decisões, nas conversas..

L: Ya, ok

E: Ok. Obrigada Leonor, obrigada por este bocadinho

L: Obrigada eu

E: Vou-te só pedir aqui para assinar